



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

ISOLDA SANTIAGO DOS SANTOS

**IMAGINÁRIO DE ESTUDANTES SOBRE O INGRESSO NO CURSO DE
CIÊNCIAS SOCIAIS NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**

CAMPINAS

2024

ISOLDA SANTIAGO DOS SANTOS

**IMAGINÁRIO DE ESTUDANTES SOBRE O INGRESSO NO CURSO DE
CIÊNCIAS SOCIAIS NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**

Dissertação apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestra em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Michel Nicolau Netto

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À
VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO
DEFENDIDA PELA ALUNA ISOLDA
SANTIAGO DOS SANTOS, E ORIENTADA
PELO PROF. DR. MICHEL NICOLAU NETTO.

CAMPINAS

2024

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/3387

Sa59i Santos, Isolda Santiago dos, 1999-
Imaginário de estudantes sobre o ingresso no curso de Ciências Sociais na
Universidade Estadual de Campinas / Isolda Santiago dos Santos. – Campinas,
SP : [s.n.], 2024.

Orientador: Michel Nicolau Netto.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP),
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). 2. Ciências sociais. 3.
Estudantes. 4. Imaginário. 5. Ensino superior. I. Nicolau Netto, Michel, 1978-. II.
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas. III. Título.

Informações Complementares

Título em outro idioma: Students' imaginary about entering the Social Sciences course at
the State University of Campinas

Palavras-chave em inglês:

Social sciences

Students

Imaginary

Higher education

Área de concentração: Sociologia

Titulação: Mestra em Sociologia

Banca examinadora:

Michel Nicolau Netto [Orientador]

Mariana Miggiolaro Chaguri

Hivy Damasio Araújo Mello

Data de defesa: 27-05-2024

Programa de Pós-Graduação: Sociologia

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0003-0788-0648>

- Currículo Lattes do autor: <https://lattes.cnpq.br/8082627958065594>



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Dissertação de Mestrado, composta pelos(as) Professores(as) Doutores(as) a seguir descritos, em sessão pública realizada em 27 de maio de 2024, considerou a candidata Isolda Santiago dos Santos aprovada.

Prof. Dr. Michel Nicolau Netto

Profa. Dra. Mariana Miggiolaro Chaguri

Profa. Dra. Hivy Damasio Araújo Mello

A Ata de Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertações/Teses e na Coordenadoria do Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação é fruto de dois anos de trabalho inspirado, apoiado e construído coletivamente por todos e todas aquelas que cruzaram meu caminho e deixaram suas marcas.

Agradeço primeiramente à Ivana Santiago dos Santos, a maior incentivadora e primeira referência próxima sobre a possibilidade de ocupar um lugar no mundo acadêmico, que é tão distante da história da nossa família. Agradeço também Isadora Santiago dos Santos, Odinalva Pereira Santiago, Ezequias Florêncio dos Santos Filho, Leonardo Soares Coelho e Isabela Letícia Cassis Augusto, que se fizeram presentes e me acompanharam nas alegrias e angústias durante toda minha formação.

Agradeço à Letícia Almeida Lacerda, que desde o meu primeiro ano na universidade demonstrou uma confiança imensa no meu trabalho e sempre esteve comigo, me oferecendo um suporte que talvez eu nunca consiga retribuir. Mesmo deixando as ciências sociais, ela me apoiou em todas as etapas e escutou todas as ideias que tive, até as mais absurdas, com a maior gentileza do mundo.

Agradeço à Grazielle Delforno, minha companheira do Programa de Residência Pedagógica, que me ensinou e ajudou tanto. Por ela ter sido a pessoa que me fez retomar o interesse pela filosofia, sou imensamente grata. Isso certamente me tornou uma pessoa melhor.

Agradeço ao Guilherme Renan que, além de meu amigo, é alguém que admiro muito profissionalmente. Ter conhecido ele me fez repensar sobre meu lugar na universidade e no mundo e o quanto um intelectual negro pode transformar realidades.

Agradeço ao meu amigo Guilherme Maia (ou Kinnoko) e sua comunidade online pelas lives de estudo realizadas semanalmente, por meio das quais consegui apoio para ler e escrever muitas páginas que de alguma forma se refletem nesta dissertação.

Após meu ingresso no mestrado, algumas pessoas que já eram conhecidas da graduação se tornaram mais presentes, como foi o caso do Mateus Lisboa. Acredito que ele seja um dos amigos da pós-graduação que mais me identifico e confio, portanto, também é importante direcionar minha gratidão.

Destaco a importância dos amigos que fiz por meio da equipe de Taekwondo da UNICAMP e do cursinho PROCEU Conhecimento, pois esses espaços me proporcionaram acolhimento e aprendizagem desmedidos.

Agradeço Laís Barreto, Victória Vilas Boas, Sara Antunes, Fabiano Galletti, Mariana Martinelli, Silvio Matheus, Elisângela Lima, Carolina Pereira, Igor Zulian, Luan Prado Piovani, Agnus Lauriano, Luana Marques, Mariana Porto, Kéthelyn Lopes, Bruno Kobaiashi, Pedro Silveira, Giovanna Parmezani, Ana Vitória Cavalcante, Beatriz Silva, Ana Luisa Holthausen, Kênia Mattos, Renata Falavina, Francisco Prandi, Vinícius Alvim, Giulia Hashimoto e Thaís Rabelo por todas as conversas que tivemos no decorrer desses anos.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Processo 131852/2022-1.

Agradeço a todos os funcionários da UNICAMP, especialmente do IFCH, que contribuem com a construção e manutenção desse espaço e possibilitam a existência de

trajetórias como a minha. Em relação aos docentes, agradeço a todos que passaram por minha vida em algum momento, mas acredito ser importante mencionar alguns individualmente.

Agradeço à professora Bárbara Geraldo de Castro, que foi minha primeira referência do Departamento de Sociologia na graduação e quem me influenciou por meio de suas aulas a seguir esse caminho.

Agradeço ao professor Sávio Machado Cavalcante, que me incentivou a escrever sobre temas diversos de pesquisa e mostrou que a sociologia é plural.

Agradeço ao professor Gustavo Freitas Rossi, que foi tão gentil ao explicitar em suas aulas as diferentes formas de se estar e produzir na academia, sem que isso significasse engessar o próprio estilo de escrita.

Agradeço ao professor Fabio Mascaro Querido, que contribuiu na melhoria do projeto a partir de sua leitura atenta e comentários bastante pertinentes no primeiro semestre do mestrado.

Agradeço ao professor Pedro Peixoto Ferreira, que apoiou imensamente a realização desta pesquisa ao ceder espaço em suas aulas para a divulgação do questionário, além de se demonstrar sempre solícito.

Agradeço à Hivy Damasio Araújo Mello, que é um dos meus grandes exemplos da Sociologia da Educação e que fico feliz por ter feito parte da minha banca de qualificação e de defesa. Além de ter me dado a oportunidade de ser monitora na minha disciplina favorita do IFCH (Educação e Sociedade) por meio do Programa de Apoio Didático, ela continua tendo uma importância enorme em minha trajetória.

Agradeço à professora Mariana Miggiolaro Chaguri, que também, felizmente, fez parte da minha banca de qualificação e defesa. Desde o meu ingresso na pós-graduação, ela demonstrou interesse em minha pesquisa e me concedeu oportunidades muito enriquecedoras – como a de poder ter contribuído com o estudo *Futuros do Trabalho nas Ciências Sociais* – que me ensinaram e motivaram significativamente.

Por fim, mas não menos importante, agradeço e dedico também esta dissertação ao meu orientador, professor Michel Nicolau Netto. Sei que devo ter dado um pouco de trabalho extra para ele, porque estar na universidade sem corresponder exatamente ao modelo de aluno que esse ambiente espera é desafiador, não só para o estudante, mas também para os docentes. Mesmo assim, sem dúvidas, eu não poderia ter tido um orientador melhor. Aprender a fazer sociologia com ele foi um dos grandes privilégios que a UNICAMP me forneceu.

Gostaria ainda de agradecer a todas e todos que transformam dia a dia o contexto acadêmico em um espaço mais acolhedor, praticando uma ciência ética, inclusiva, engajada e questionadora a partir de uma perspectiva coletiva. Não é fácil, mas sigo com a confiança de que estar aqui vale a pena.

... como mulher negra, sempre tive aguda consciência da presença do meu corpo nesses ambientes que, na verdade, nos convidam a investir profundamente numa cisão entre mente e corpo, de tal modo que, em certo sentido, você está quase em conflito com a estrutura por ser uma mulher negra, quer professora, quer aluna. Mas, se você quiser permanecer ali, precisa, em certo sentido, lembrar de si mesma – porque lembrar de si mesma é sempre ver a si mesma como um corpo num sistema que não se acostumou com a sua presença ou com a sua dimensão física.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Martins Fontes: São Paulo, 2020.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi analisar, a partir da aplicação de questionário, quem são os ingressantes de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas no ano de 2023, buscando compreender aspectos relacionados à escolha pelo curso, além de conhecer suas referências e expectativas de atuação profissional na área após a formação. O mercado de trabalho para as ciências sociais tem passado por diversas transformações, principalmente no que tange a Reforma do Ensino Médio e o surgimento de novos postos de atuação para o sociólogo que não está inserido na universidade ou educação básica. Segundo dados do Censo Demográfico de 2010, os graduados em Ciências Sociais possuíam ocupações variadas, sendo a maioria em campos diferentes de sua formação, apontando para um descompasso entre o que se escolhe estudar e qual profissão se exerce considerando essa escolha. O que foi observado nos currículos dos cursos é que as universidades brasileiras, nos bacharelados e licenciaturas, formam cientistas sociais visando, respectivamente, a pesquisa acadêmica e o ensino escolar. Assim, outras atuações de prática e pesquisa sociológica que acontecem fora desses contextos não são necessariamente contempladas nas grades curriculares, ainda que correspondam à maior oferta de vagas para esses profissionais atualmente. Neste sentido, esta pesquisa se propôs a investigar o perfil e os imaginários de estudantes de Ciências Sociais no início da graduação, considerando a história do curso e as mudanças que vêm ocorrendo no contexto brasileiro.

Palavras-chave: ciências sociais; estudantes; imaginário; ensino superior; Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

ABSTRACT

The aim of this study was to analyze, using a questionnaire, who the entrants to the Social Sciences course at the State University of Campinas in 2023 are, in order to understand aspects related to their choice of course, as well as their references and expectations regarding working in the field after graduation. The job market for the social sciences has undergone several transformations, especially with the High School Reform and the emergence of new opportunities for sociologists outside of university or basic education. According to data from the 2010 Demographic Census, Social Sciences graduates pursued various occupations, with the majority working in fields different from their academic training. This suggests a mismatch between one's chosen field of study and the profession pursued based on that choice. What was observed in the course curricula is that Brazilian universities, in their bachelor's and licentiate degrees, primarily prepare social scientists for academic research and school teaching, respectively. Consequently, other areas of sociological practice and research that occur outside these contexts are not necessarily covered in the curricula, despite representing the majority of job vacancies for these professionals today. With this in mind, this study set out to investigate the profile of students at the beginning of their undergraduate studies, aiming to discuss the students' imaginary regarding their chosen course.

Keywords: social sciences; students; imaginary; higher education; UNICAMP.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Inscritos no vestibular de Ciências Sociais da UNICAMP de 2017 a 2022	43
GRÁFICO 2 – Sexo dos ingressantes matriculados em Ciências Sociais na UNICAMP em 2023	46
GRÁFICO 3 – Identidade de gênero dos respondentes	47
GRÁFICO 4 – Identidade de gênero dos respondentes divididos por turma	47
GRÁFICO 5 – Raça/cor dos matriculados em Ciências Sociais na UNICAMP em 2023	48
GRÁFICO 6 – Raça/cor dos respondentes do questionário	49
GRÁFICO 7 – Raça/cor dos respondentes divididos por turma	49
GRÁFICO 8 – Orientação sexual dos respondentes	50
GRÁFICO 9 – Idade dos matriculados em Ciências Sociais Integral na UNICAMP em 2023	51
GRÁFICO 10 – Idade dos matriculados em Ciências Sociais Noturno na UNICAMP em 2023	52
GRÁFICO 11 – Idade dos respondentes do questionário	52
GRÁFICO 12 – Idade dos respondentes divididos por turma	53
GRÁFICO 13 – Exercício de atividade remunerada pelos respondentes antes do ingresso na UNICAMP	54
GRÁFICO 14 – Exercício de atividade remunerada pelos respondentes antes do ingresso na UNICAMP	55
GRÁFICO 15 – Tipo de moradia da família dos matriculados em Ciências Sociais na UNICAMP em 2023	56
GRÁFICO 16 – Tipo de moradia da família dos respondentes	56
GRÁFICO 17 – Tipo de moradia da família dos respondentes divididos por turma	57
GRÁFICO 18 – Local onde os respondentes moravam antes do ingresso na UNICAMP	58
GRÁFICO 19 – Local onde os respondentes moravam antes do ingresso na UNICAMP divididos por turma	58
GRÁFICO 20 – Tipo atual de moradia dos respondentes	59
GRÁFICO 21 – Tipo atual de moradia dos respondentes divididos por turma	59
GRÁFICO 22 – Meio de transporte mais utilizado pelos respondentes para o deslocamento da casa atual até a UNICAMP	60

GRÁFICO 23 – Meio de transporte mais utilizado pelos respondentes para o deslocamento da casa atual até a UNICAMP divididos por turma	60
GRÁFICO 24 – Escolaridade da mãe ou responsável dos matriculados em Ciências Sociais Integral na UNICAMP em 2023	62
GRÁFICO 25 – Escolaridade da mãe ou responsável dos matriculados em Ciências Sociais Noturno na UNICAMP em 2023	62
GRÁFICO 26 – Escolaridade do responsável 1 e 2 dos respondentes	63
GRÁFICO 27 – Escolaridade do responsável 1 dos respondentes divididos por turma	63
GRÁFICO 28 – Escolaridade do responsável 2 dos respondentes divididos por turma	64
GRÁFICO 29 – Renda familiar mensal total dos ingressantes matriculados em Ciências Sociais na UNICAMP em 2023	65
GRÁFICO 30 – Renda familiar mensal total dos respondentes	65
GRÁFICO 31 – Renda familiar mensal total dos respondentes divididos por turma	66
GRÁFICO 32 – Respostas para as perguntas sobre ser comum conversar sobre vida escolar, escolha profissional e universidade	69
GRÁFICO 33 – Preparação dos respondentes para o ingresso na UNICAMP	70
GRÁFICO 34 – Preparação dos respondentes para o ingresso na UNICAMP divididos por turma	70
GRÁFICO 35 – Meio pelo qual os respondentes tiveram maior contato com as temáticas das ciências sociais	71
GRÁFICO 36 – Segundo meio pelo qual os respondentes tiveram maior contato com as temáticas das ciências sociais	72
GRÁFICO 37 – Contato que os respondentes tiveram com os autores da bibliografia do curso antes do ingresso	73
GRÁFICO 38 – Contato que os respondentes tiveram com os autores contemporâneos de temas das ciências sociais antes do ingresso	75
GRÁFICO 39 – Relação que os respondentes tinham com os produtores de conteúdo sobre ciências sociais antes do ingresso	76
GRÁFICO 40 – Fator mais relevante para a escolha dos respondentes pelo curso	78
GRÁFICO 41 – Segundo fator mais relevante para a escolha dos respondentes pelo curso	78
GRÁFICO 42 – Fator menos relevante para a escolha dos respondentes pelo curso	79
GRÁFICO 43 – Motivo principal da escolha dos ingressantes matriculados em Ciências Sociais pelo curso no vestibular em 2023	80
GRÁFICO 44 – Fator mais relevante para a escolha dos respondentes pela UNICAMP	81

GRÁFICO 45 – Segundo fator mais relevante para a escolha dos respondentes pela UNICAMP	82
GRÁFICO 46 – Fator menos relevante para a escolha dos respondentes pela UNICAMP	82
GRÁFICO 47 – Motivo principal da escolha dos ingressantes matriculados em Ciências Sociais Integral pela UNICAMP em 2023	83
GRÁFICO 48 – Motivo principal da escolha dos ingressantes matriculados em Ciências Sociais Noturno pela UNICAMP em 2023	83
GRÁFICO 49 – Área de maior interesse para atuar profissionalmente de acordo com os respondentes	84
GRÁFICO 50 – Área de segundo maior interesse para atuar profissionalmente de acordo com os respondentes	85
GRÁFICO 51 – Área de menor interesse para atuar profissionalmente de acordo com os respondentes	85
GRÁFICO 52 – Comparação entre os dados da Comvest e da Pesquisa Atual sobre sexo/gênero dos ingressantes de Ciências Sociais de 2023 do período noturno	102
GRÁFICO 53 – Comparação entre os dados da Comvest e da Pesquisa Atual sobre sexo/gênero dos ingressantes de Ciências Sociais de 2023 do período noturno	102
GRÁFICO 54 – Comparação entre os dados da Comvest e da Pesquisa Atual sobre raça/cor dos ingressantes de Ciências Sociais de 2023 do período integral	103
GRÁFICO 55 – Comparação entre os dados da Comvest e da Pesquisa Atual sobre raça/cor dos ingressantes de Ciências Sociais de 2023 do período noturno	103

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Distribuição dos indivíduos respondentes do questionário no espaço social	88
FIGURA 2 – Categorias ativas utilizadas na construção do espaço social	91
FIGURA 3 – Elipses formadas a partir dos conjuntos de rendas dos respondentes	92
FIGURA 4 – Categorias suplementares utilizadas para a análise do espaço social	93
FIGURA 5 – Meio principal de contato dos estudantes com as ciências sociais	94
FIGURA 6 – Motivo pelo qual o estudante escolheu cursar Ciências Sociais	95
FIGURA 7 – Motivo pelo qual o estudante escolheu estudar na UNICAMP	96
FIGURA 8 – Área de maior interesse para atuar profissionalmente	98
FIGURA 9 – Área de maior interesse dentro das ciências sociais	100

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
Caminhos da Pesquisa.....	15
Delimitando um problema sociológico.....	20
Construção do questionário.....	25
CAPÍTULO 1: Mercado de trabalho para cientistas sociais no Brasil.....	29
1.1 Desfinanciamento do ensino e pesquisa no Brasil.....	31
1.2 A presença das ciências sociais na educação básica.....	35
1.3 Mercado ampliado dos cientistas sociais.....	39
CAPÍTULO 2: Quem são, o que sabem e o que pretendem os ingressantes?.....	42
2.1 Breve histórico da UNICAMP e do IFCH.....	42
2.2 Perfil estudantil dos ingressantes de 2023 do IFCH/UNICAMP.....	45
2.3 Conhecimento dos estudantes sobre o campo das ciências sociais.....	68
2.4 Expectativas a partir da formação.....	77
CAPÍTULO 3: Interesses, expectativas e desigualdades sociais.....	87
3.1 Construindo o espaço social da análise.....	89
3.2 Contato prévio com as ciências sociais, motivação da escolha e o espaço social.....	94
3.3 Relação entre interesses, expectativas profissionais e espaço social.....	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	108
APÊNDICES.....	114
ANEXOS.....	123

INTRODUÇÃO

O texto da dissertação está dividido em três capítulos, além de contar com esta introdução e as considerações finais. Aqui, discorro sobre a justificativa do projeto, os percursos realizados, as dificuldades encontradas, as motivações e bases da pesquisa, o processo de construção do questionário e as estratégias adotadas para o desenvolvimento do estudo. No primeiro capítulo, dedicado à contextualização, apresento um breve histórico do mercado de trabalho para as ciências sociais no Brasil para demonstrar onde esta dissertação se insere nos estudos acerca da temática. No segundo capítulo, apresento o caso da UNICAMP e os resultados iniciais da pesquisa. No terceiro capítulo, discuto o cruzamento dos dados, trabalhando de forma mais aprofundada os achados da pesquisa a partir da análise de correspondência das respostas obtidas no questionário aplicado.

Caminhos da Pesquisa

Por meio da realização de levantamento bibliográfico, que será apresentado mais adiante, utilizando palavras-chave relevantes para este estudo, nos Periódicos da CAPES e Google Acadêmico, foi possível constatar que existem poucas pesquisas atuais sobre estudantes de graduação em Ciências Sociais no Brasil, principalmente pensando em ingressantes. Os trabalhos que mais se aproximam do meu problema sociológico foram realizados há bastante tempo e majoritariamente em outras universidades, sendo que nenhum deles constrói exatamente a mesma pergunta¹. Além disso, a maioria das pesquisas sobre o tema se concentra nos cientistas sociais já formados.

Desde antes do meu ingresso em Ciências Sociais na Universidade Estadual de Campinas, considerava o ato de falar sobre a área um desafio que se apresentava de maneira labiríntica, tanto no contexto familiar e escolar quanto nas tentativas de inserção no mercado de trabalho. A esfera das ciências sociais parece não ser realmente compreendida em relação ao que se propõe, quais contribuições é capaz de fornecer e os diferentes trajetos que pode traçar para dialogar com os mais variados debates. Assim que decidi seguir este caminho,

¹ Recentemente, encontrei o livro *Perfil social, aspirações e motivações profissionais de estudantes de graduação em Ciências Sociais da UFPE* (Fonte, 2021), que apresenta questionamentos parecidos com os do presente estudo, mas tendo como sujeitos de pesquisa alunos em diferentes etapas de formação na Universidade Federal de Pernambuco, além de contar com metodologia mista (survey e entrevistas).

constantemente se fez necessário buscar referências de disciplinas correlatas para tentar explicar para pessoas de fora do campo o que estudo.

Simon Schwartzman inicia seu texto *As ciências sociais nos anos 90* dizendo que ninguém está satisfeito com as ciências sociais. Ele afirma que para alguns “elas são muito teóricas, abstratas, e não contribuem para resolver os problemas do país; para outros, predomina a pobreza teórica, a falta de rigor analítico, a preocupação desordenada com questões imediatistas” (Schwartzman, 1991, p. 51). Ainda aponta críticas de parte da população aos comportamentos de estudantes de graduação e ao elitismo das pós-graduações. Esses vários problemas do campo podem ser indicados para defender a ideia de que o estado de crise é permanente nas ciências sociais e que isso muito se relaciona com o distanciamento entre as universidades e as demandas concretas da sociedade, não só na década de 1990, mas atualmente também (Vianna *apud* COC/Fiocruz, 2013).

No dia 25 de abril de 2013, em um evento vinculado ao Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz), o sociólogo Luiz Werneck Vianna afirmou que a sociedade ainda não descobriu os cientistas sociais (Vianna *apud* COC/Fiocruz, 2013). Autor de *A institucionalização das ciências sociais e a reforma social* (1994), Vianna fez dupla crítica ao pontuar que cientistas sociais não ocupam certos espaços em que seu conhecimento seria de grande aproveitamento e as instituições públicas e privadas também não estão realmente abertas para serem ocupadas por esses profissionais. Sua análise demonstrava preocupação com a falta de inserção tanto no mercado de trabalho quanto em debates relevantes para a sociedade e atribuiu isso também ao afastamento dos cientistas sociais brasileiros em relação a questões práticas e globais.

Ambas as avaliações, de Vianna (*apud* COC/Fiocruz, 2013) e Schwartzman (1991), comunicadas em diferentes momentos, sinalizam a necessidade de repensarmos as instituições e o próprio campo das ciências sociais, especialmente no que tange a formação e profissionalização. A imprecisão acerca do que são as ciências sociais que mencionei anteriormente não se dá pela ausência de um debate em busca por sua definição, mas porque existe uma pluralidade de interpretações sobre como enquadrá-las e porque elas não são paradigmáticas. Vários autores discorreram e ainda discorrem sobre esse tema, desde os clássicos, como Durkheim (2001) e Weber (1973) por exemplo, até contemporâneos já consagrados, como Giddens (2012) e Bourdieu (2020; 2021; 2023), em obras que tratam de tópicos e métodos abordados pelas ciências sociais. Além desses, mais recentemente muitos acadêmicos também estão produzindo inúmeros manuais de introdução às ciências sociais

por meio de diferentes abordagens teóricas e apresentação de autores importantes da área que se utilizam de métodos de pesquisa distintos².

A compreensão um tanto quanto difusa do que seriam as ciências sociais e o que faz um cientista social é, portanto, característica quase intrínseca à área, não havendo uma definição única e universal do que elas comportam. Nosso objeto de estudo e trabalho são as relações e instituições sociais. Nas palavras de Anthony Giddens (2012, p. 2), a sociologia é

o estudo da vida social humana, grupos e sociedades. É uma tarefa fascinante e constrangedora, na medida em que o tema de estudo é o nosso próprio comportamento enquanto seres sociais. A esfera de ação do estudo sociológico é extremamente abrangente, podendo ir da análise de encontros casuais entre indivíduos que se cruzam na rua até a investigação de processos sociais globais.

Os cientistas sociais produzem interpretações sobre a sociedade e podem tratar de questões abrangentes que são palpáveis a todas as pessoas e, por conseguinte, enquanto grupo especializado, não temos o domínio total de nossos temas. Mais do que em outras áreas do conhecimento, as temáticas das ciências sociais estão sempre em disputa a partir de diferentes lugares e simultaneamente, não havendo necessidade de se especializar para falar sobre elas. Desse modo, tanto fora quanto dentro do próprio campo das ciências sociais existem posicionamentos, perspectivas e abordagens teórico-metodológicas concorrentes. Sobre esse aspecto, Giddens afirma que “por vezes a discordância entre as diferentes posições teóricas é bastante extensa, mas esta diversidade é um sinal da força e da vitalidade da disciplina, e não uma fraqueza” (Giddens, 2012, p. 18).

As principais – mas não únicas – disciplinas que compõem as ciências sociais são sociologia, antropologia e ciência política. No Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da UNICAMP, temos um departamento para cada uma dessas áreas, além de um Departamento de Demografia. Existe um leque de possibilidades de atuação e até mesmo formação no curso de Ciências Sociais, pensando nas habilitações específicas disponíveis na universidade. Há também consideração das atuações de cientista social, antropólogo, cientista político e sociólogo na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) de forma separada; entretanto, no item 2511 da CBO são condensadas todas essas nomenclaturas juntamente de

² Apenas para citar um exemplo, existe um projeto sobre os clássicos das ciências sociais realizado por meio da Editora PUC-Rio e da Editora Vozes que traz títulos como *Antropólogos: De Edward Tylor a Pierre Clastres* (Rocha, Frid, 2015) e *Os sociólogos - Clássicos das Ciências Sociais: De Auguste Comte a Gilles Lipovetsky* (Telles, Oliveira, 2018).

paleontólogo e arqueólogo sob uma mesma descrição³, apesar de cada uma delas ter formação particular e representar profissões distintas.

Ainda na graduação, me interessei por vários temas de pesquisa, como é esperado de alguém que escolhe cursar uma área tão abrangente no ensino superior. Quando entramos na universidade, principalmente se somos recém-formados no ensino médio, ainda estamos descobrindo o que pretendemos fazer e que profissão almejamos desempenhar. As ciências sociais, enquanto carreira, ainda são pouco conhecidas fora do meio acadêmico e da internet. Decidir por este curso e mapear as possibilidades de inserção no mercado de trabalho é uma tarefa complexa, mesmo que, em meu caso, saiba que tenho escolhido corretamente o caminho que mais me identifico dentre todas as outras opções disponíveis.

Minha trajetória formativa nunca esteve desvinculada da pesquisa, pois desde o meu segundo ano na UNICAMP, quando fiz iniciação científica⁴, não deixei esta área mais. Não convém neste momento me ater a outros problemas sociológicos que desenvolvi e desenvolvo enquanto pesquisadora, mas para explicar como cheguei no tema deste projeto em específico, é preciso reconhecer que ter interesses tão distintos e contato com conteúdos bastante diversos foram fatores que me levaram a querer saber o que leva as pessoas, incluindo eu mesma, a buscarem respostas nas ciências sociais.

Entretanto, meu projeto apresentado inicialmente ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia do IFCH/UNICAMP no processo seletivo era bem mais extenso e continha maiores dificuldades, as quais foram pertinente e pacientemente pontuadas pelo meu orientador. O que submeti naquele primeiro momento como pergunta foi: quais as perspectivas de carreira de estudantes e egressos do curso de Ciências Sociais na UNICAMP? A ideia era aplicar questionários e realizar entrevistas com ingressantes e egressos sobre as expectativas de inserção no mercado de trabalho após a formação e comparar as respostas.

A princípio, existia o problema de dois grupos diferentes serem colocados como sujeitos de pesquisa, tanto porque isso aumentaria o trabalho na coleta de dados representativos de cada conjunto de pessoas, quanto porque o questionamento seria

³ Segundo a CBO, Antropólogo, Paleontólogo, Arqueólogo, Cientista político, Cientista social e Sociólogo estão no grupo de Profissionais em Pesquisa e Análise Antropológica Sociológica, que “realizam estudos e pesquisas sociais, econômicas e políticas; participam da gestão territorial e socioambiental; estudam o patrimônio arqueológico; gerem patrimônio histórico e cultural; realizam pesquisa de mercado; participam da elaboração, implementação e avaliação de políticas e programas públicos; organizam informações sociais, culturais e políticas; elaboram documentos técnico-científicos” (BRASIL, 2010, p. 337).

⁴ Entre 2019 e 2020, por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), desenvolvi a pesquisa *A política educacional paulista: uma análise das relações de trabalho praticadas em Valinhos*, cujo objetivo foi analisar a incidência de contratos precários dos professores e professoras (PEBII - Ensinos Fundamental II e Médio) que atuavam na rede paulista no município no período de 2011 a 2018.

apreendido de maneira distinta nas diferentes fases de formação⁵. Seria possível obter as respostas apenas como fotografia, uma captura estática de coisas que não são realmente comparáveis, já que os contextos de ingresso divergiam imensamente. Depois, o método (questionários e entrevistas) não estava bem delimitado e definitivamente não poderia ser executado nos dois anos previstos para a conclusão do mestrado. Assim, optei por restringir minha pergunta aos ingressantes e não mais focar em buscar uma previsão sobre carreira, mas sim compreender o imaginário que eles têm sobre o curso de Ciências Sociais no ensino superior.

Em diálogo com colegas e professores, percebi que há um desejo intrínseco de vincular afinidades pessoais em relação às disciplinas de Humanidades com um potencial transformador das ciências sociais. No paper *Formação e trabalho nas Ciências Sociais: análise e reflexões sobre as perspectivas e experiências acadêmicas compartilhadas*⁶, apresentado ao 46º Encontro Anual da ANPOCS, quando tocamos no aspecto da motivação para a decisão de se tornar cientista social, dissemos que “na maioria das vezes, essa escolha estava vinculada às percepções individuais de uma necessidade de adquirir maior compreensão e domínio dos aspectos sociais, culturais, educacionais e políticos para uma possível mudança da sociedade” (Santos, Rabelo, 2022, p. 19). Nesse trecho, falávamos de nossas visões sobre a graduação e pós-graduação, mas também sobre os conteúdos das entrevistas transcritas para a pesquisa *Futuros do Trabalho nas Ciências Sociais*⁷.

A partir dos resultados obtidos com o questionário em minha pesquisa, é possível confirmar essa percepção, pois os elementos que mais apareceram como fatores para a escolha de cursar Ciências Sociais entre os ingressantes de 2023 foram a possibilidade de impactar a realidade por meio da formação, a identificação com disciplinas de Humanidades no ensino médio e a afinidade com o currículo do curso no ensino superior. Havendo uma inclinação mais moral e pessoal do que econômica para a escolha de cursar Ciências Sociais,

⁵ Uma comparação mais interessante e promissora que ainda tenho a pretensão de realizar no doutorado é entre as percepções sobre as ciências sociais de alunos no ano de ingresso e as percepções desses mesmos alunos anos depois para verificar o que se manteve e o que alterou com o passar do tempo.

⁶ Em 2022, fiz parte da equipe técnica da pesquisa *Futuros do Trabalho nas Ciências Sociais* transcrevendo as entrevistas realizadas com recém-doutores. O paper mencionado foi desenvolvido a partir dessas transcrições em conjunto com a pesquisadora Thaís Fernanda Rabelo, que também participou do projeto, com o objetivo de refletir sobre aspectos recorrentes da vida acadêmica e das perspectivas de quem atua nas ciências sociais.

⁷ Conduzida pela Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciências Sociais (ANPOCS), sob coordenação da professora Mariana Chaguri e financiada pela Fundação Ford, cuja coleta de dados é orientada pelo Certificado de Apresentação de Apreciação Ética - CAAE: 54141021.4.0000.8142, emitido pelo Comitê de Ética em Pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual de Campinas (CEP-CHS/UNICAMP).

interessa saber o que esses alunos esperam e pensam sobre a graduação, também em termos de atuação profissional.

O mercado de trabalho vem mudando significativamente e para as ciências sociais isso não é diferente. Apesar dessas transformações, o currículo de graduação em Ciências Sociais prepara substancialmente para a carreira acadêmica ou para a licenciatura em grande parte das universidades, ainda que não sejam nesses postos que se encontra a maioria dos graduados no curso (Baltar, Siqueira Baltar, 2017). Portanto, me instiga saber se as respostas dos alunos de alguma forma refletem este cenário a partir da pergunta central sobre os imaginários dos ingressantes acerca da escolha pelas ciências sociais.

Um último ponto que gostaria de mencionar nesta primeira parte da introdução é que, nos últimos anos e, pensando na UNICAMP, especialmente a partir de 2019, o perfil estudantil universitário tem se diversificado principalmente por causa da implementação de ações afirmativas e de políticas de ampliação do acesso ao ensino superior. Essa importante mudança já tem demonstrado impactos positivos em relação à busca pela democratização da educação, mas também traz novas demandas. Algo que venho percebendo e refletindo acerca dessa pluralidade, da qual também faço parte⁸, é que os estudantes, principalmente aqueles que integram a primeira geração de suas famílias a ingressarem na universidade, estão chegando com mais ideias pré-concebidas sobre o que vão ou devem estudar no curso de Ciências Sociais. Esse movimento muito provavelmente pode estar atrelado à presença das ciências sociais nos debates públicos, mas não em sua versão acadêmica, e isso apareceu de maneiras no mínimo curiosas quando apliquei o questionário, como será demonstrado no segundo capítulo.

Delimitando um problema sociológico

Realizei um levantamento bibliográfico das produções sobre estudantes de Ciências Sociais no Google Acadêmico e Periódicos da CAPES utilizando diferentes combinações de palavras-chave, sendo “ciências sociais” ou “cientistas sociais” (também no singular) um dos termos sempre presentes na busca⁹. A pesquisa se concentrou em produções acadêmicas que

⁸ Além de ser optante por cotas étnico-raciais no Programa de Pós-Graduação em Sociologia do IFCH-UNICAMP, sou a primeira pessoa da minha família (no sentido mais amplo possível) a ingressar no mestrado, além de ser uma das poucas que cursou o ensino superior e a segunda a se graduar em uma universidade pública.

⁹ As palavras-chave combinadas com “ciências sociais” ou “cientista(s) social(is)” pesquisadas foram: estudante(s); aluno(s); ingressante(s); ensino superior; universidade; formação; graduação; UNICAMP;

abordassem principalmente 1. as trajetórias, expectativas, motivações, percepções e imaginários de estudantes de Ciências Sociais em relação ao curso; 2. o mercado de trabalho voltado para as ciências sociais no Brasil, considerando os impactos da reforma do ensino médio e dos cortes em ciência e educação nos últimos anos e o fortalecimento de outras atuações profissionais. Encontrei pouco material nessas bases de dados acerca dos temas e a maioria dos estudos que se aproximavam de alguma forma tratavam sobre cientistas sociais já formados, não havendo trabalhos recentes sobre ingressantes do curso¹⁰.

Todavia, duas pesquisas da década de 1990 me auxiliaram bastante no processo de construção do meu problema sociológico. Primeiro tive contato com o texto *Os Estudantes de Ciências Sociais*, de Simon Schwartzman (1992), realizado a partir do Projeto sobre a Trajetória Profissional dos Alunos da USP do Núcleo de Pesquisas sobre Ensino Superior da Universidade de São Paulo (NUPES/USP)¹¹. Essa pesquisa, realizada por meio de questionário, contribuiu com muitas ideias de perguntas e hipóteses sobre os estudantes da UNICAMP, pois apesar do distanciamento temporal e institucional, muitas percepções sobre o campo das ciências sociais se assemelhavam, como em relação à formação ser muito teórica e pouco voltada à profissionalização, além do gosto pessoal dos alunos ser fator essencial para o ingresso no curso.

Em um contexto consideravelmente diferente do atual, pensando em quem tinha acesso ao ensino superior na década de 1990, na pesquisa realizada com estudantes de Ciências Sociais da USP, apenas 17% dos entrevistados abordaram a possibilidade de conseguir um bom emprego a partir da realização do curso (Schwartzman, 1992). Neste mesmo estudo, foi perguntado sobre o que orientaria a organização dos estudantes ao longo do curso, ao que 74,8% responderam o gosto pessoal como primeira opção, 12,9% responderam como primeira opção as chances de emprego ou ingresso na pós-graduação e

educação; perfil; motivação; motivações; escolha(s); expectativa(s); perspectiva(s); imaginário(s); trajetória(s); percepção; percepções; escolha.

¹⁰ Além da maioria dos resultados para essas combinações não ter relação com meu tema, mesmo no caso de pesquisas que conversam com o que proponho, o recorte frequentemente era sobre estudantes de licenciatura e trabalho docente. Como dito na nota de rodapé número 3, recentemente tomei conhecimento da pesquisa *Perfil social, aspirações e motivações profissionais de estudantes de graduação em Ciências Sociais da UFPE* (Fonte, 2021), publicada como livro, a partir de um contato estabelecido no 21º Congresso Brasileiro de Sociologia. Esse estudo não aparece nas bases de dados, porém tem bastante proximidade de temática e de objetivos propostos com meu trabalho. Também sei que existem outras pesquisas discutindo contextos que se assemelham ao que pesquisei, mas essas se encontram no formato principal de dissertações e teses, então não são facilmente encontradas onde realizei o levantamento bibliográfico a princípio.

¹¹ O NUPES/USP entrevistou aproximadamente três mil pessoas das ciências sociais, entre ex-alunos e alunos de graduação e pós-graduação da USP, no primeiro semestre de 1991, objetivando conhecer suas trajetórias universitárias e educacionais. Durante minhas leituras sobre esse trabalho, encontrei uma matéria de uma edição de um jornal da USP de 1992 sobre o projeto de pesquisa e suas descobertas (Anexo 1). A parte final da publicação é particularmente interessante, pois contém comentários de estudantes da USP daquele mesmo ano sobre as conclusões de Schwartzman e a conjuntura para as ciências.

0,4% afirmaram considerar a profissão como primeira opção. Como segunda opção, 36,5% responderam profissão, 27,1% emprego e pós-graduação e 15,3% responderam gosto pessoal (*Ibid*).

Já no mestrado, encontrei a extensa pesquisa de Luiz Werneck Vianna, Maria Alice Rezende de Carvalho e Manuel Palacios Cunha Melo, publicada na Revista Dados em 1994, intitulada *Cientistas Sociais e Vida Pública: Estudantes de Graduação em Ciências Sociais*. Ela tinha como objetivo verificar os efeitos do processo de institucionalização das ciências sociais no Brasil sobre a forma tradicional dos intelectuais na vida pública nacional por meio de survey aplicado a professores, estudantes de graduação e pós-graduação¹².

Vianna, Carvalho e Melo (1994, p. 352) afirmam que a intenção do projeto é:

apreender um objeto em transição: a trajetória de uma disciplina que progressivamente abandona um perfil ‘aristocrático’ e apresenta aos intelectuais um novo modo de inscrição na vida pública, especialmente qualificado pela emergência das novas clientelas atraídas pela profissão de cientista social.

O que é chamado de novas clientelas pelos autores também já tinha sido abordado por Sérgio Miceli (2001) em relação aos cientistas sociais formados pela FESPSP (1937-1955) e USP (1936-1955), que afirmou que o contingente desses diplomados

provinham em geral de setores tradicionais empobrecidos, quase sempre do interior do estado, ou então, de famílias ligadas ao magistério secundário, à burocracia estatal e ao desempenho de encargos intelectuais e culturais (imprensa, etc.), diferente do padrão observado nos cursos mais tradicionais como Direito, Medicina e Engenharia (Miceli, 2001, p. 5-6)

Para Max Weber (1973), as ciências sociais devem tratar de fatos concretos e sua pesquisa precisa ser objetiva. Evidentemente, enquanto cientistas, não estamos apartados de nossos objetos de estudo, o que demanda atenção para os diferentes pesos que atribuímos nas elaborações de relações causais sobre os objetos que investigamos. Ao eleger a universidade e a própria ciência social como tema de pesquisa, o desafio de me colocar como pesquisadora de um estudo que em algum nível também sou sujeita exige cuidado na justificação dos aspectos aqui abordados.

O contexto para a construção deste projeto se deu através da identificação de transformações no mercado de trabalho para cientistas sociais e dos dados do Censo

¹² A pesquisa era dividida, pois tinha sujeitos diferentes sendo investigados. Primeiro, foi realizado o levantamento sobre o perfil e as motivações recentes dos estudantes de Ciências Sociais, depois, o levantamento sobre os padrões de carreira e a produção científica dos professores e pesquisadores. O estudo foi realizado no período de 1992 a 1993 e as instituições pesquisadas se localizavam na região sudeste (Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais), além de outras três, no Distrito Federal, em Pernambuco e no Rio Grande do Sul.

Demográfico de 2010, que indicaram que a maioria dos egressos de Ciências Sociais não trabalhava na área, conforme será demonstrado no capítulo 1. Considerando que as trajetórias de cientistas sociais não são tão lineares em termos de formação e atuação profissional, a pesquisa buscou identificar os imaginários dos ingressantes sobre a escolha de cursar Ciências Sociais na UNICAMP.

De acordo com Pierre Bourdieu, em seu livro *Homo academicus*:

Conhece-se o obstáculo ao conhecimento científico que tanto o excesso de proximidade quanto o excesso de distância representam e a dificuldade de instaurar esta relação de proximidade rompida e restaurada que, à custa de um longo trabalho sobre o objeto mas também sobre o sujeito de pesquisa, permite integrar tudo o que só se pode conhecer se se está lá e tudo o que não se pode ou não se quer conhecer porque não se está lá (Bourdieu, 2019, p. 21).

Existem alguns desafios em definir como objeto de estudo aquilo que também se é, pois há uma grande responsabilidade com o grupo do qual faço parte e uma preocupação ainda maior em evitar parciais. Certamente, toda pesquisa advém de um lugar que não é neutro, mas, enquanto cientista social, pesquisar cientistas sociais em formação pode encaminhar uma série de pressuposições que não necessariamente se confirmam. Um exemplo disso é que quando propus que o recorte fosse ingressantes das Ciências Sociais, imaginei que o tema seria de interesse dos sujeitos estudados, mas, na verdade, conseguir respostas ao questionário para realizar a análise foi uma das partes mais difíceis – se não a mais difícil – da pesquisa.

A curiosidade de saber mais sobre a composição de discentes do IFCH/UNICAMP também foi compartilhada por docentes, citados nos agradecimentos, que, assim que iniciei o mestrado, fizeram indicações acerca do tema e deram imenso suporte às tentativas de divulgação do questionário. Esse interesse coletivo de fazer o estudo ser realizado foi grande incentivador para a insistência que se sucedeu para a coleta de respostas, pois, apesar de meu problema sociológico partir de um objetivo particular, considerando que a proposta veio do intuito pessoal de compreender quem são meus colegas de área e me tornar mestra, tive um grau bastante elevado de frustração sobre o desinteresse dos próprios sujeitos de pesquisa.

Neste primeiro momento, minha intenção era conhecer o perfil dos alunos que iniciaram a graduação em Ciências Sociais em 2023 e observar as recorrências e divergências das respostas por um viés mais quantitativo. Portanto, a escolha do método da pesquisa foi feita pensando em como responder a pergunta proposta, que tratava do que chamei de imaginário dos estudantes acerca de diferentes temas relacionados ao curso. Isso demandava

um survey com alternativas específicas cujos dados serviram para demonstrar regularidades coletivas entre os respondentes. Algumas poucas perguntas realizadas no questionário eram abertas e, nos casos em que era possível, fiz o esforço de condensar informações equivalentes, porém a maioria delas não apresentaram relevância dentro do meu grupo amostral pela baixa regularidade das respostas¹³, além de não serem foco desta dissertação, portanto são dados que ficarão para análise posterior.

O questionário foi construído por meio da ferramenta Formulários Google¹⁴ do Google Docs, necessitando apenas que os respondentes possuíssem uma conta Gmail, que todos os estudantes da UNICAMP possuem através do vínculo institucional desde a matrícula. O contato com os voluntários foi feito primeiro presencialmente, a partir de apresentação do projeto em sala de aula, e depois foi publicado um texto de divulgação no Classroom de uma das disciplinas obrigatórias do curso em que os estudantes são matriculados assim que ingressam. O convite para participação na pesquisa também foi reforçado algumas vezes pelo e-mail institucional da UNICAMP, mas pela baixa adesão, precisei passar novamente na sala de aula pedindo colaboração.

Na última chamada para preenchimento do formulário, afirmei que uma parcela do fazer científico, principalmente sobre temas como educação e cultura, demanda participação ativa e coletiva, pois como justamente esta parte não depende apenas da pesquisadora, precisava encontrar meios de engajar os estudantes. O professor Pedro Peixoto Ferreira, responsável pela disciplina Sociologia de Durkheim naquele período, também foi bastante solícito na divulgação durante suas aulas e, depois de pouco mais de um mês de aplicação do questionário, consegui 51 respostas. Obtive dados bastante interessantes, inclusive acerca de qual área os alunos pretendem atuar depois de se formarem, retomando em algum aspecto minha pergunta inicial da primeira versão do projeto sobre as expectativas após a conclusão do curso.

As hipóteses que orientaram a investigação eram: 1. a escolha dos ingressantes pelas Ciências Sociais se baseia mais na identificação com as disciplinas estudadas no curso do que na posterior inserção no mercado de trabalho; 2. a origem social dos estudantes impacta nas expectativas que possuem sobre a atuação profissional após a formação. Sobre a primeira hipótese, que será destrinchada mais detidamente no item 2.2 desta dissertação, é possível

¹³ Com isso me refiro ao fato de que perguntas abertas abrem margem para respostas amplamente diversas, dificultando o agrupamento dos dados para apontar de maneira satisfatória o que era mais ou menos recorrente no grupo respondente.

¹⁴ A ferramenta disponibiliza os dados coletados em uma planilha Excel, o que possibilitou que posteriormente fossem tratados e analisados.

afirmar que sim, a afinidade com o currículo do curso aparece enquanto motivo de escolha, ao passo que a inserção no mercado de trabalho não foi pontuada por nenhum dos respondentes como fator relevante para o ingresso em Ciências Sociais¹⁵. Acerca da segunda hipótese, tratada no terceiro capítulo, foi necessária a realização do cruzamento dos dados para verificar que também se confirma, pois os estudantes apresentaram diferenças interessantes em relação às respostas que deram a diferentes perguntas do questionário. No caso da atuação profissional, os estudantes mais ricos se mostraram mais propensos a almejam uma carreira política, ou em empresas privadas, ou como docentes em universidades públicas ou em outra área fora das ciências sociais, enquanto os mais pobres tiveram a tendência de se interessarem mais por trabalhar com movimentos sociais, ou educação básica, ou assessoria para políticas públicas ou pesquisa acadêmica.

Este estudo apresenta um questionamento bastante pertinente e atual para o campo das ciências sociais e para os jovens que as escolheram como área de formação e atuação profissional. Discutir o alinhamento entre as ofertas de emprego, os imaginários dos estudantes e os currículos das graduações é muito oportuno neste momento. O mundo do trabalho e os diferentes espaços nos quais as ciências sociais se inserem vem estabelecendo novas configurações, e, conseqüentemente, refletir sobre caminhos possíveis para cientistas sociais também passa por conhecer quem são as pessoas que estão ingressando neste curso agora.

Construção do questionário

Neste tópico será apresentado o processo de construção do questionário aplicado (Apêndice 1), que possuía 3 grandes blocos de perguntas e temas específicos dentro deles.

No primeiro bloco, que tratava do conhecimento prévio acerca da universidade e curso, inicialmente, foram feitas quatro perguntas que podiam ser respondidas apenas por “sim” ou “não” em relação ao contexto familiar sobre os temas de educação, trabalho e expectativas para o ingresso na universidade. Estas perguntas tinham o intuito de verificar se os estudantes identificam o interesse de suas famílias sobre esses assuntos ou não. Em seguida, era perguntado o tipo de universidade almejada (privada, pública ou indiferente)

¹⁵ A pesquisa *Os Estudantes de Ciências Sociais*, de Simon Schwartzman (1992) apontou que o gosto pessoal era o fator mais relevante para as escolhas acadêmicas dos alunos participantes do estudo. Quando escrevi o projeto desta pesquisa, tive em mente que havia possibilidade de estudantes de Ciências Sociais da UNICAMP em 2023 terem semelhanças nesses aspectos com os estudantes da Universidade de São Paulo de três décadas atrás, pois mesmo com o distanciamento temporal, vários elementos seguem sendo característicos da área.

para que pudéssemos observar se existe predileção por um modelo de instituição específico no caso de haver expectativa para o ingresso no ensino superior.

Buscando verificar o contato mais direto dos estudantes com as ciências sociais propriamente, foi também perguntado se havia alguém no convívio pessoal que realizou o curso no ensino superior e, em caso afirmativo, especificar quem era(m) essa(s) pessoa(s). Ainda na seção de conhecimento prévio acerca da universidade e curso, era questionado por qual meio tiveram o maior e o segundo maior contato com temáticas ligadas às Ciências Sociais, visando identificar onde a área se fez mais presente para esses ingressantes. Também foi perguntado se os estudantes tiveram aulas de Sociologia no ensino médio (durante os três anos, apenas em parte dele, apenas como conteúdo transversal ou não).

Encaminhando para o final do primeiro bloco, foram escolhidos dois autores estudados em cada uma das três áreas em que se dividem as ciências sociais no Brasil, considerando o currículo da graduação na UNICAMP e as ementas do núcleo formativo básico e obrigatório do curso nos últimos anos, sendo eles: Claude Lévi-Strauss e Bronislaw Malinowski (Antropologia); Nicolau Maquiavel e Robert Dahl (Ciência Política); Karl Marx e Max Weber (Sociologia). Importante dizer que, com exceção de Sociologia, foi um pouco difícil fazer a seleção de apenas dois autores de cada uma das principais áreas das ciências sociais para o questionário. Além de examinar ementas das disciplinas obrigatórias do curso na UNICAMP em diferentes anos e tentar considerar autores que estão em espaços além da academia, também busquei priorizar aqueles que são formados na área que estariam representando. Com isso, todos os autores selecionados acabaram sendo homens, pois a base do curso é composta majoritariamente por homens, principalmente pensando nas disciplinas obrigatórias e mais tradicionais.

Por ordem de dificuldade, Ciência Política foi a área que mais demandou tempo de reflexão e opiniões externas, pois as ementas variam bastante e muitos dos autores estudados nas disciplinas da área não são cientistas políticos de formação. Nicolau Maquiavel foi escolhido primeiro porque, não só na educação básica, mas também no ensino superior, ele é um importante pensador para compreendermos a formação dos Estados modernos. Depois, por sugestão de um professor do Departamento de Ciência Política, incluí Robert Dahl, que eu mesma tive contato quando cursei Política 1 no primeiro semestre de graduação. Em seguida, temos Antropologia, cujos autores selecionados representam escolas diferentes (estruturalismo e funcionalismo) e fazem parte da bibliografia basilar no ensino superior, mas também já foram cobrados em provas de vestibulares, incluindo o ENEM. A área mais fácil de fazer a seleção foi Sociologia, pois ao contrário das demais, não temos Sociologia 1, 2 e 3,

mas sim Sociologia de Durkheim, Sociologia de Marx e Sociologia de Weber, deixando pré-estabelecido que apenas um dos autores não fosse selecionado. A escolha por Marx e Weber se deu porque o primeiro está presente também em muitos espaços fora da academia, como em movimentos sociais e debates públicos de diferentes vertentes, enquanto o segundo é mais ligado especificamente ao meio universitário, porém ao contrário de Durkheim, que é bibliografia do primeiro semestre do curso e com o qual os respondentes já estavam tendo contato no momento de aplicação do questionário, só seria estudado mais adiante.

Também era relevante para a pesquisa verificar o conhecimento dos estudantes acerca de autores que tratam de temáticas das ciências sociais, mas que estão em outros espaços além da academia, sendo estes: Achille Mbembe, Angela Davis, Djamila Ribeiro e Silvio Almeida. Fazendo uma análise posterior, considero que poderia ter incluído autores que mobilizam públicos diferentes ao tratarem de temas das ciências sociais. Isso porque coincidentemente, os quatro autores contemporâneos que foram escolhidos para representar esse acesso outros espaços tratam principalmente de assuntos envolvendo questões raciais e se posicionam politicamente mais à esquerda¹⁶.

Por último, o bloco encerra com o questionamento sobre produtores de conteúdo de temáticas das ciências sociais que possuem destaque midiático e significativo número de seguidores. Foram selecionados quatro perfis, que estão presentes em diferentes plataformas, sendo eles: Café com Sociologia¹⁷, um portal especificamente voltado às ciências sociais e fundado pelo sociólogo Cristiano Bodart; Tese Onze¹⁸, projeto de comunicação e educação política coordenado pela socióloga Sabrina Fernandes, que iniciou como canal individual no YouTube, mas que em 2023 agregou outros participantes; Jones Manoel¹⁹, historiador militante que trata de temáticas das ciências sociais, dialogando com cientistas sociais e obras relevantes da área; e Chavoso da USP²⁰, como é conhecido Thiago Torres, um estudante de graduação em Ciências Sociais na Universidade de São Paulo que produz vídeos sobre seu curso e estudos relacionados.

¹⁶ Não que seja exatamente um problema, até porque mesmo dentro da discussão racial, esses autores apresentam abordagens e bases teóricas distintas. Também no campo político não se identificam ideologicamente do mesmo modo, mas poderia agregar mais ao estudo considerar um escopo temático mais amplo.

¹⁷ O perfil Café Com Sociologia no Instagram, @cafecomsociologia, possui 576 mil seguidores.

¹⁸ O perfil Tese Onze no Instagram, @teseonze, possui 324 mil seguidores e o canal do Youtube possui 435 mil inscritos, mesmo após o encerramento do projeto.

¹⁹ O perfil Jones Manoel no Instagram, @jones.manoel, possui 233 mil seguidores e o canal do Youtube possui 272 mil inscritos.

²⁰ O perfil Chavoso da USP, @chavosodausp.02, no Instagram atualmente possui 173 mil seguidores no Instagram, após perder seu primeiro perfil que possuía mais de 250 mil seguidores e foi suspenso em dezembro de 2022 (WANDERMUREM, 2022), e o canal do Youtube possui 382 mil inscritos.

O segundo bloco tratava de trajetória formativa, rotina e perspectivas, iniciando pela questão sobre a preparação do aluno para o ingresso na graduação. Em seguida, vinha a pergunta sobre Ciências Sociais ter sido a primeira opção de curso e, se não, qual era a primeira opção e qual o período em que o aluno estava matriculado. As perguntas que seguiam (18, 19 e 20) tratavam da razão da escolha pelo curso de Ciências Sociais (qual foi o motivo mais relevante, o segundo motivo mais relevante e o motivo menos relevante), sendo uma das questões mais pertinentes para esta pesquisa, pois visava identificar os fatores que justificam o ingresso desses estudantes. As perguntas seguintes (21, 22 e 23) abordaram a razão da escolha pela instituição UNICAMP para realizar o curso (qual foi o motivo mais relevante, o segundo motivo mais relevante e o motivo menos relevante).

Para finalizar este bloco, foram encaminhadas perguntas que buscavam captar as perspectivas mais específicas sobre a formação, contendo questões sobre qual modalidade/ênfase os estudantes tinham intenção de se formar e a área de maior predileção em que se dividem as ciências sociais. Também foi perguntado sobre atuação profissional para identificar quais seriam as áreas mais e menos almejadas para trabalhar após a formação, finalizando com uma pergunta aberta sobre outras possibilidades que não haviam sido contempladas nas alternativas apresentadas.

O último bloco buscava compreender o perfil sociodemográfico dos estudantes e foi dividido em 4 partes: 1. Características Sociais, para identificar idade, identidade de gênero, orientação sexual e raça/cor; 2. Moradia e Transporte, onde era perguntado o tipo de moradia da família do estudante, quantidade de banheiros e pessoas residindo no domicílio, cidade em que o estudante morava antes do ingresso, se foi necessário se mudar para realizar a graduação, qual o tipo atual de moradia e o meio de transporte mais utilizado para chegar à universidade; 3. Escolaridade, visando conhecer mais sobre o percurso formativo dos estudantes antes do ingresso na universidade (tipo de escola em que estudou, acesso a cursos extracurriculares, conhecimento de línguas estrangeiras); 4. Origem Familiar, onde era perguntado sobre a(s) pessoa(s) com a(s) qual(is) o aluno morou a maior parte do tempo e a renda familiar.

CAPÍTULO 1: Mercado de trabalho para cientistas sociais no Brasil

Na avaliação de Antonio Candido (2006), em um texto publicado ao final dos anos 1950, a sociologia passou por dois períodos no Brasil: de 1880 a 1930 e após 1940, havendo uma fase transitória entre eles, de 1930 a 1940. O primeiro período é marcado pela prática de intelectuais de outras áreas que tinham interesse em interpretar a realidade brasileira em um momento em que ainda não havia formação especificamente em ciências sociais no país. É justamente a partir da década de 1930 que políticas relevantes para a configuração atual do ensino superior brasileiro são implementadas, como a criação do Ministério da Educação²¹ e a promulgação do Estatuto das Universidades Brasileiras²². Por meio desse último, a organização do Sistema de Ensino Superior se caracteriza de modo descentralizado e com a possibilidade de financiamento público ou privado.

Esse contexto de expansão da educação superior na primeira metade do século XX ocorreu em paralelo à criação dos primeiros cursos de Ciências Sociais no Brasil, na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP), em 1933, na Universidade de São Paulo (USP), em 1934, na Universidade do Distrito Federal (UDF), em 1935, e na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná, em 1938. No mesmo contexto, Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre e Caio Prado Jr. ganhavam notoriedade e indicavam possíveis caminhos para as ciências sociais brasileiras percorrerem.

Com o processo de institucionalização, inicia-se o segundo período mencionado por Antonio Candido (2006, p. 271), a partir de 1940, que “corresponde à consolidação e generalização da sociologia como disciplina universitária e atividade socialmente reconhecida, assinalada por uma produção regular no campo da teoria, da pesquisa e da aplicação”. A busca pela modernização e a mobilização de pesquisadores voltados à produção de um conhecimento localizado, principalmente após 1945, favoreceu a formação de mais uma geração de grandes sociólogos brasileiros amplamente reconhecidos, como Florestan Fernandes.

Antonio Candido (2006) indica que a sociologia produzida no Brasil é sincrética, estando sempre permeada por outras áreas do conhecimento, como história, direito, geografia, antropologia etc. Nesse sentido, tomei a liberdade de iniciar o capítulo sobre o

²¹ Decreto nº 19.402/1930: “Cria uma Secretária de Estado com a denominação de Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública” (Brasil, 1930).

²² Decreto nº 19.851/1931: “Dispõe que o ensino superior no Brasil obedecerá, de preferência, ao systema universitario, podendo ainda ser ministrado em institutos isolados, e que a organização técnica e administrativa das universidades é instituída no presente Decreto, regendo-se os institutos isolados pelos respectivos regulamentos, observados os dispositivos do seguinte Estatuto das Universidades Brasileiras” (Brasil, 1931).

mercado de trabalho brasileiro para cientistas sociais utilizando um texto que tem como foco a sociologia. Isso porque o termo “ciências sociais” pode conter significados distintos a depender do contexto histórico, sociocultural e territorial em que é tratado²³, o que, em parte, também é um dos temas que encaminharam este estudo.

Até a década de 40, a produção do pensamento sociológico no Brasil se fazia dentro de um contexto em que literatura, filosofia, discurso político, beletrismo, se misturavam. Uma disciplina marcada pelo ecletismo e pelo ensaísmo, que se construía sobre o fundamento de afirmações genéricas que prescindiam de um trabalho sistemático de pesquisa. Na verdade, não existia ainda um espaço específico, no interior do qual o saber sociológico pudesse se autonomizar, ele se espalhava pelas escolas de Medicina, de Direito, e pelos Institutos Históricos e Geográficos. A universidade moderna rompe com esta circunstância; ela secreta as condições materiais para o desenvolvimento de uma autonomia científica definida agora por outros parâmetros. A Sociologia, ao se apresentar como uma "esfera de bens restritos", marcada pela ideologia do acadêmico, se afasta de seu destino anterior (Ortiz, 1990, p. 165).

Até pelo menos os anos de 1960, não havia uma distinção nítida entre a Sociologia e demais ciências sociais, ou, quando havia, era muito tênue; a Sociologia predominava e se sobrepunha à Ciência Política e até mesmo à Antropologia, chegando a confundir-se, muitas vezes, com a Economia Política e a História (Segatto, Bariani, 2010, p. 203).

Neste capítulo, realizo uma breve contextualização sobre o cenário atual do mercado de trabalho para as ciências sociais no Brasil, considerando três mudanças recentes e significativas que merecem destaque. Como já afirmado, a atuação de cientistas sociais pode ser bastante ampla, mas os três aspectos centrais analisados para a construção desta pesquisa foram: o desfinanciamento das áreas de pesquisa e educação marcadamente ocorrido entre 2013 e 2022, a reforma do ensino médio e a ampliação das vagas em contextos fora da universidade e da educação básica. Essas transformações impactam diretamente as possibilidades de exercício profissional daqueles que estão se graduando em Ciências Sociais atualmente, especialmente do ponto de vista da relação entre a formação, considerando o currículo do curso e para quais empregos ele prepara, as expectativas dos discentes e os postos de trabalho disponíveis.

²³ Amurabi Oliveira sugere que talvez a compreensão das ciências sociais englobando especificamente a antropologia, a ciência política e a sociologia começa a se consolidar na década de 1950, “quando a disseminação das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras – que tomava a Universidade do Brasil como modelo – impulsiona a ampliação do número de cursos de graduação em história e geografia, esvaziando essa dimensão formativa dos cursos de ciências sociais” (Oliveira, 2019, p. 8). Ele também menciona o advento dos programas de pós-graduação, a partir dos anos 1970, como fator contribuinte para a consolidação das áreas que concebemos como componentes basilares das ciências sociais atualmente.

1.1 Desfinanciamento do ensino e pesquisa no Brasil

O currículo de graduação em Ciências Sociais, por mais abrangente e variado que possa ser a depender de qual universidade estamos tratando, mantém certo padrão desde o início da institucionalização do curso no Brasil. Pensando na formação acadêmica dos cientistas sociais, é possível verificar que existe o domínio de uma “visão clássica”, que se configura a partir de conteúdos mais teóricos que práticos (Moraes, 2017, p. 18). Considerando o público bastante restrito que acessava o ensino superior até o início dos anos 2000 e a diversificação do público que temos agora, evidentemente surgirão cada vez mais demandas distintas e que trazem luz a questionamentos sobre o padrão de formação e as estruturas que constituem essas instituições.

O ensino superior possui um sistema interno de hierarquização e o prestígio funciona de modo específico e bastante restrito ao ambiente acadêmico (Bourdieu, 2019, p. 30). Assim, apesar da universidade sempre ter sido *locus* privilegiado para absorção de novos quadros de pesquisadores e professores, é necessário indagar quem são as pessoas que ocupam esses espaços e quais são as práticas reproduzidas. Os novos agentes presentes no meio acadêmico, cada vez em maior número e pluralidade, certamente contribuem para que haja tensionamentos, que em alguns aspectos são positivos, com o modelo que está dado.

Tratando do contexto mais recente, é visível o quanto o Sistema de Ensino Superior brasileiro se expandiu nas últimas duas décadas, não só em termos de criação de novas universidades, mas de ampliação de vagas e oferecimento de cursos. Em 1998, havia aproximadamente 1 milhão de estudantes matriculados em cursos de graduação; em 2012, as matrículas chegaram a 7,5 milhões (Prates, Barbosa, 2015). Segundo os dados mais recentes, há mais de 8,9 milhões de estudantes matriculados em cursos de graduação no país (INEP, 2022)²⁴. De todas as matrículas, quase 77% são no ensino privado²⁵, tornando essencial discutir de maneira crítica essa percepção de que houve democratização da educação formal. Esse aspecto pode ter várias interpretações, mas aqui, defendo que a democratização²⁶ do acesso à educação só se realiza efetivamente por meio de instituições públicas.

²⁴ A nível de graduação, haviam exatamente 8.986.554 estudantes matriculados na graduação e 566 em curso Sequencial de Formação Específica (INEP, 2022).

²⁵ Existem 2.574 Instituições de Ensino Superior no Brasil, mas apenas 313 são públicas. No setor privado, estão matriculados 6.907.893 estudantes de graduação, o que corresponde a 76,86% das matrículas totais.

²⁶ Minha compreensão do conceito de democratização está fortemente embasada nos escritos de Florestan Fernandes, que afirma a necessidade de cumprir as “‘exigências mínimas do viver coletivo com dignidade’ entre as quais se inclui a ‘universalização da educação de qualidade’” (Fernandes, 1990, p. 203 *apud* Saviani, 1996, p. 85).

Segundo os dados disponibilizados pelo Relatório Síntese de Área de Ciências Sociais, o ENADE 2017 contou com a participação de 98 cursos de Licenciatura e 78 cursos de Bacharelado (INEP, 2017). Ao contrário dos dados gerais do ensino superior brasileiro, a maioria dos cursos de Ciências Sociais é oferecida por instituições públicas²⁷. Ciências Sociais ocupava a décima quinta posição dentre os maiores cursos de licenciatura em números de matrículas do país em 2021, com 17.515 matrículas, representando 1,1% do total (INEP, 2022)²⁸. Outro dado interessante é que em comparação com a média dos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), na distribuição percentual, o Brasil tem menos da metade das matrículas em graduações por área geral de “Ciências sociais, comunicação e informação” e em “Artes e humanidades”²⁹.

O Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024 propôs 20 metas, das quais 3 contemplam o ensino superior e intentam continuar o processo de sua expansão³⁰. Para Caroline Broch, Fabiane Breschiliare e Ieda Barbosa Rinaldi (2020, p. 259), “esse documento pontuou uma série de desafios para as políticas públicas brasileiras e apresentou indicativos de ações a serem adotadas pelos entes federais, com a finalidade de consolidar um sistema educacional qualificado”. Embora em termos de números as metas estejam sendo alcançadas, é preciso averiguar um conjunto de elementos mais qualitativos.

A meta 12, por exemplo, propõe elevar a taxa bruta de matrícula no ensino superior para 50% e a taxa líquida para 33% da população de 18 a 24 anos³¹, assegurando a qualidade da oferta e expansão para 40% das novas matrículas no segmento público. Porém, quando observamos o quanto o ensino privado se estabelece de modo predominante, percebemos que estamos longe de conseguir esse resultado. E, ainda, se considerarmos que as vagas nas universidades aumentaram, mas as contratações de docentes não acompanharam em

²⁷ 72,4% dos cursos de licenciatura e 87,2% dos cursos de bacharelado avaliados eram oferecidos por instituições públicas.

²⁸ A primeira posição era ocupada por Pedagogia, que concentrava quase 50% das matrículas em cursos de formação de professores no Brasil (INEP, 2022). Não foram disponibilizadas informações específicas em relação a cursos de Ciências Sociais na modalidade de bacharelado, mas no Censo do Ensino Superior, temos que “Ciências sociais, comunicação e informação” não chega a 1% na distribuição de matrículas em cursos de graduação tecnológicos (*Ibid*). Porém, quando apresentados os dados de “Ciências sociais, comunicação e informação” na distribuição por área geral (somando diferentes modalidades), a média percentual de matrículas era de 5,4%.

²⁹ A média dos países da OCDE para “Ciências sociais, comunicação e informação” e “Artes e humanidades” era de 11,8% e 12,1%, respectivamente, enquanto no Brasil era de 5,4% e 2,3%, respectivamente.

³⁰ São elas: metas 12, 13 e 14. Ainda, a meta 16 visa a formação continuada de professores da Educação Básica por meio de pós-graduação.

³¹ A taxa bruta representa a “razão entre as matrículas em um determinado nível de ensino e a população em idade adequada de cursar tal nível” (Riani, Golgher, 2004, p. 117). A taxa líquida “corresponde à razão entre as matrículas das pessoas em idade adequada para estar cursando um determinado nível e a população total na mesma idade, ou seja, indica a porcentagem da população na faixa etária que está matriculada no nível de ensino adequado” (*Ibid*, p. 120).

proporção, devemos também direcionar nossa atenção à precarização do trabalho pelo acúmulo de funções desempenhadas pelos professores (Sguissardi, Silva Júnior, 2018; Maia, 2022) e o quanto isso repercute na qualidade do ensino.

A discussão sobre acesso ao ensino superior tem um longo histórico e é uma pauta bastante cara aos movimentos sociais, que foram fundamentais na conquista de muitos direitos. A implementação de políticas afirmativas, como a Lei de Cotas nº 12.711³², contribuiu em grande medida para a ampliação de um ingresso universitário mais diverso, já que uma parcela das vagas em universidades federais seria então destinada a estudantes de escolas públicas e, ainda, parte dessas vagas seriam reservadas especificamente a pessoas negras e indígenas. Esse é outro fato apontado para falar em democratização da educação brasileira, entretanto, há dados que revelam limitações desse acesso. As escolhas que as pessoas fazem sobre o curso, modalidade (licenciatura, bacharelado ou tecnólogo) e período (integral ou noturno) para iniciar uma graduação são bastante condicionadas por sua origem social³³, além dos dados alarmantes de evasão no ensino superior apontarem para o déficit de políticas de permanência estudantil (Maciel *et al*, 2019).

A estrutura institucional e curricular do curso de Ciências Sociais na UNICAMP, bem como em outras universidades, fomenta primordialmente a formação de pesquisadores de atuação acadêmica. Neste sentido, após o percurso “graduação-mestrado-doutorado”, a expectativa de muitos cientistas sociais é a carreira docente no ensino superior (Chaguri *et al*, 2023), o que, no caso das universidades públicas, demanda contratação por concurso. De acordo com Ricardo Galvão, presidente do CNPq, o Brasil não possui vagas para empregar todos os cientistas que estão sendo formados. “Nós estamos hoje em dia formando 24 mil doutores por ano, mas as ofertas de emprego, concursos públicos, etc, não chegam a mil” (Galvão, *apud* Dourado, 2023). Em 2020, tivemos o menor número de ingresso de servidores públicos federais nos últimos dez anos e, durante o governo de Jair Messias Bolsonaro, a maior incidência de contratos temporários no setor público foi considerada “uma reforma administrativa silenciosa” por muitos trabalhadores (Rodrigues, Rodrigues, 2020).

Além disso, as universidades brasileiras passaram por um intenso processo de desinvestimento no último período, com grande ênfase nos governos de Michel Temer e

³² Apesar da lei garantir reserva de vagas apenas nas universidades federais, sua implementação fortaleceu as reivindicações dos movimentos sociais, especialmente dos movimentos negros, favorecendo a pressão sobre universidades estaduais para a aderência às cotas, como a Unesp em 2016, a USP em 2017, e, finalmente, a UNICAMP em 2019.

³³ Alunos menos favorecidos socialmente têm maior preferência por licenciaturas e tecnólogos ao invés dos bacharelados. A questão horária das aulas também implica nas escolhas, ao passo que a possibilidade de estudar no período noturno representa “fator decisivo para garantir a entrada e a permanência de estudantes de origem social mais modesta” (Prates, Barbosa, 2020, p. 331).

Bolsonaro. Segundo dados divulgados na Revista Fapesp por Rodrigo Andrade (2021), o orçamento destinado ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) sofreu cortes significativos. Desde 2015, os recursos destinados à educação e à ciência foram sendo reduzidos e, em 2016, o teto de gastos de Temer foi implementado, congelando o orçamento público para a Saúde e a Educação. Em 2013, sob o mandato de Dilma Rousseff, o valor do MCTI era de 11,626 bilhões de reais, mas a partir do ano seguinte, o orçamento passou a diminuir³⁴, chegando em 2016 com apenas 5,589 bilhões de reais para a pasta, o que representou redução de mais de 50% (Andrade, 2021).

Durante dez anos, de 2013 a 2023, os valores das bolsas de pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) não receberam reajuste, o que segundo a Associação Nacional de Pós-Graduandos representava cerca de 67% de desvalorização pela inflação (ANPG, 2022)³⁵. Isso só veio a ser corrigido em março de 2023, durante o atual mandato de Luiz Inácio Lula da Silva³⁶. Também é preciso ressaltar que menos de um terço dos pós-graduandos *stricto sensu* recebiam bolsa (ANPG, 2020), indicando um obstáculo para a maioria dos estudantes se dedicar exclusivamente ao trabalho³⁷ de produção científica. Ainda há poucos dados especificamente sobre os impactos dos desinvestimentos nas universidades e ciência no mercado de trabalho para cientistas sociais, porém este cenário afetou muito as expectativas de quem pretendia ser ou já trabalhava como pesquisador no país³⁸.

Existe uma nítida tendência de questionamento sobre a legitimidade do campo de conhecimento das humanidades no Brasil, o que é visível em muitos discursos utilitaristas propagados em nome de uma suposta superioridade de algumas áreas sobre as outras. Uma representação dessa visão foi a declaração do então presidente Bolsonaro, em 2019, quando afirmou que o então ministro da Educação, Abraham Weintraub³⁹, estaria estudando

³⁴ Em 2017, o orçamento aumentou um pouco, sendo de 6,504 bilhões de reais, mas já em 2018 voltou a ser reduzido.

³⁵ No dia 10 de fevereiro de 2022, a ANPG voltou a enfatizar a necessidade de mais investimento em ciência e promoveu uma grande mobilização virtual para pressionar as instituições nacionais de financiamento pelo reajuste (ANPG, 2022).

³⁶ Em fevereiro de 2023, o Governo Federal anunciou o reajuste do valor de bolsas do CNPq e da CAPES (Brasil, 2023).

³⁷ O vínculo de bolsista não caracteriza vínculo empregatício, portanto, o trabalho de pesquisador estudante de pós-graduação não é regulamentado ou reconhecido como tal.

³⁸ Ver CHAGURI, Mariana. *et. al.* Futures of work in Social Sciences: research report. SciELO Preprints, 2023. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/6128>. Acesso em: 30 jun. 2023.

³⁹ Além de declarações sobre a suposta falta de produtividade das Ciências Sociais aplicadas e Humanas (Marés, 2019), Weintraub também se posicionou contra a expansão das pós-graduações no Brasil, já que, segundo ele, as metas estabelecidas no PNE já haviam sido atingidas e, portanto, os recursos destinados ao ensino superior

descentralizar os investimentos em ciências humanas. De acordo com Bolsonaro, a proposta era “focar em áreas que gerem retorno imediato ao contribuinte, como: veterinária, engenharia e medicina”⁴⁰, demonstrando uma hierarquização dos saberes por parte do governo.

Também durante o governo Bolsonaro, foi publicada a Portaria nº 1.122, de 24 de março de 2020, que definia as prioridades do MCTIC para projetos de pesquisa, desenvolvimento de tecnologias e inovações de 2020 a 2023. Nela, estavam contempladas as áreas de Tecnologias: 1. Estratégicas; 2. Habilitadoras; 3. de Produção; 4. para Desenvolvimento Sustentável; e 5. para Qualidade de Vida. Não foram incluídas as áreas de Humanidades e Educação, gerando muitas manifestações contrárias da comunidade acadêmica, que resultaram na Portaria 1.329/2020, que incluía como prioritários os projetos em pesquisa básica, Humanidades e Ciências Sociais que contribuíssem para o desenvolvimento das áreas anteriormente definidas⁴¹.

1.2 A presença das ciências sociais na educação básica

A formalização da presença das ciências sociais no ensino básico por meio de conteúdos programáticos ministrados por pessoas licenciadas na área representa um aspecto fundamental para compreendermos a apreensão social (ou a falta dela) sobre nosso campo de conhecimento. Os resultados do questionário que apliquei demonstraram que a disciplina de Sociologia no ensino médio foi um dos principais meios de contato que os estudantes tiveram com as ciências sociais antes do ingresso na universidade. Neste sentido, precisamos considerar que a escola é um espaço onde as pessoas podem ter acesso aos temas trabalhados pelas ciências sociais de maneira institucionalizada. Portanto, o histórico de intermitência da disciplina de Sociologia na educação básica brasileira certamente contribui para os percalços na consolidação e aproximação da área⁴² com a vida material e cotidiana.

Ao longo do século XIX e XX, houve proposições para implementação e retirada da disciplina dos currículos escolares diversas vezes (Oliveira, 2013). Muitas dessas tentativas

deviam ser realocados para outras áreas que estivessem mais defasadas no cumprimento de objetivos (Barone, 2020).

⁴⁰ A declaração foi feita por meio do *Twitter*, que era o principal meio de comunicação utilizado por Bolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1121713534402990081>. Acesso em 25 jun. 2023.

⁴¹ Importante ressaltar que o conteúdo do texto fala na interdisciplinaridade e contribuição das áreas incluídas especificamente ligadas àquelas definidas como prioritárias, mantendo a exclusão de pesquisas que envolvessem outros objetos de estudo.

⁴² Aqui me refiro ao contexto acadêmico, pois como já afirmado, os temas das ciências sociais de modo geral já estão bastante presentes na vida material e cotidiana.

de inclusão no currículo básico eram feitas a partir de conteúdos interdisciplinares e para serem ministradas por professores não especializados na área, especialmente no início do processo de institucionalização das ciências sociais. O propósito da disciplina frequentemente era atrelado, de maneira um tanto abstrata, à formação para a cidadania e seu escopo não era bem delimitado⁴³.

Durante a ditadura civil militar, por meio da Reforma Universitária de 1968⁴⁴, ocorre a separação dos institutos de Ciências Sociais dos de Educação, distanciando a educação enquanto objeto de estudo da sociologia (Oliveira, 2013, p. 184). Ainda hoje, observamos o quanto as licenciaturas são negligenciadas em relação aos bacharelados, ficando sob responsabilidade das faculdades de educação o papel de formar professores, enquanto as faculdades de ciências sociais se voltam principalmente à formação de pesquisadores⁴⁵. Além dessa fragmentação estrutural entre sociologia e educação, também há uma percepção coletiva de que a trajetória acadêmica é mais valorizada do que a carreira no ensino básico (Cravo, Medina, 2017).

Em 1997, o então deputado Padre Roque Zimmermann apresentou um Projeto de Lei (PL) para tornar as disciplinas de Filosofia e Sociologia obrigatórias no Ensino Médio, mas o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, que se graduou em Ciências Sociais, vetou o PL que havia sido aprovado pelo Congresso Nacional no ano de 2001. O senador Ribamar Alves apresentou o PL novamente em 2003, que tramitou no Senado por cinco anos. Em 2008, a Lei Federal nº 11.684/08, que altera as diretrizes e bases da educação nacional (LDB) para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio, foi aprovada.

A partir de 2009, todas as escolas públicas e privadas deveriam oferecer em seu currículo conteúdos de ciências sociais por meio especificamente da disciplina de Sociologia, o que contribuiu para o crescimento bastante relevante no oferecimento do curso no ensino superior nas últimas décadas, principalmente na modalidade de licenciatura, que superou o bacharelado por um período (D'Alécio, 2016). Com o aumento da demanda pela formação em ciências sociais e a ampliação das possibilidades de inserção das pessoas graduadas no

⁴³ A Lei Federal nº 9.394/96, de acordo com Amurabi Oliveira (2013, p. 184) colocava a formação para a cidadania como papel da Sociologia e Filosofia, mas enquanto campos de conhecimento não disciplinares. O sentido de cidadania nesta lei, ao não ter seu significado definido, se configura como termo de disputa de diferentes atores.

⁴⁴ Lei nº 5.540/68.

⁴⁵ Segundo Amaury Cesar Moraes (2003, p. 9), com o tempo, a sociologia da educação se deslocou para o campo da pedagogia enquanto objeto e deixou de fazer parte dos currículos e linhas de pesquisas de institutos de ciências sociais.

mercado de trabalho, os debates sobre a institucionalização e consolidação da área ganharam novos desdobramentos.

A carreira na educação básica para cientistas sociais, ainda que com percalços, parecia estar se estruturando no Brasil. Entretanto, com menos de dez anos de implementação, a disciplina de Sociologia novamente teve a sua presença nas escolas ameaçada. Aprovada em 2016 como Medida Provisória nº 746 e transformada em Lei nº 13.415 em 2017, a reforma do ensino médio, em consonância com a nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC), modificou significativamente as definições dos documentos que orientavam a estrutura da educação básica. Além de implementar o Ensino Médio Integral⁴⁶, esses projetos reforçam a importância da Matemática e da Língua Portuguesa⁴⁷ em detrimento de outras áreas de conhecimento, que recebem lugar secundário na formação dos estudantes.

O Novo Ensino Médio estabeleceu a redução da carga horária obrigatória das disciplinas de ciências humanas e da natureza e introduziu novas disciplinas sem currículo específico para as quais os docentes não são preparados para ministrar nos cursos de licenciatura. Ainda que as escolas possam ofertar diferentes itinerários formativos⁴⁸, “os alunos não terão acesso, e nem poderão fazer todos os itinerários” (Campos, 2020, p. 89), o que impactará significativamente a aprendizagem dos conteúdos de Sociologia, que dependerá do oferecimento ou não das escolas. Essas mudanças ainda colocam em questionamento a permanência da disciplina na educação básica, ameaçando a carreira de uma geração inteira de cientistas sociais licenciados.

Ao inserir entre os itinerários formativos o arranjo curricular de formação técnica e profissional, o Poder Público se desobriga e se desonera do Ensino Médio público, como também da educação superior pública para acesso às classes populares, e ainda “libera” para as corporações um exército de reserva de jovens e flexíveis trabalhadores de baixa qualificação (Hernandes, 2019, p. 11).

Nesse cenário, é atribuída à escola pública a tarefa de remodelar-se para atender às mudanças no mundo do trabalho e ao seu caráter competitivo e

⁴⁶ A lei prevê que o tempo mínimo do estudante de ensino médio na escola, a partir de 2022, seja de 1.000 horas anuais (3.000 horas ao todo). Ao longo dos 3 anos do Ensino Médio, pelo menos 1.800 horas/aula deverão contemplar disciplinas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), enquanto o restante será destinado aos conteúdos da formação técnica e profissional. Ver FERRETI, Celso João; SILVA, Monica Ribeiro. Reforma do Ensino Médio no contexto da Medida Provisória nº 746/2016: Estado, currículo e disputas por hegemonia. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 38, nº. 139, p.385-404, abr.-jun., 2017. e HERNANDES, Paulo Romualdo. A reforma do Ensino Médio e a produção de desigualdades na educação escolar. *Educação*, [S. l.], v. 44, p. e58/1-19, 2019.

⁴⁷ Além dessas disciplinas, o ensino de Língua Inglesa se torna obrigatório a partir do 6º ano do Ensino Fundamental até o Ensino Médio.

⁴⁸ Conjuntos de disciplinas de campos do conhecimento específicos.

globalizado, impondo uma formação escolar que tenha por base o desenvolvimento de habilidades e competências ao invés do acesso ao conhecimento socialmente produzido (Duarte, Derisso, 2017, p. 133).

Para além de afetar as possibilidades de emprego em escolas para pessoas licenciadas recém-formadas, a reforma do ensino médio agudiza a precarização das condições de trabalho para quem está empregado e agrava as desigualdades escolares entre os estudantes. A tese de doutorado de Natália Marpica (2018) apresentou entrevistas com docentes de Sociologia da Rede Estadual de Ensino de São Paulo, revelando a intensificação da precariedade subjetiva⁴⁹ nos últimos anos, mesmo nos casos em que há estabilidade empregatícia. “A estabilidade do funcionalismo público é, sem dúvidas, ressaltada: lhes trouxe equilíbrio, inclusive emocional, mas ainda não lhes garantiu a tranquilidade profissional” (Marpica, 2018, p. 166).

O que é fomentado pela reforma do ensino médio é a demanda por uma autonomia individualista e busca permanente por inovação, gerando culpabilização dos estudantes pelo “fracasso” por meio da ideia de responsabilização. Tais elementos já estavam presentes na educação brasileira quando pensamos nas avaliações, divulgação de desempenho das escolas por meio da exposição de resultados nos testes e recompensas ou sanções que possuem caráter meritocrático (Freitas, 2012, p. 383), mas esta reforma acentua isso tudo e escancara a imposição neoliberal da esfera privada sobre a pública (Horn, Machado, 2018). Como a formação educacional sempre esteve atrelada ao mundo do trabalho, não é possível desassociar as propostas para a educação das reformas trabalhistas nem da conjuntura socioeconômica brasileira⁵⁰.

Em termos de defasagens estruturais e de falta de profissionais, é alarmante a situação das escolas públicas, principalmente durante a pandemia. Também é preciso observar que o Novo Ensino Médio também obstaculiza a inserção de alunos das camadas populares no ensino superior ao modificar a estrutura curricular básica, desconsiderando que as disciplinas e conteúdos cobrados nos vestibulares permanecem os mesmos. Enquanto escolas particulares possuem mais condições materiais para se adaptarem à reforma, professores do

⁴⁹ Marpica (2018) não utiliza as definições de Daniele Linhart (2009) de precariedade objetiva e subjetiva, porém é bastante produtivo mobilizar esses conceitos para tratar da categoria trabalho. Quando se trata das definições materiais de um contrato precário (contratação temporária, por exemplo) ou de sua inexistência, o fenômeno da precariedade é objetivo, enquanto quando o vínculo empregatício não apresenta vulnerabilidade, mas as condições do trabalho sim, a precariedade é subjetiva (LINHART, 2009).

⁵⁰ Importante ressaltar que o contexto da implementação da reforma do ensino médio foi o mesmo da PEC de gastos de Temer, fazendo com que tanto o ensino básico como o ensino superior fossem acometidos simultaneamente.

ensino público se desdobram para ministrarem conteúdos genéricos e até inventados para cumprirem a nova carga horária (O Globo, 2023).

1.3 Mercado ampliado dos cientistas sociais

Um aspecto relevante para responder por que cursar Ciências Sociais em 2023 era descobrir em quais profissões as pessoas da área se encontravam. O ensino escolar e a pesquisa acadêmica são os principais focos dos currículos das graduações em Ciências Sociais, portanto, podemos dizer que estes seriam os caminhos mais “tradicionais” ou, pelo menos, os mais difundidos. Contudo, a Sociologia também sempre esteve presente fora desses campos (Miglievich, 1999) e, recentemente, tem tido bastante espaço em novos contextos. Sociólogos podem trabalhar em diversos lugares, como empresas privadas, setor público e ONGs, mas para além disso, surgem cada vez mais canais em plataformas como o YouTube⁵¹, perfis em diferentes redes sociais, colunas em portais jornalísticos e livros que permaneceram em listas dos mais vendidos abordando temas de estudo das Ciências Sociais e que são fonte de renda para muitas pessoas.

A busca pelos temas das ciências sociais está aumentando e mais pessoas têm utilizado nossos termos para se comunicarem no dia a dia. Apenas a título de exemplo, inspirada em um texto ainda não publicado do meu orientador, pesquisando palavras como racismo, classe social e sociologia na base do jornal Folha de São Paulo, foi possível observar um crescimento significativo nos últimos quinquênios. Todos esses termos tiveram uma presença aumentada no jornal do período de 2010-2015 para 2015-2020 em pelo menos 100%⁵². No caso dos termos “sociologia” e “racismo”, o aumento de ocorrências foi de quase 400% e mais de 500% respectivamente. As matérias, entretanto, não foram necessariamente redigidas por cientistas sociais.

Houve uma ampliação do mercado intelectual, que inclui não apenas as produções em mídias alternativas e redes sociais, mas também os think tanks⁵³, que trazem em seu quadro de profissionais vinculados pessoas que frequentemente se utilizam de discussões e autores clássicos da sociologia, mostrando uma demanda de estudar e conhecer suas obras. A disputa

⁵¹ Cf. *Quem ensina Sociologia no YouTube? Uma análise quantitativa do perfil dos edutubers* (Lopes, 2021).

⁵² Entre 2010 e 2015, o termo classe social apareceu 241 vezes, e entre 2015 e 2020, apareceu 477 vezes. Entre 2010 e 2015, o termo sociologia apareceu 296 vezes, e entre 2015 e 2020 apareceu 1146 vezes. Entre 2010 e 2015, o termo racismo apareceu 496 vezes no jornal, e entre 2015 e 2020, apareceu 2771 vezes.

⁵³ Segundo Camila Rocha (2015), os think tanks são instituições da sociedade civil que realizam pesquisas e análises políticas buscando informar e influenciar a opinião pública e setores governamentais em relação a determinadas políticas públicas.

nesses espaços externos à academia possui meios de legitimação dos agentes bastante distintos dos conhecidos pelos acadêmicos. Nesse sentido, a compreensão sobre como as relações entre adversários, contratantes e clientelas (Rodrigues, 2018) se estabelecem para além dos muros da universidade ainda não é dominada por cientistas sociais.

As opções de carreira para cientistas sociais são inúmeras, mas “apesar das possibilidades profissionais, as reais condições de encaixe no mercado de trabalho apresentam-se mais complexas e contraditórias” (Cravo, Medina, 2017, p. 100). Gustavo Cravo e Fabio Medina (2017) dividem a atuação profissional de cientistas sociais em três áreas: ensino escolar, pesquisa⁵⁴ e outras⁵⁵. Ainda que as duas primeiras áreas sejam mais “tradicionais”, Ronaldo Baltar e Cláudia Siqueira Baltar (2017), demonstram que as maiores demandas por cientistas sociais no mercado de trabalho se referem às atuações fora da universidade e da educação básica. De acordo com a pesquisa realizada pelos autores, existe uma constante oferta de vagas para sociólogos, mas que muitas vezes são preenchidas por outros profissionais da área de Humanidades (Baltar, Siqueira Baltar, 2017, p. 277).

Segundo dados do Censo Demográfico de 2010, muitos dos profissionais que desempenhavam especificamente o papel de sociólogo eram formados em áreas distintas. Dos 3.083 respondentes que disseram trabalhar como Sociólogos, Antropólogos e Afins, 48% tinham graduação na área de Ciências Sociais, em oposição aos 52% que possuíam formações bastante variadas (Baltar, Siqueira Baltar, 2017, p. 282). Além de ser possível inferir a partir desses dados que os graduados em Ciências Sociais exerciam diversas ocupações, também foi observado que as pessoas formadas em Sociologia e Estudos Culturais⁵⁶ empregadas se dividiam em: 22% com ocupações mal definidas ou não declaradas, 11,39% eram professores do Ensino Fundamental e 10,59% do Ensino Médio, 9,55% trabalhavam como Sociólogos, Antropólogos e Afins e, por fim, apenas 6,4% eram professores universitários, mas destes últimos não houve o indicativo de quantos estavam na área da Sociologia. Em relação aos graduados em Ciências Sociais e Comportamentais (Cursos Gerais), a distribuição foi similar⁵⁷.

A partir desses dados, podemos afirmar que, ainda que os empregos mais “tradicionais” estejam sofrendo redução de oferta, ainda existem muitos espaços para que os graduados em Ciências Sociais exerçam profissionalmente sua formação. Por não contemplarem essas outras atuações que apresentam mais vagas, os currículos de graduação

⁵⁴ Referente ao contexto acadêmico.

⁵⁵ Os autores classificaram como outras todas as profissões fora do âmbito universitário e escolar.

⁵⁶ Formação que inclui Antropologia, mas não a Ciência Política.

⁵⁷ Cf. *A Sociologia como profissão* (Baltar, Siqueira Baltar, 2017).

acabam sendo apontados por alguns autores como um problema a ser resolvido (Cravo, Medina, 2017) e os próprios estudantes apresentam demandas sobre esse aspecto. Entretanto, é preciso repensar os currículos de modo a considerar as disputas políticas e ideológicas que ocorrem na esfera da educação, não sendo possível alterar mecanicamente e sob uma perspectiva utilitarista os conteúdos até então consolidados na academia. É desejável, no melhor dos cenários, que as expectativas de quem ingressa em Ciências Sociais, o que é oferecido pelos currículos do curso e a atual configuração do mercado de trabalho estejam alinhados. Apesar disso, em nosso campo, o descompasso entre esses três elementos parece ser a regra.

CAPÍTULO 2: Quem são, o que sabem e o que pretendem os ingressantes?

2.1 Breve histórico da UNICAMP e do IFCH

Em 5 de outubro de 1966, foi oficialmente fundada a Universidade Estadual de Campinas durante a ditadura civil militar brasileira. Em sua dissertação de mestrado, Mariana Martinelli Lima retoma as contradições envolvidas na criação de uma universidade como a UNICAMP, que desde o início possuía um projeto de excelência e de interiorização do ensino superior (Lima, 2020, p. 70-71). Apesar de ter uma história razoavelmente recente, a UNICAMP sempre aparece nos rankings de melhores universidades do Brasil, o que é apontado como uma “consolidação do projeto fundador” (*Ibid*, p. 72). Recentemente, na última divulgação do QS World University Rankings 2024, a UNICAMP ficou na segunda colocação entre as universidades brasileiras, na oitava colocação entre as da América Latina⁵⁸ e na posição 220 entre as 1499 instituições classificadas no ranking mundial (Mateus, 2023).

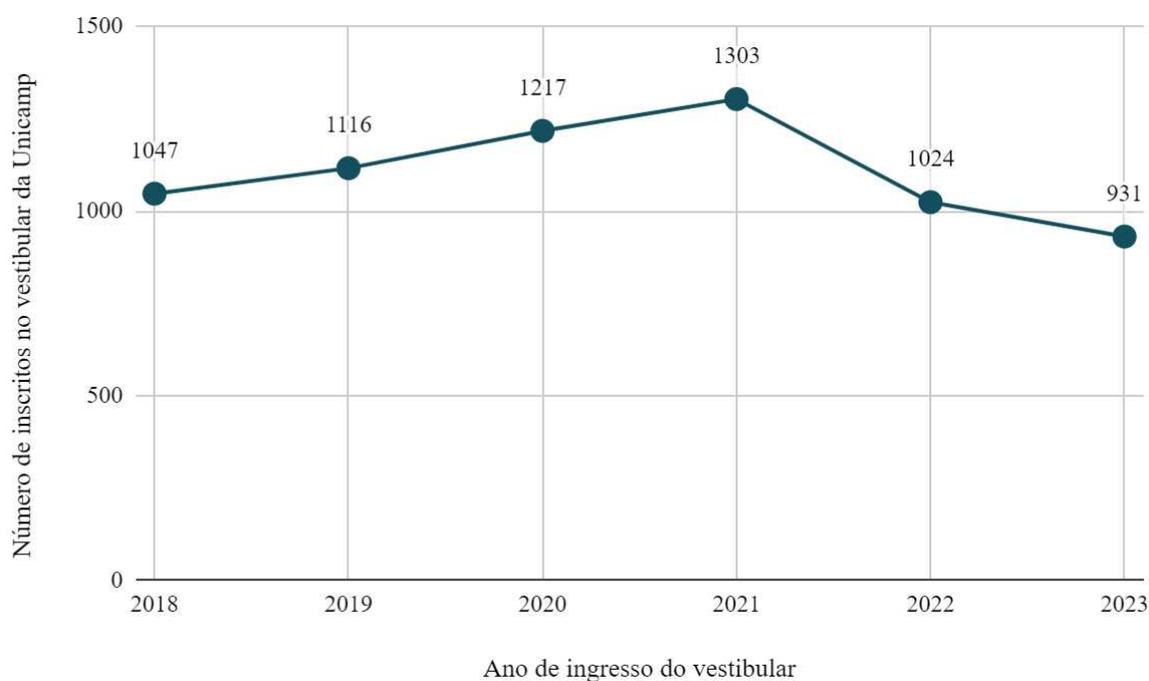
O prestígio social que a UNICAMP conserva é bastante alto, assim como o nível de concorrência para o ingresso nela, apesar de ter havido queda no número de inscritos em seus vestibulares de 2022 e 2023. No vestibular para ingresso em 2018, a universidade registrou o recorde histórico de 83.779 inscritos, o que, naquele ano, representava 25 candidatos por vaga nos cursos (Sangion, 2017). Este feito não se repetiu e, na realidade, o vestibular para ingresso em 2023 teve o menor índice de inscrições dos últimos 10 anos, com 61,6 mil candidatos (Pacífico, 2022). Entretanto, em 2024, houve um aumento de 5% dos inscritos no vestibular da UNICAMP, com um total de 64.705 candidatos, o maior das últimas três edições (COMVEST, 2023).

Havia 1047 pessoas inscritas para o vestibular da UNICAMP de 2018 para o curso de Ciências Sociais e, a partir do ano seguinte, o número aumentou gradativamente a cada ano, chegando a 1303 inscrições no vestibular de 2021 e voltando a diminuir no de 2022. No vestibular de 2023, o número total de inscritos para o curso foi 931, seguindo a queda geral sofrida pelo vestibular da UNICAMP. O crescimento do interesse por Ciências Sociais nos vestibulares da UNICAMP de 2019 a 2021 pode estar relacionado com a implementação de cotas para pessoas negras e do Vestibular Indígena (Alves Filho, 2017), já que acompanha a busca geral pelos cursos da universidade. Isso porque, apesar desse breve contexto de

⁵⁸ No ranking da Times Higher Education a UNICAMP ficou com a terceira posição entre as universidades da América Latina. Ver MATEUS, Felipe. Excelência em pesquisa e ensino faz da UNICAMP a terceira melhor universidade da América Latina. *UNICAMP. Atualidades*. 4 jul. 2023. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2023/07/04/excelencia-em-pesquisa-e-ensino-faz-da-unicamp-terceira-melhor-universidade-da>

aumento de busca pela graduação em Ciências Sociais na UNICAMP, o Ranking Universitário Folha revelou que nacionalmente as matrículas nesse curso sofreram queda significativa entre 2014 e 2019⁵⁹.

GRÁFICO 1 – Número de inscritos no vestibular de Ciências Sociais da UNICAMP de 2018 a 2023⁶⁰



Dados Comvest.

Algumas hipóteses compartilhadas por especialistas sugerem que essa redução no interesse pode estar relacionada com a visão negativa que uma parcela da sociedade tem sobre os cursos, além da mudança no perfil universitário e a Reforma do Ensino Médio, que afetou as possibilidades de inserção para futuros licenciados nessas áreas. Durante o governo Bolsonaro, isso foi ainda mais sentido, já que existia uma campanha de difamação sobre essas formações, que seriam consideradas “subversivas e improdutivas para o país” (Ribeiro, *apud* Cunha, 2019), segundo Renato Janine Ribeiro, professor de filosofia e ética da USP.

Os cursos de graduação em Ciências Sociais Integral (Curso 16) e Noturno (Curso 44) da UNICAMP, oferecidos pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, são compostos pelos departamentos de Antropologia, Sociologia, Ciências Política e Demografia e

⁵⁹ De 2014 a 2019, o número de ingressantes em Ciências Sociais registrou queda percentual de 47%, ou seja, de 9.826 para 5.169 estudantes (Ferrasoli, 2019).

⁶⁰ A partir do ano de 2019, os números do gráfico representam a soma de inscritos no vestibular da UNICAMP em ampla concorrência, nas cotas étnico-raciais e no vestibular indígena.

possibilitam cinco modalidades de formação⁶¹. A graduação em Ciências Sociais é a única do IFCH que é ofertada em dois períodos⁶², além de anualmente dispor 44 vagas por meio do vestibular da Comvest, 11 vagas pelo ENEM e 2 vagas pelo vestibular indígena para cada uma das turmas⁶³. O Projeto Pedagógico de Ciências Sociais informa que a grade curricular do curso é interdisciplinar e busca “promover uma sólida formação teórica e científica condizente com os novos campos de atuação profissional em diversas áreas da pesquisa, da docência, do planejamento e da gestão da vida social” (UNICAMP, 2015, p. 6).

Como já afirmado, a maioria dos currículos das graduações em Ciências Sociais, incluindo da UNICAMP, oferece formação visando principalmente a formação de pesquisador acadêmico e docente da educação básica. Na grade curricular obrigatória de Ciências Sociais na UNICAMP não existem disciplinas voltadas para uma formação profissional pensando no mercado de trabalho para além da pesquisa acadêmica e/ou educação e, ainda assim, o instituto tem um foco maior na pesquisa do que na licenciatura⁶⁴. Esta é a realidade da maioria dos cursos de Ciências Sociais no Brasil (Cravo, Medina, 2017)⁶⁵.

Desenvolvi uma análise específica sobre o curso de Ciências Sociais na UNICAMP, observando quais disciplinas eletivas foram ofertadas nos últimos dez anos pelos professores⁶⁶. Mas o que posso adiantar aqui é que o debate sobre os currículos de Ciências

⁶¹ Bacharelado em Ciências Sociais – Antropologia (AA); Bacharelado em Ciências Sociais – Política (AB); Bacharelado em Ciências Sociais – Sociologia (AC); Bacharelado em Ciências Sociais – Geral (AD); Licenciatura em Ciências Sociais – Geral (AH).

⁶² Ambos os cursos possuem o mesmo currículo, mas com ingressos independentes por meio do vestibular.

⁶³ Os cursos de História e Filosofia são ofertados apenas no período integral e abrem 40 e 30 vagas respectivamente todos os anos.

⁶⁴ Não existe nenhuma linha de pesquisa específica para educação nos departamentos ligados às ciências sociais do IFCH e apenas uma professora colaboradora do Departamento de Sociologia ministra disciplinas de Sociologia da Educação na pós-graduação do instituto. Os estudantes da graduação de licenciatura em Ciências Sociais devem cursar no mínimo 14 disciplinas voltadas à pedagogia, das quais 8 são ministradas na Faculdade de Educação e as outras 6 (Educação e Sociedade, Educação e Questões Demográficas, Políticas Públicas Educacionais e Ensino de Antropologia, além de dois estágios) são ministradas no IFCH. Não estou ignorando a importância de todas as outras disciplinas oferecidas pelo instituto que compõem a grade da licenciatura para uma boa formação de professores de Ciências Sociais de ensino básico, mas a educação enquanto tema específico não é central nem tão presente aqui.

⁶⁵ Em 2020, foi realizada uma pesquisa interna pelos Representantes Discentes da Comissão de Graduação de Ciências Sociais de 2020-2021 sobre a reformulação do curso, a qual obteve 70 respostas apontando para uma necessidade de mudanças no currículo e 57 sugerindo a extensão do núcleo comum de disciplinas, correspondendo, respectivamente, à 86,4% e 70,4% dos 81 respondentes do questionário. Uma sugestão que apareceu em diferentes comentários tratava da importância de cursar disciplinas que visam um mercado de trabalho mais amplo, abordando programação e ciência de dados, que são competências mais técnicas exigidas em grande parte das vagas para cientistas sociais fora da universidade e ensino escolar. Mesmo nos casos de disciplinas eletivas ofertadas no IFCH/UNICAMP, não há recorrência de conteúdos visando o mercado de trabalho fora do ensino formal, como será demonstrado no trabalho apresentado no 47º Encontro Nacional da ANPOCS e posteriormente no terceiro capítulo desta dissertação.

⁶⁶ Proposta apresentada no Simpósio de Pesquisas Pós-Graduadas 15 - Educação no Brasil: Política, interseccionalidade e resistência do 47º Encontro Nacional da ANPOCS, que aconteceu em outubro de 2023.

Sociais está em voga há bastante tempo e isso se mostra bastante complexo. Não é possível ignorar as mudanças que estão ocorrendo no mercado de trabalho e a necessidade de adaptação às vagas existentes para cientistas sociais, tampouco é desejável alterar os currículos de maneira acrítica para corresponder a demandas externas.

Temos um desafio próprio do campo em relação à tarefa de definir a sociologia enquanto profissão, o que tensiona a objetivação e direcionamento dos cursos para o mercado de trabalho. Nosso objeto e nossa atuação estão em constantes disputas e a forma como a universidade se posiciona diante disso impacta também na inserção profissional dos recém-formados. Compreender os usos das ciências sociais para além do âmbito acadêmico, considerando as possibilidades e as motivações dos graduandos é um dos caminhos para buscar algum nível de equilíbrio entre o que o curso oferece, o que a sociedade espera e o que os estudantes almejam.

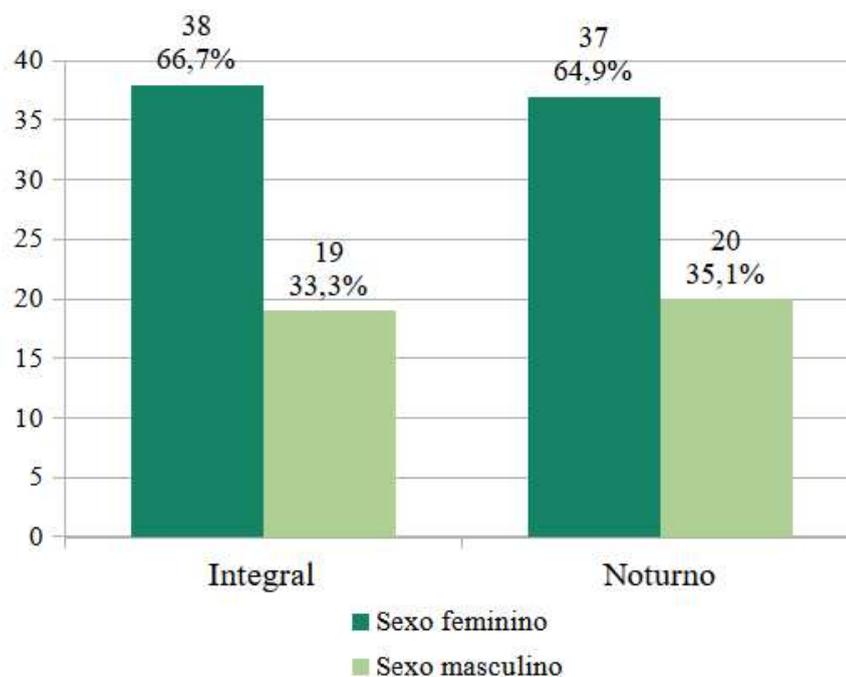
2.2 Perfil estudantil dos ingressantes de 2023 do IFCH/UNICAMP

No site da Comvest são disponibilizados dados dos inscritos no vestibular e dos matriculados na UNICAMP, sendo possível observar relações entre o que foi divulgado sobre todos os ingressantes das turmas de Ciências Sociais de 2023 com as respostas obtidas no questionário deste estudo. A Comvest recebeu respostas de todos os 114 ingressantes de 2023 em Ciências Sociais na UNICAMP, sendo ao todo 114 matriculados neste ano, 57 alunos em cada turma. Meu questionário obteve 51 respostas, das quais 26 foram de estudantes do período integral e 25 do noturno. Utilizando as informações da Comvest como complemento, comentarei os dados levantados em minha pesquisa e farei alguns apontamentos.

Não é viável realizar uma comparação direta acerca de todos os dados, pois a construção das perguntas na Comvest e em minha pesquisa diverge bastante, mas podemos inferir algumas hipóteses e refletir sobre os resultados de ambas as fontes. Por exemplo, a Comvest questiona sexo ao invés de gênero, o que configura em uma diferença considerável com o questionário que apliquei, pois utilizei “identidade de gênero”, tendo recebido respostas que não se reduzem apenas ao masculino e feminino. Ainda assim, a título de reflexão, segundo a Comvest, em 2023, 38 das 57 pessoas (66,7%) que se matricularam no curso de Ciências Sociais Integral são do sexo feminino e 37 das 57 pessoas (64,9%) que se matricularam no curso de Ciências Sociais Noturno são do sexo feminino. Observando os dados da Comvest desde 2012, anualmente ingressam mais pessoas do sexo feminino do que

masculino no curso de Ciências Sociais no período integral. No período noturno isso variou, tendo 6 desses 10 anos com mais ingresso do sexo masculino e 4 anos⁶⁷ com mais ingresso feminino⁶⁸.

GRÁFICO 2 – Sexo dos ingressantes matriculados em Ciências Sociais na UNICAMP em 2023



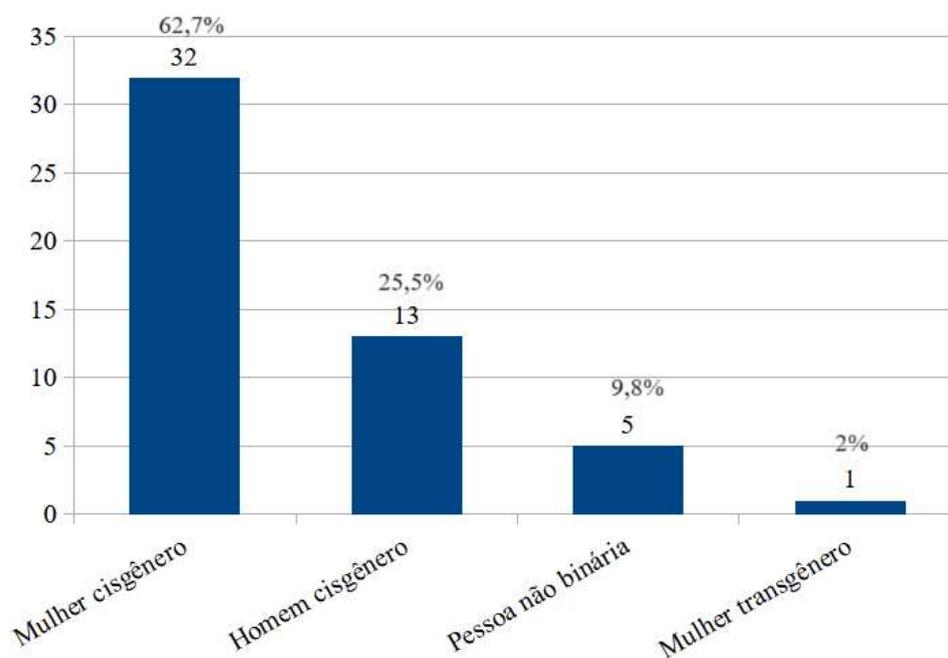
Dados Comvest 2022.

A maioria dos respondentes desta pesquisa é feminina, tendo consonância com a composição de discentes de ambas as turmas. Sexo e identidade são categorias distintas, então pode-se dizer que os dados se complementam. Em meu questionário, 11,8% afirmaram ser pessoa transgênera, quase metade da quantidade de respondentes que afirmaram ser homem cisgênero (25,5%). Nos gráficos abaixo, são apresentados esses dados.

⁶⁷ Foram eles em 2016, 2020, 2021 e 2022.

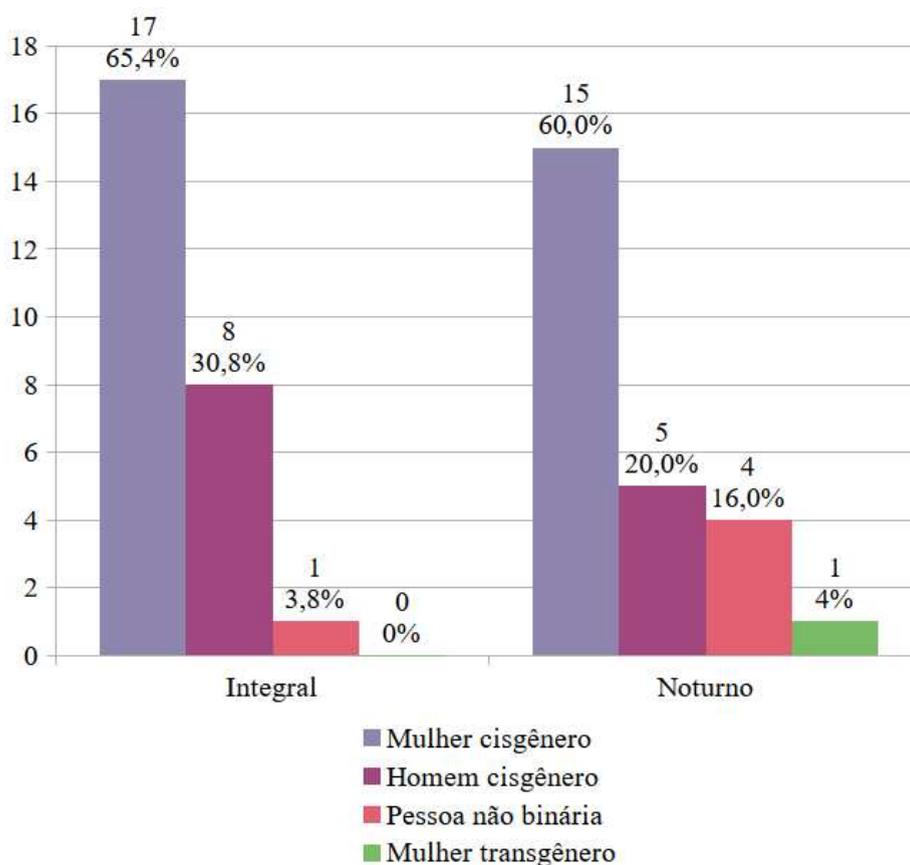
⁶⁸ Interessante mencionar que, das 150 pessoas diplomadas em Ciências Sociais entre 1936 e 1955 na Universidade de São Paulo (USP), 85 eram mulheres, ou seja, 57% do total (Miceli, 2001). Apesar de haver uma tendência de maioria feminina no curso ainda hoje, isso não é verdade em todos os casos. No mesmo período de 1936 a 1955, das 130 pessoas formadas em Ciências Sociais pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo, apenas 51 eram mulheres, correspondendo a 39% do total. Talvez seja necessário analisar quais fatores contribuem para essa variação, como o período de oferecimento do curso e a instituição analisada.

GRÁFICO 3 – Identidade de gênero dos respondentes do questionário



Dados Pesquisa Atual.

GRÁFICO 4 – Identidade de gênero dos respondentes do questionário divididos por turma

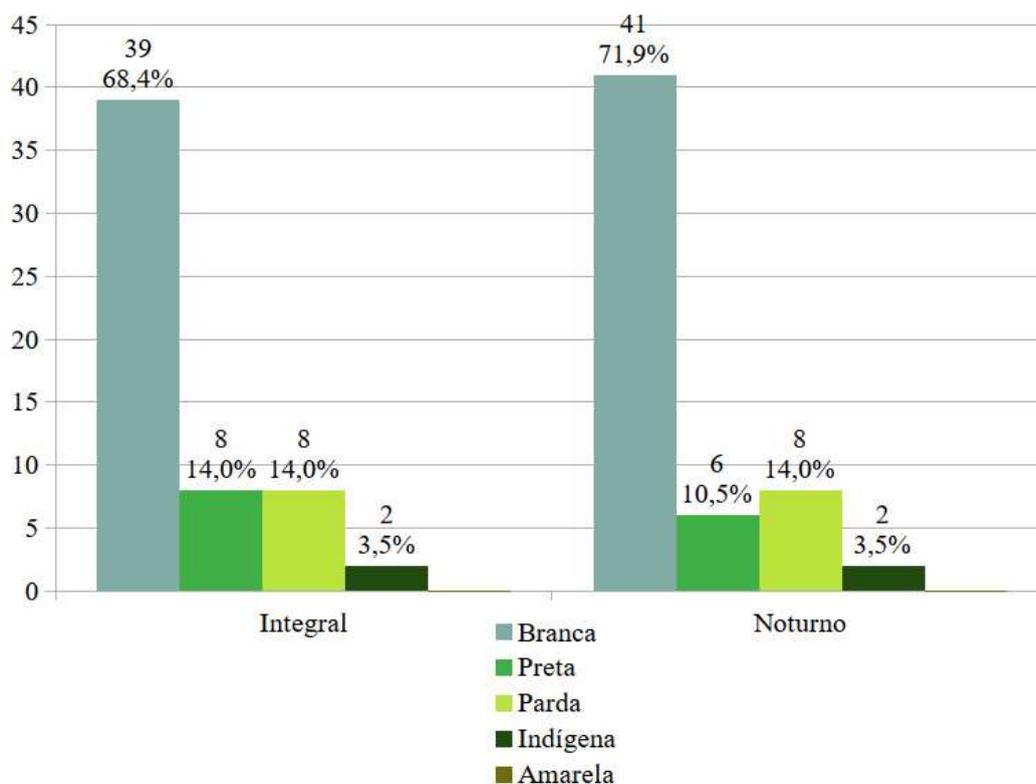


Dados Pesquisa Atual.

Na pergunta sobre cor/raça do questionário da Comvest, na turma do integral, 39 ingressantes (68,4%) se autodeclararam brancos, enquanto no noturno, 41 ingressantes se autodeclararam brancos (71,9%). A disparidade racial no curso ainda é bem mais significativa que a de gênero, apesar do aumento da presença de estudantes não brancos nas universidades brasileiras. O número de estudantes negros não chega a 30% nas turmas e o de indígenas é ainda mais diminuto, representando apenas 3,5% em ambos os períodos.

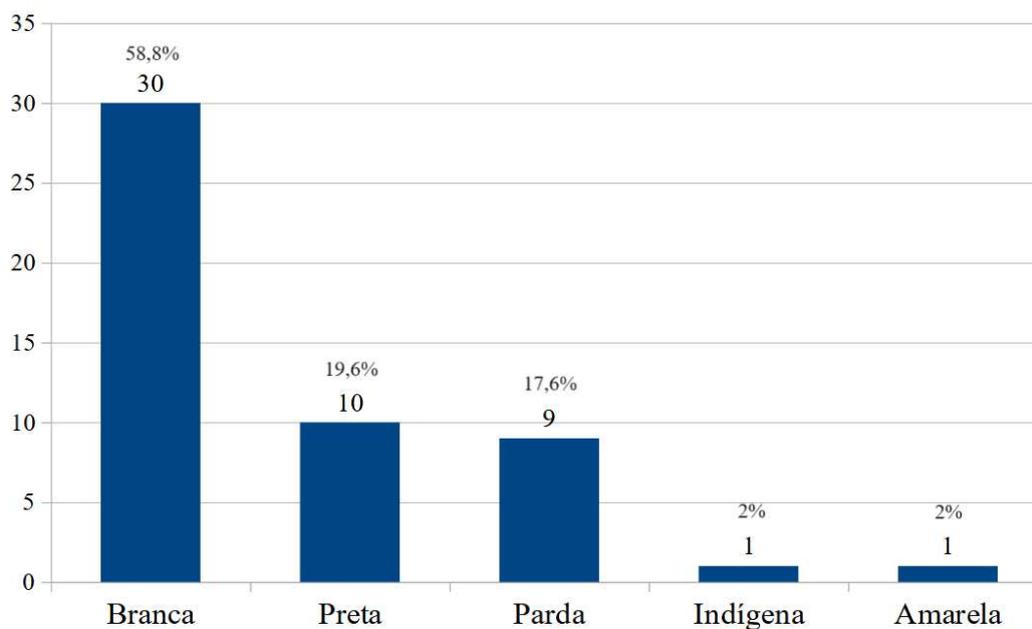
Em meu questionário, também obtive respostas de mais estudantes que se autodeclararam brancos (58,8%), mas ao dividir os dados do questionário em período integral e noturno, foi possível observar que proporcionalmente menos estudantes brancos da turma noturna quiseram responder à minha pesquisa. Dos 25 respondentes do período noturno, apenas 13 (52%) eram brancos. Notei ainda outra divergência com os dados da Comvest, já que nenhum estudante tinha se autodeclarado amarelo, enquanto em minha amostra uma das pessoas respondentes se autodeclarou assim (2%). Uma hipótese do que isso pode significar é que pode ter havido uma mudança na leitura pessoal do estudante sobre a própria raça/cor a partir do ingresso no curso.

GRÁFICO 5 – Raça/cor dos ingressantes matriculados em Ciências Sociais na UNICAMP em 2023



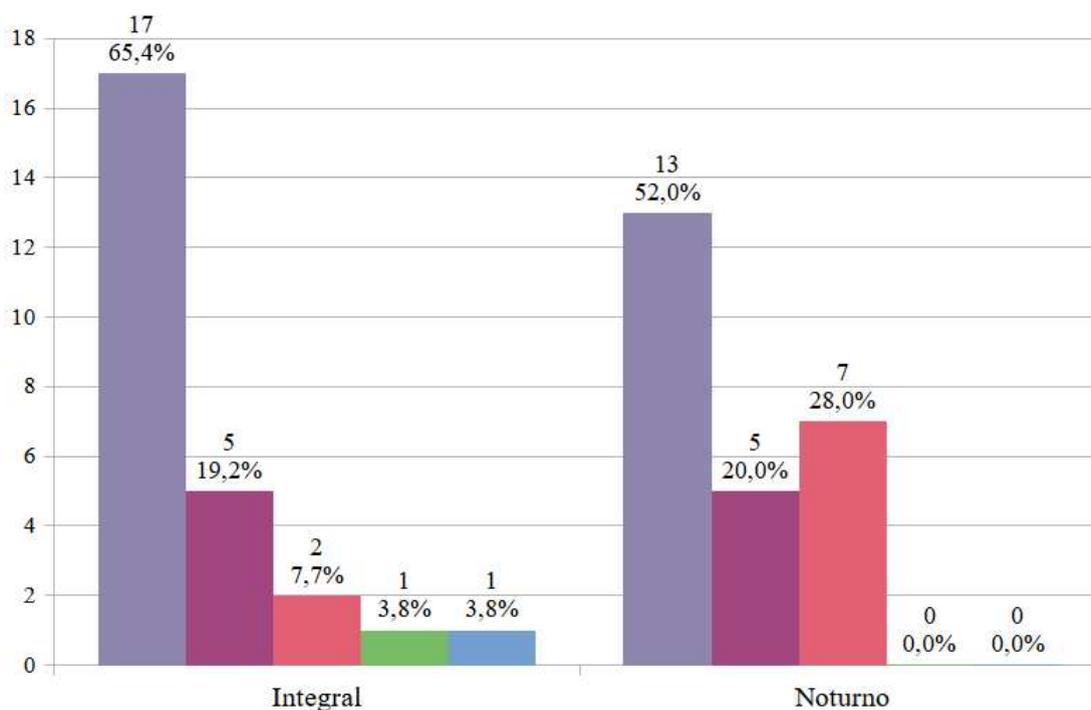
Dados Comvest 2022.

GRÁFICO 6 – Raça/cor dos respondentes do questionário



Dados Pesquisa Atual.

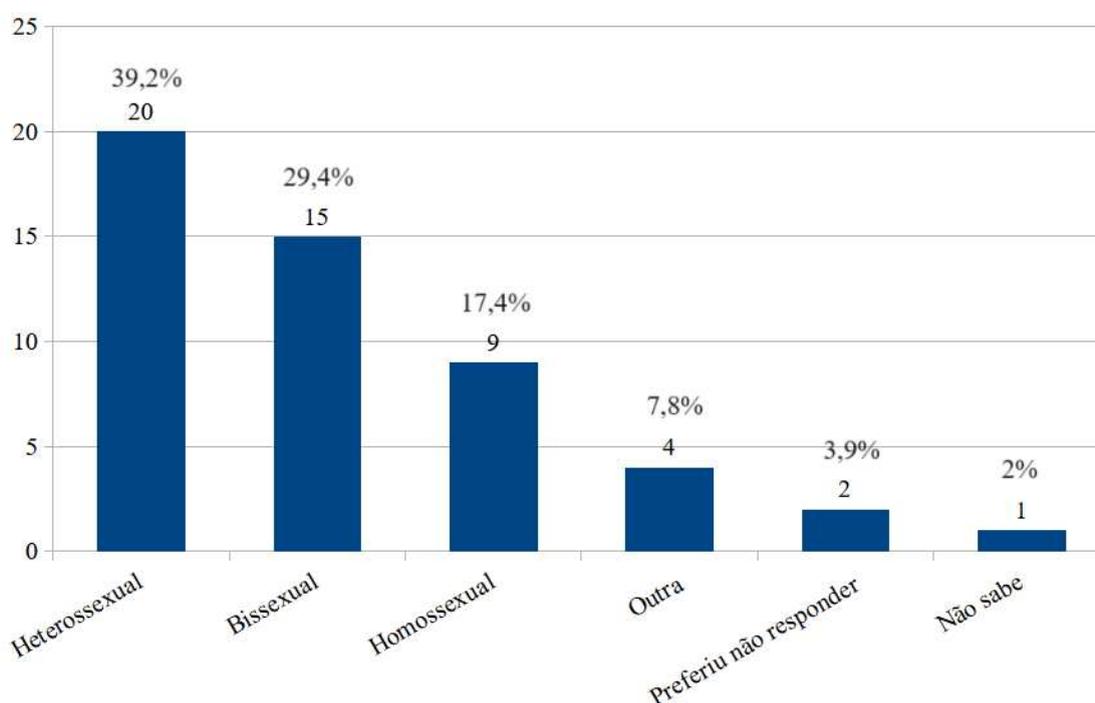
GRÁFICO 7 – Raça/cor dos respondentes do questionário divididos por turma



Dados Pesquisa Atual.

De acordo com as respostas para a pergunta sobre orientação sexual, excluindo o número de estudantes que não souberam ou não quiseram responder, temos que 58,3% da amostra se identifica como parte da comunidade LGBTQIAP+. Segundo dados do IBGE de 2019, 1,8% da população brasileira adulta se declarou homossexual ou bissexual (Barros, 2022). Evidentemente o universo investigado é pequeno e, portanto, grandes inferências sobre essa questão específica não podem ser realizadas a partir dela. Entretanto, uma possível hipótese para a quantidade de estudantes que se identificam como LGBTQIAP+ seja a relação entre fazer parte de uma minoria social e querer compreender as desigualdades em função de aspectos identitários a partir da formação em uma área que tem como objeto de estudo esses temas.

GRÁFICO 8 – Orientação sexual dos respondentes do questionário



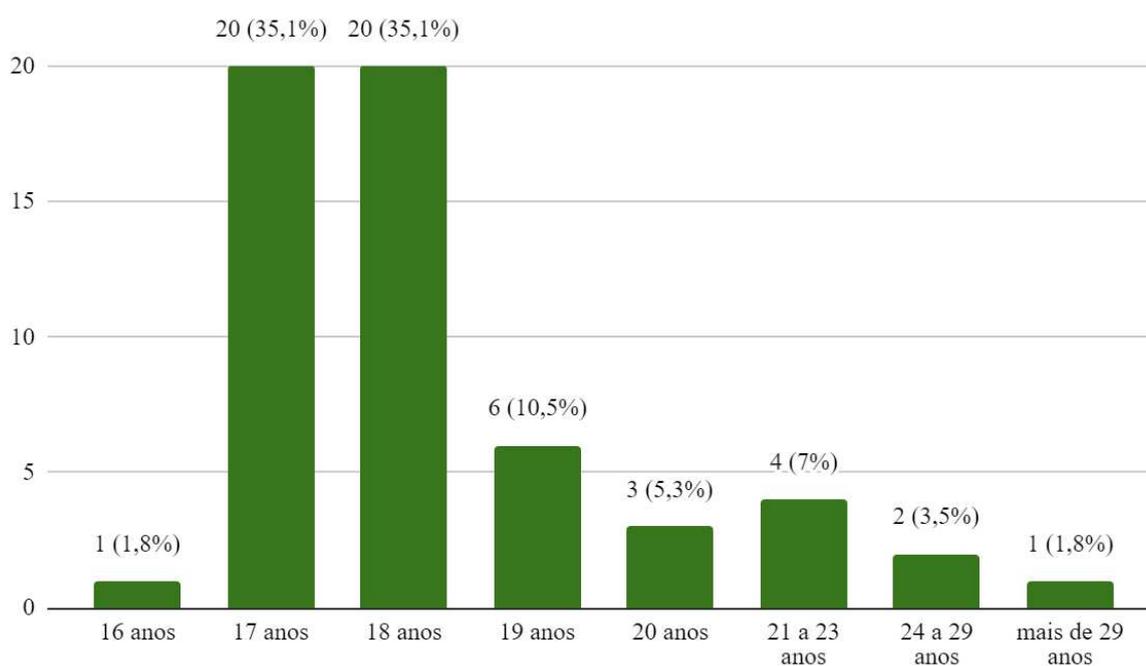
Dados Pesquisa Atual.

Em relação à idade, a turma do integral possui estudantes consideravelmente mais novos do que a do noturno⁶⁹. Ainda assim, segundo a Comvest, nos dois períodos a faixa etária predominante está entre 17 e 18 anos, correspondendo a 70,2% dos estudantes do

⁶⁹ Além dos alunos de 17 e 18 anos, no momento da matrícula, o integral também tinha um estudante de 16 anos, o que significa que 72% dos ingressantes da turma possuíam até 18 anos, 24,6% a mais de estudantes na mesma faixa etária no noturno.

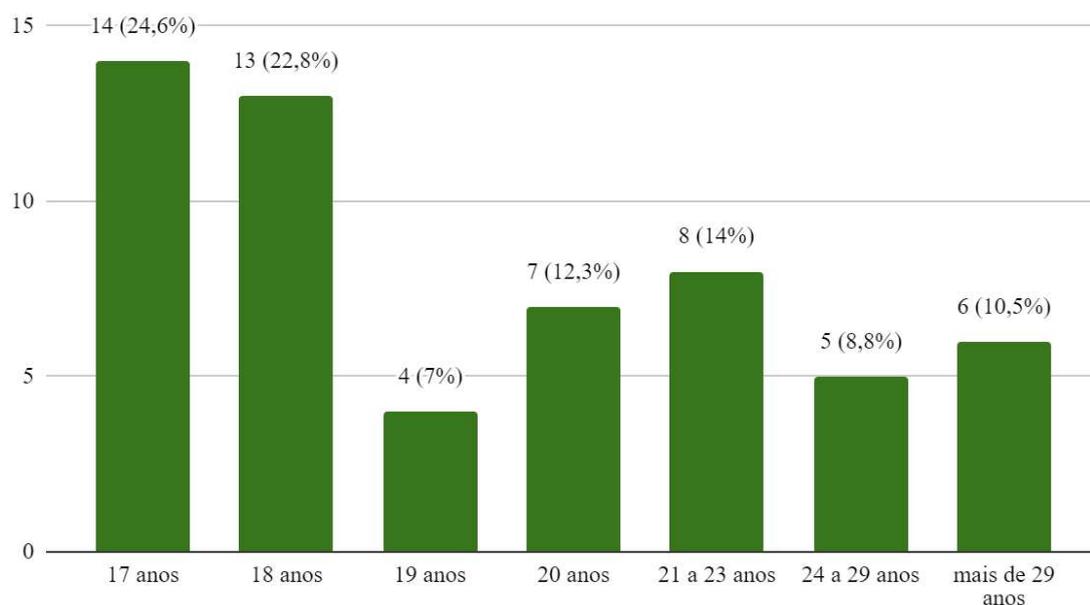
período integral (40 alunos) e 47,4% do noturno (27 alunos). Na turma do integral, apenas 3 estudantes têm 24 anos ou mais (5,3%), enquanto na noturna 11 estudantes têm 24 anos ou mais (19,3%). Entre 19 e 23 anos, no integral tem 13 estudantes (22,8%) e 19 (33,3%) no noturno. Em meu questionário obtive mais respostas de estudantes de 18 e 19 anos (35,3% e 23,5% respectivamente), o que também pode ter relação com estudantes que fizeram aniversário no período entre a aplicação do questionário da Comvest e do meu.

GRÁFICO 9 – Idade dos matriculados em Ciências Sociais Integral na UNICAMP em 2023



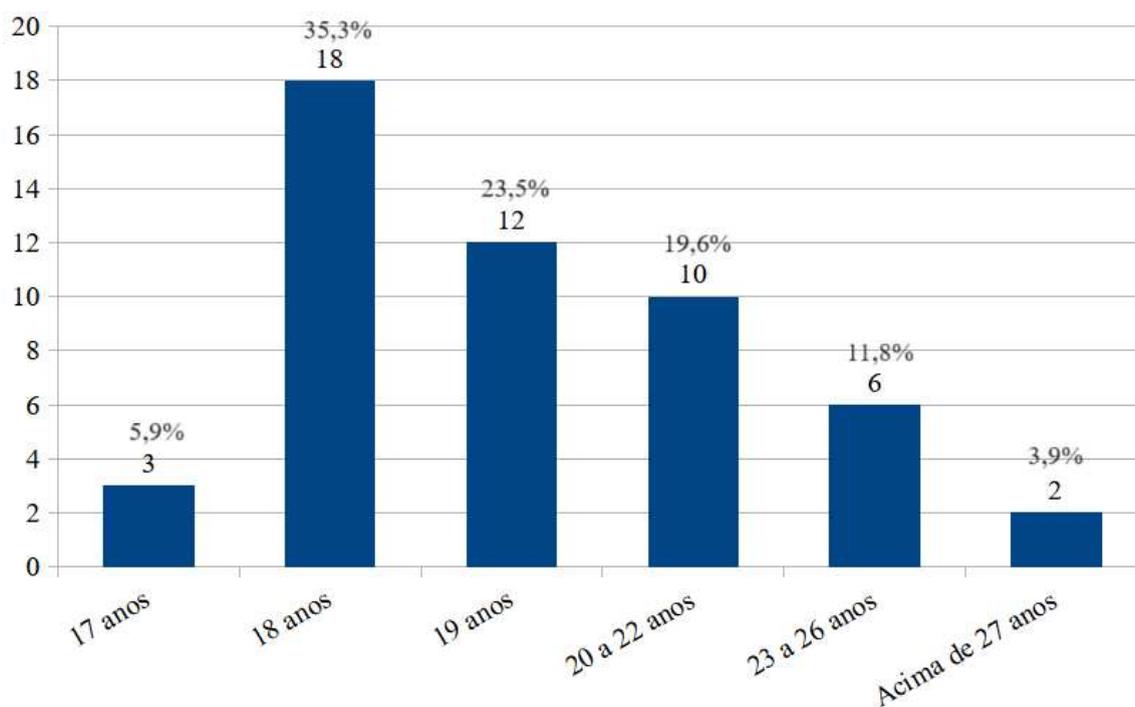
Dados Comvest.

GRÁFICO 10 – Idade dos matriculados em Ciências Sociais Noturno na UNICAMP em 2023



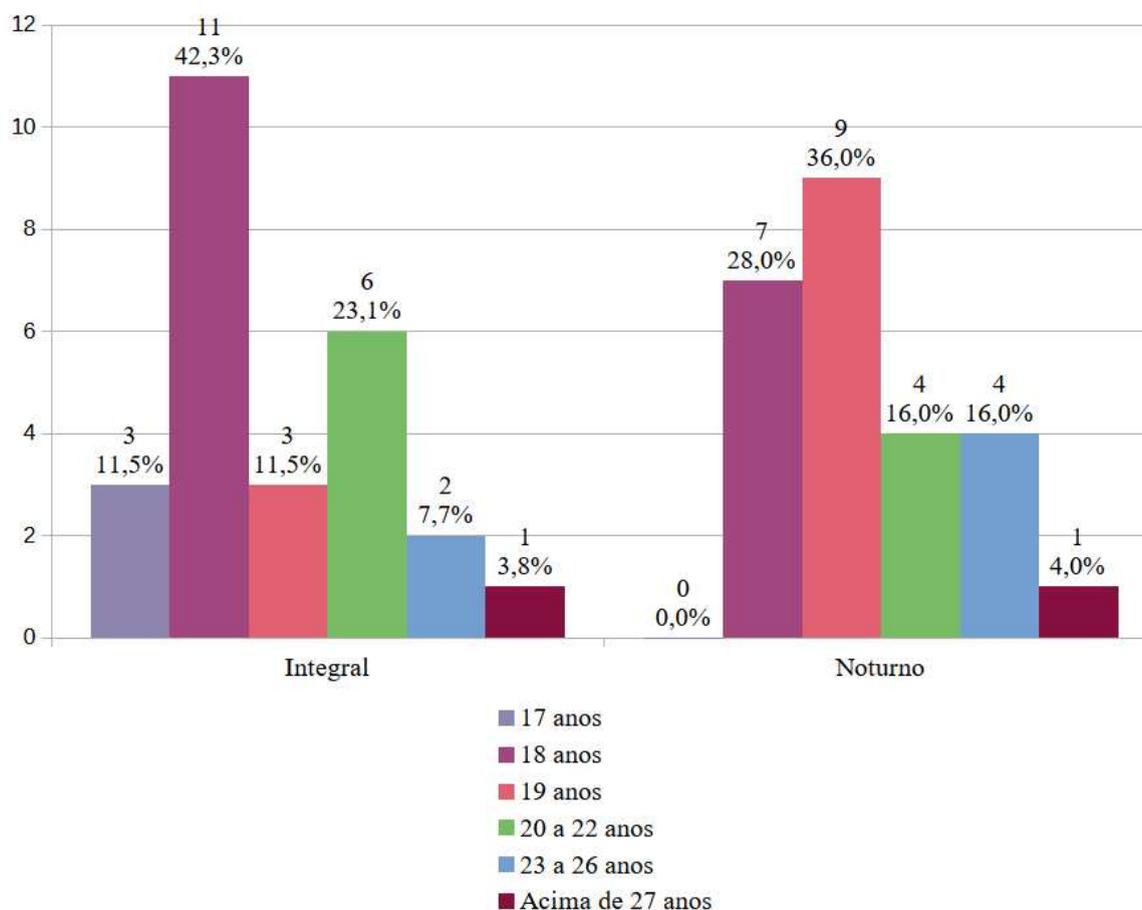
Dados Comvest 2022.

GRÁFICO 11 – Idade dos respondentes do questionário



Dados Pesquisa Atual.

GRÁFICO 12 – Idade dos respondentes do questionário divididos por turma



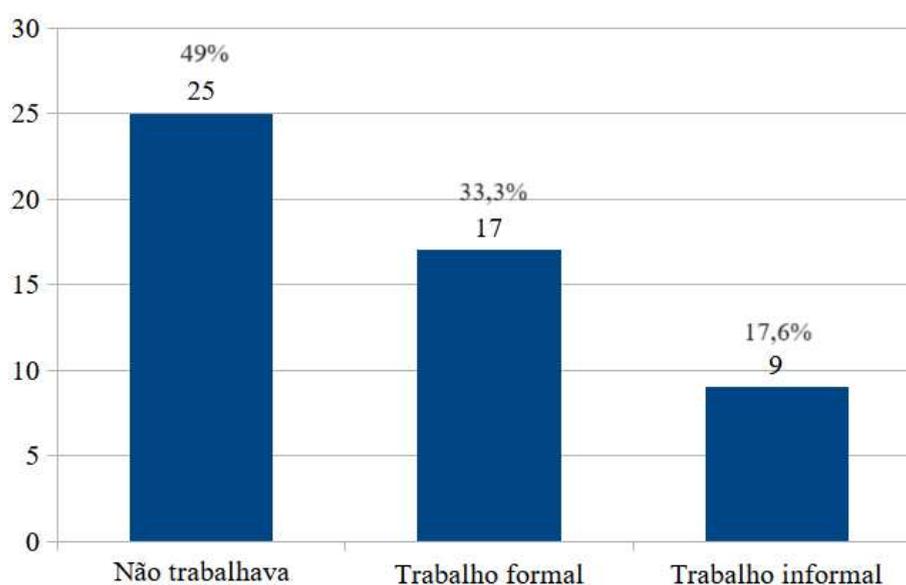
Dados Pesquisa Atual.

Segundo meu questionário, no ensino médio, 21 (41,2%) dos respondentes estudaram em escola privada, 17 (33,3%) em escola pública e 13 (25,5%) em escola pública técnica. De acordo com a Comvest, dos 57 alunos da turma do integral, 21 (36,8%) cursaram o ensino médio em escola pública, 35 (61,4%) cursaram em escola particular e 1 (1,8%) cursou a maior parte em escola pública. Desses, 46 (80,7%) cursou o ensino médio comum e 11 (19,3%) cursou ensino médio técnico. Na turma do noturno, 36 (63,2%) cursaram o ensino médio em escola pública, 16 (28,1%) cursaram em escola particular, 4 (7%) cursaram a maior parte em escola particular e 1 (1,8%) cursou a maior parte em escola pública. Desses, 40 (70,2%) cursaram o ensino médio comum, 16 (28,1%) cursaram o ensino médio técnico e 1 (1,8%) obteve a certificação do ensino médio pelo ENEM/ENCCEJA.

Segundo os dados da Comvest, no momento de inscrição no vestibular, 87,7% da turma do integral e 50,9% da turma do noturno não exerciam atividade remunerada. Entretanto, a maioria dos respondentes do meu questionário (51%) afirmou que exerceu

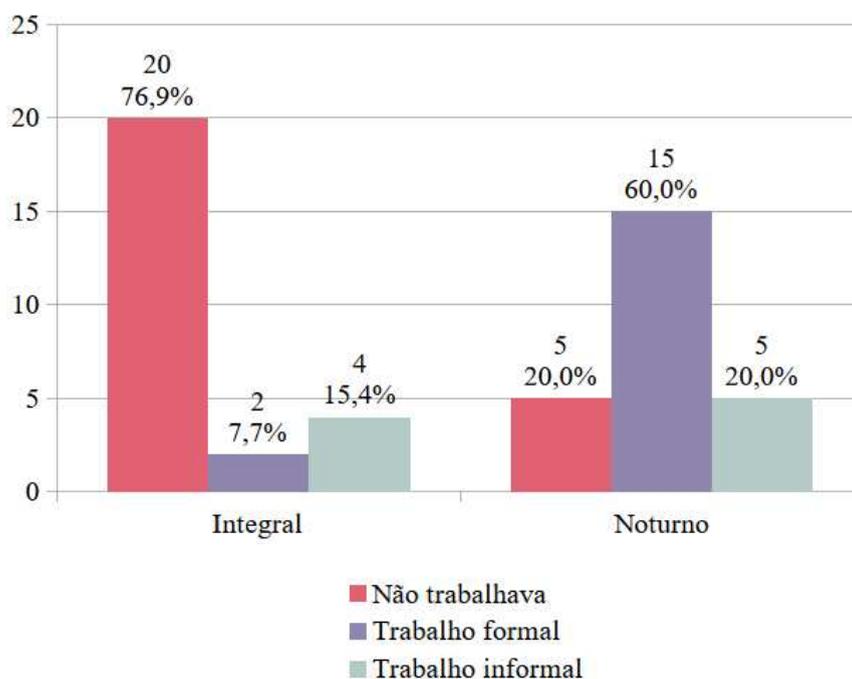
atividade remunerada antes do ingresso na UNICAMP, sendo em trabalho formal ou informal. Quando observamos os dados divididos por turma, temos que no integral apenas 23,1% exerceu atividade remunerada antes de começarem a faculdade, enquanto entre os respondentes do noturno o percentual chega a 80%. É bastante relevante observar essas diferenças no perfil estudantil das turmas de um mesmo curso, pois o período noturno consegue atrair mais estudantes com diferentes características para a universidade, tanto em termos de idade e rotinas quanto em relação às condições socioeconômicas.

GRÁFICO 13 – Exercício de atividade remunerada pelos respondentes antes do ingresso na UNICAMP



Dados Pesquisa Atual.

GRÁFICO 14 – Exercício de atividade remunerada pelos respondentes antes do ingresso na UNICAMP divididos por turma



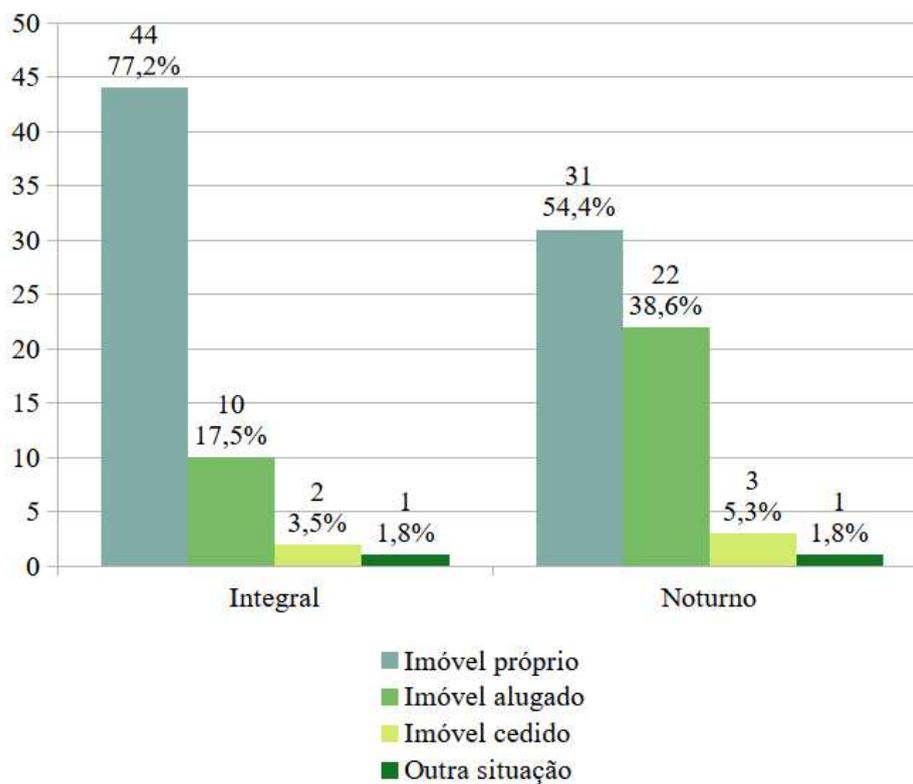
Dados Pesquisa Atual.

A Comvest faz perguntas específicas para tentar captar dados sobre o capital cultural dos estudantes, como em relação à frequência que eles leem revistas, gibis ou livros não escolares. Diferentemente, em meu questionário, perguntei aos alunos sobre a realização de cursos fora da escola (extracurriculares) antes do ingresso na universidade, ao que 58,8% responderam “sim, por algum período da infância e/ou adolescência”, 23,5% responderam “sim, durante a maior parte da infância e/ou adolescência” e 17,6% responderam “não, nunca realizou cursos extracurriculares”. O curso realizado mais mencionado foi inglês, seguido de informática; esportes e dança também foram mencionados algumas vezes, além de outros cursos mais específicos. Na pergunta sobre falar uma segunda língua, 38 (74,5%) estudantes responderam que sim e 13 (25,5%) responderam que não. Dos estudantes que falam uma segunda língua, 28 falam inglês, 7 falam inglês e espanhol, 1 fala inglês, espanhol e francês e 1 fala inglês e alemão.

Em relação à situação da moradia da família, segundo dados da Comvest, a maioria dos estudantes respondeu que possui imóvel próprio, correspondendo a 77,2% no integral e 54,4% no noturno. No caso do período noturno, 38,6% responderam que a família mora em imóvel alugado, o que é quase o dobro do percentual de alunos do integral que deram a mesma resposta. De acordo com o meu questionário, mais de 70% afirmaram que a família

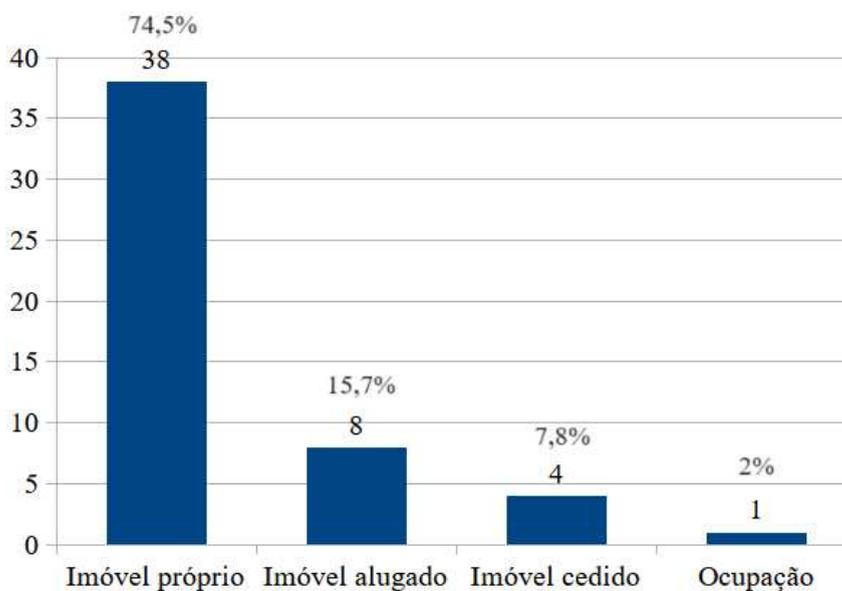
tem imóvel próprio. Ao verificar a diferença entre as turmas, no integral os alunos que possuem imóvel próprio são 84,6% e no noturno são 64%.

GRÁFICO 15 – Tipo de moradia da família dos matriculados em Ciências Sociais na UNICAMP em 2023



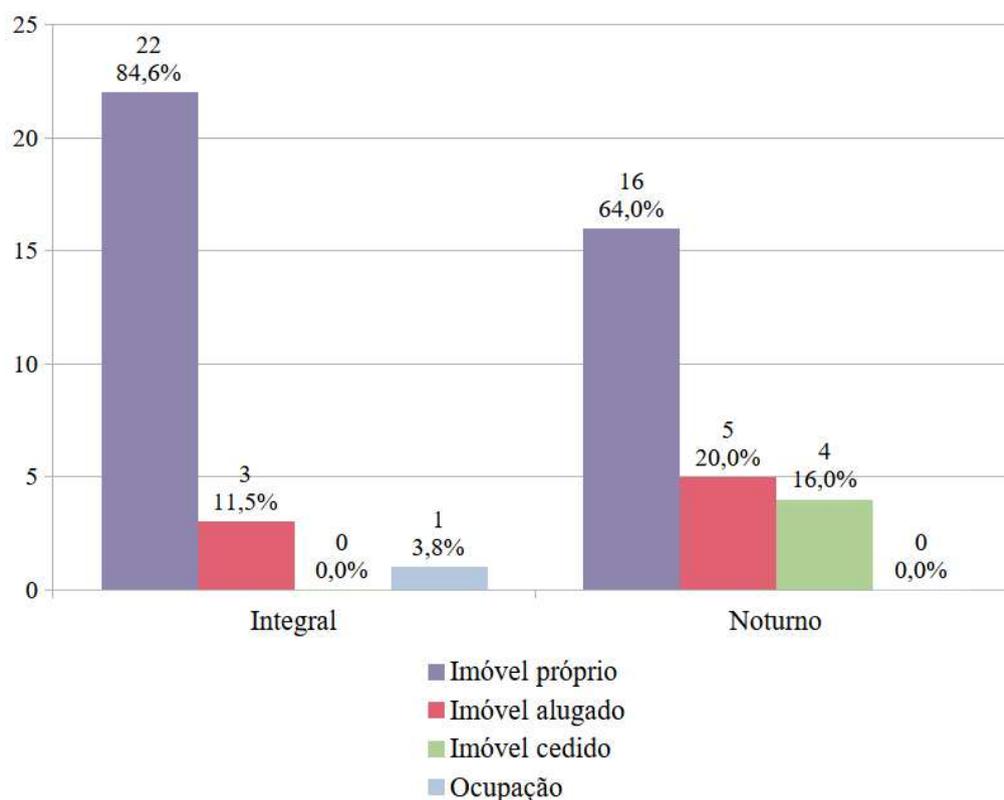
Dados Comvest 2022.

GRÁFICO 16 – Tipo de moradia da família dos respondentes



Dados Comvest 2022.

GRÁFICO 17 – Tipo de moradia da família dos respondentes divididos por turma



Dados Pesquisa Atual.

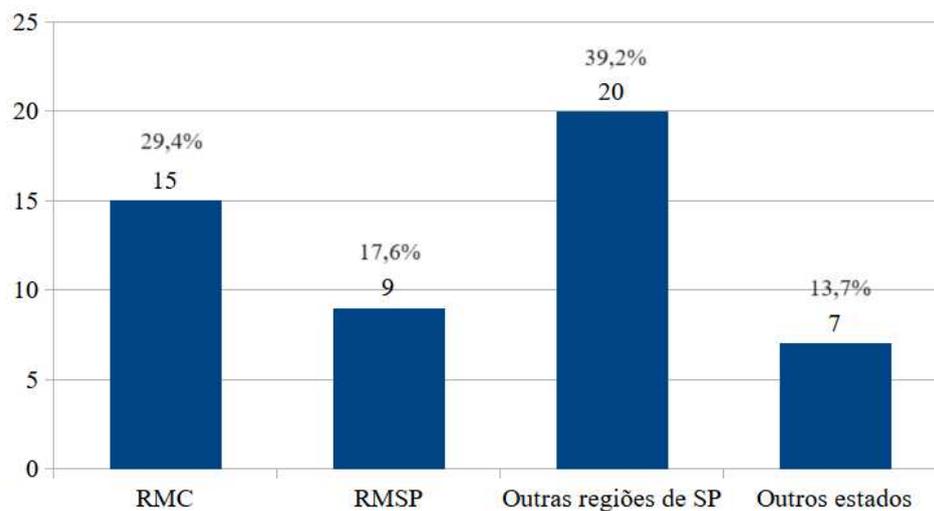
Segundo a Comvest, a maioria dos ingressantes de Ciências Sociais do período integral é de cidades do interior de São Paulo (32,7%), seguida pela região metropolitana de Campinas (29,1%) e pela região metropolitana de São Paulo (16,4%). No período noturno, a maioria é da região metropolitana de Campinas (48,2%), seguida por outras regiões de São Paulo (28,6%) e pela região metropolitana de São Paulo (14,3%). É interessante notar que o curso integral atraiu mais ingressantes de outros estados do que o noturno, com 20% e 3,6%, respectivamente. De acordo com meu questionário, a maioria dos respondentes era de outras regiões de São Paulo (39,2%)⁷⁰, seguida da região metropolitana de Campinas (29,4%) e região metropolitana de São Paulo (17,6%).

Grande parte dos estudantes (58,8%) respondeu para esta pesquisa que precisou se mudar para realizar a graduação, mas 21 (40%) dos respondentes continuaram morando no mesmo local. O atual tipo de moradia da maioria dos respondentes do questionário é a casa da família (39,2%), seguido de kitnet/apartamento (25,5%), moradia estudantil (13,7%),

⁷⁰ Diferentemente da Comvest, para melhor apresentação dos dados, condensei as respostas obtidas no questionário em quatro categorias: região metropolitana de Campinas (RMC), região metropolitana de São Paulo (RMSP), outras regiões de São Paulo e outros estados. Na Comvest, existia também a opção “litoral do Estado de SP”, que obteve apenas 1 respondente no período integral.

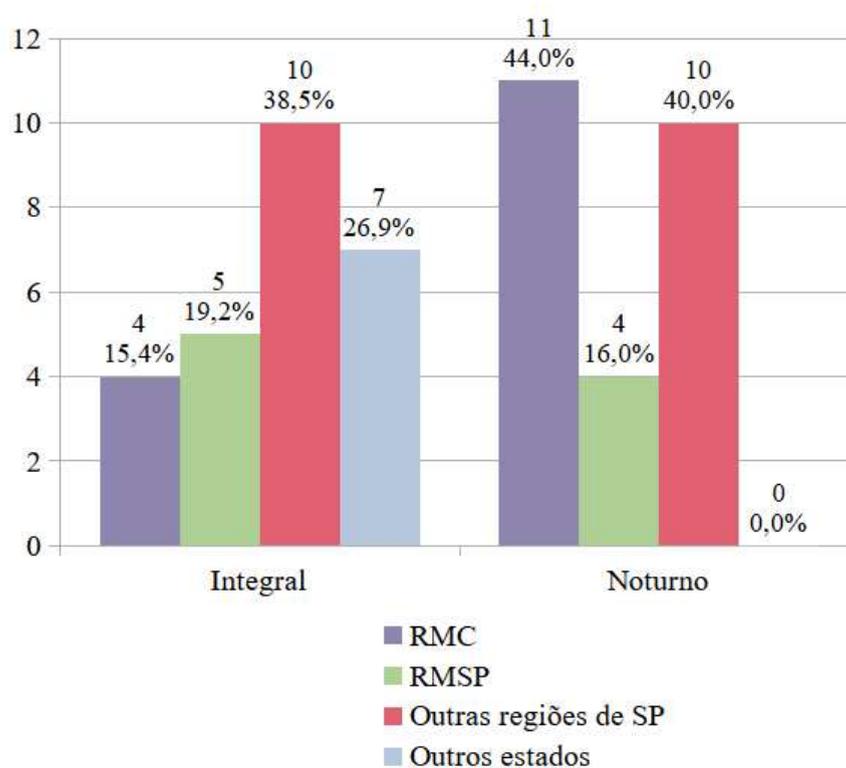
república (11,8%) e casa que não é república nem da família (9,8%). O meio principal pelo qual a maioria dos estudantes se desloca da moradia atual até a universidade é a pé (35,3%), seguido de ônibus (27,5%) e ônibus estudantil (17,6%).

GRÁFICO 18 – Local onde os respondentes moravam antes do ingresso na UNICAMP



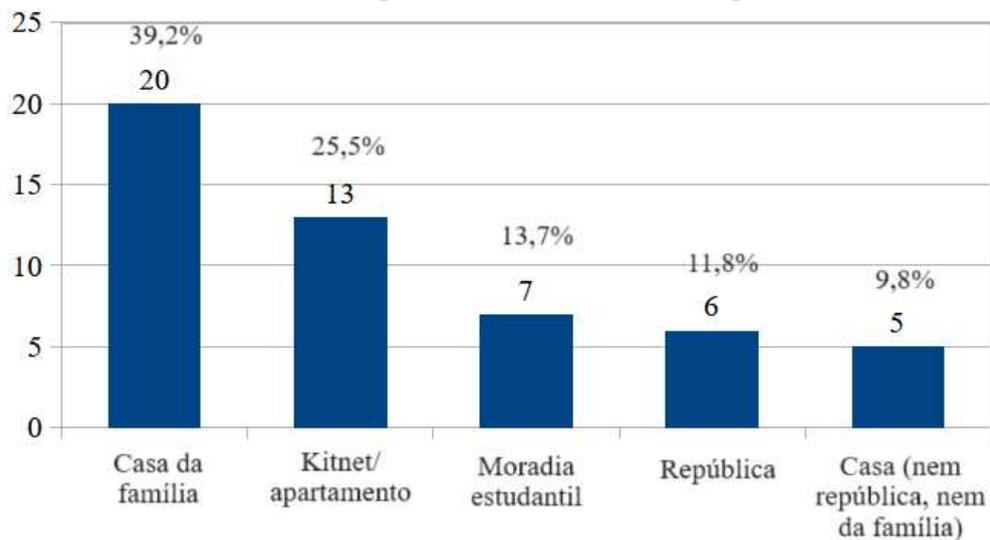
Dados Pesquisa Atual.

GRÁFICO 19 – Local onde os respondentes moravam antes do ingresso na UNICAMP divididos por turma



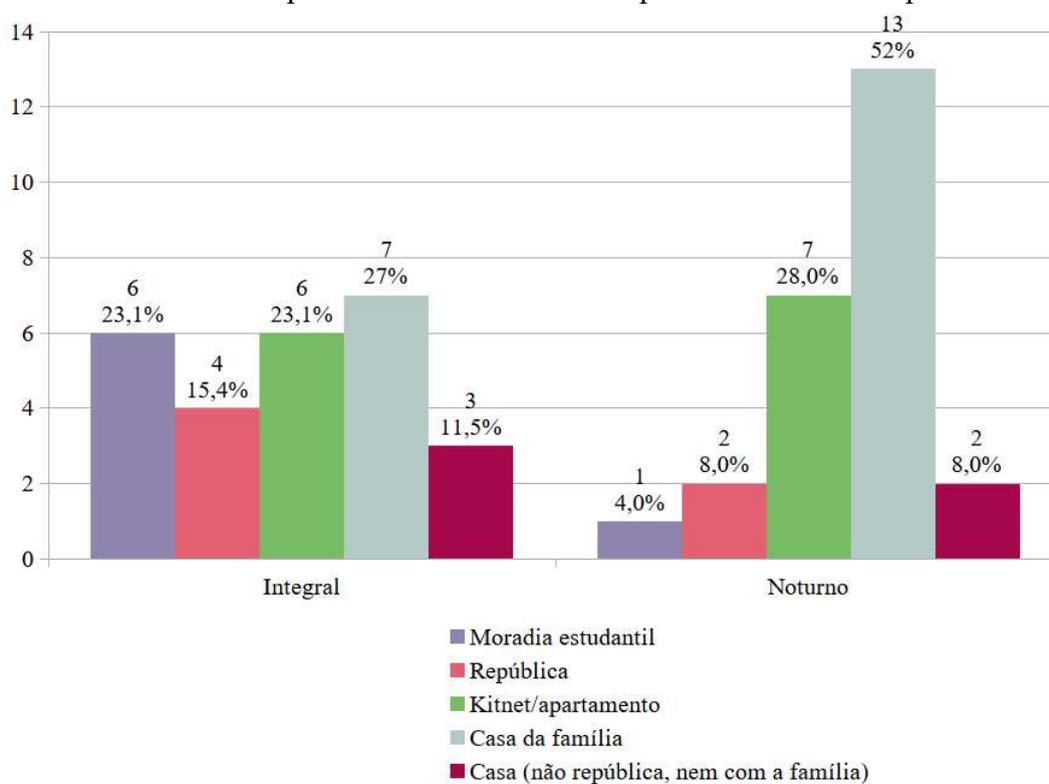
Dados Pesquisa Atual.

GRÁFICO 20 – Tipo atual de moradia dos respondentes



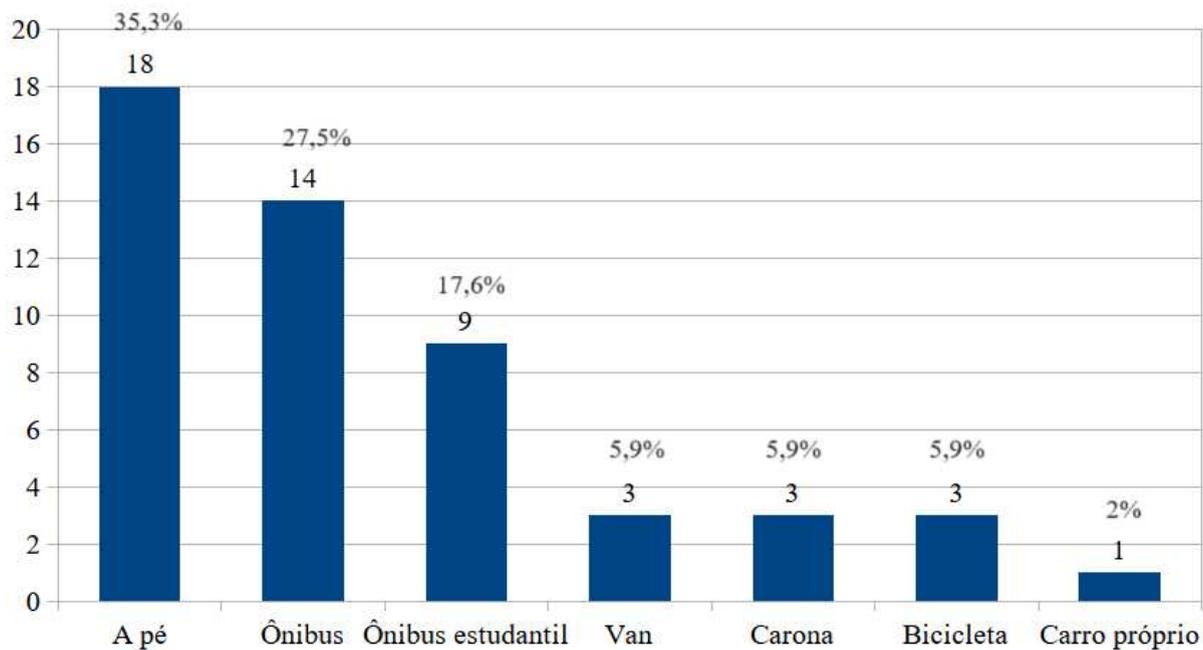
Dados Pesquisa Atual.

GRÁFICO 21 – Tipo atual de moradia dos respondentes divididos por turma



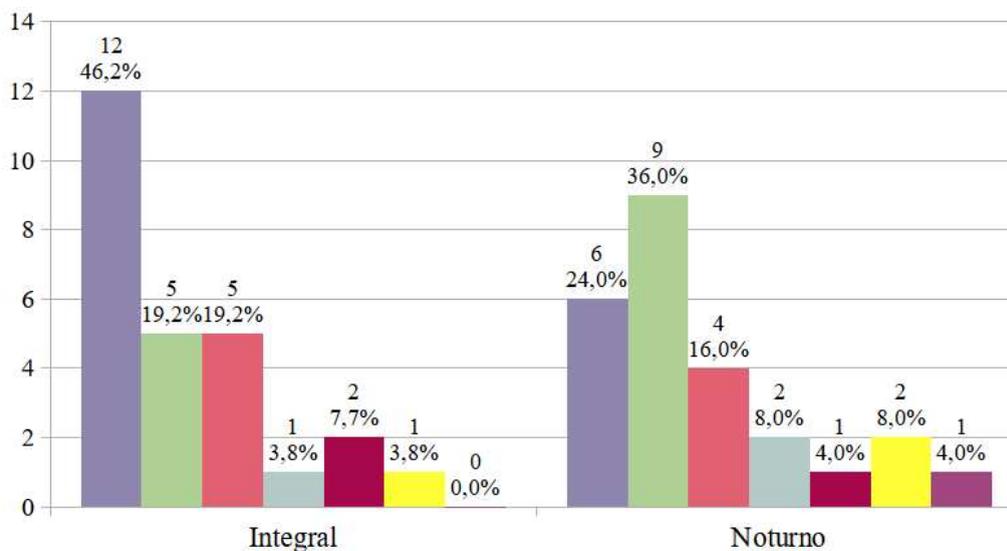
Dados Pesquisa Atual.

GRÁFICO 22 – Meio de transporte mais utilizado pelos respondentes para o deslocamento da casa atual até a UNICAMP



Dados Pesquisa Atual.

GRÁFICO 23 – Meio de transporte mais utilizado pelos respondentes para o deslocamento da casa atual até a UNICAMP divididos por turma



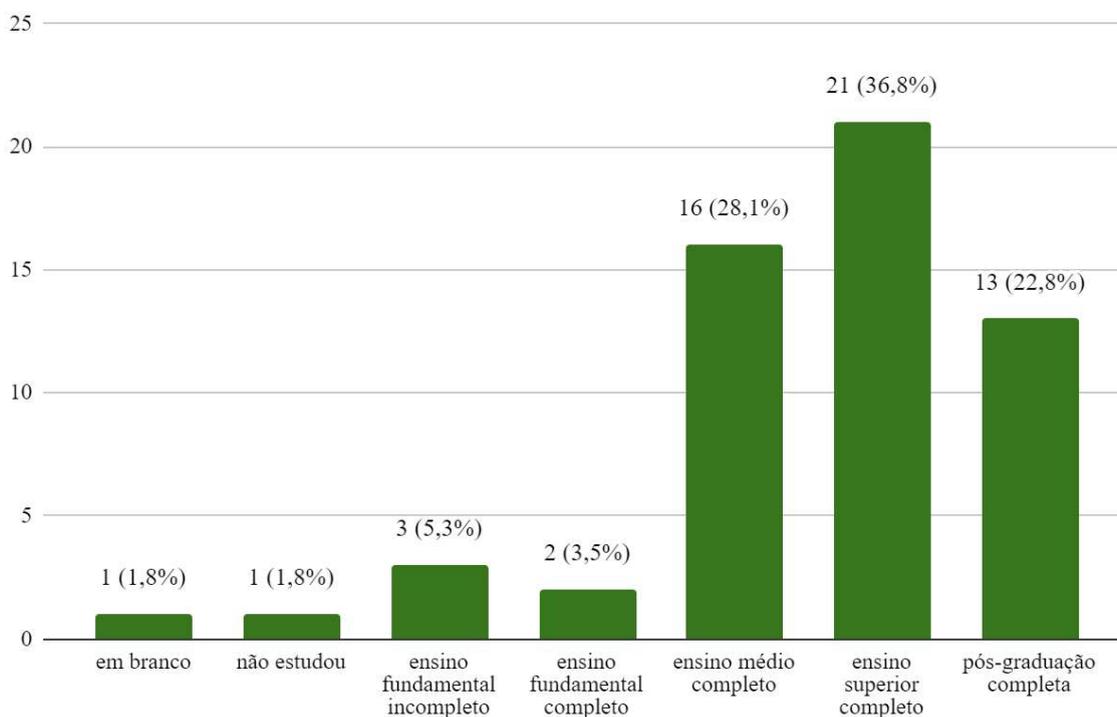
Dados Pesquisa Atual.

Em meu questionário, no bloco de origem familiar, foi pedido para que os estudantes respondessem às questões com base na(s) pessoa(s) com a(s) qual(is) morou a maior parte do tempo, e, quase 100% da amostra respondeu que a Pessoa 1 seria a mãe, com exceção de um respondente, então, realizei a comparação dessas respostas com as para a pergunta da Comvest sobre escolaridade da mãe ou responsável. Segundo a Comvest, no integral a maioria das mães ou responsáveis dos alunos tem ensino superior completo (36,8%), seguido de ensino médio completo (28,1%) e pós-graduação completa (22,8%), enquanto no noturno a maioria tem ensino médio completo (38,6%), seguido de ensino superior completo (26,3%) e ensino fundamental incompleto (14%). No meu questionário, a maioria dos respondentes disse que seu responsável 1 tem ensino médio completo (37,3%), seguido de ensino superior completo (35,3%), escolaridade abaixo de ensino médio (13,7%) e pós-graduação completa (13,7%).

Ao contrário das respostas sobre a “Pessoa 1”, obtive dados conflitantes para o que chamei de “Pessoa 2”, já que muitos estudantes não responderam considerando o papel de responsável, mas sim o convívio familiar. Talvez isso possa ter ocorrido pela falta de reforçar especificamente que as perguntas tratavam da origem familiar, no sentido de tentar captar o contexto em que o estudante cresceu, considerando os adultos que participaram da sua criação como responsáveis⁷¹. Ainda assim, realizando aproximações com os dados da Comvest, a escolaridade do pai ou responsável dos matriculados em Ciências Sociais Integral era majoritariamente ensino superior completo, com 27,3%, seguida de ensino médio completo e pós-graduação completa, ambos com 23,6% das respostas. Em Ciências Sociais Noturno, a escolaridade do pai ou responsável dos matriculados era majoritariamente ensino médio completo, com 37,5%, seguido de ensino superior completo, com 21,4%, e pós-graduação completa, com 16,1%. Segundo o meu questionário, a escolaridade do responsável 2 de 37,3% dos respondentes era ensino médio completo, de 17,6% era pós-graduação, de 17,6% era abaixo do ensino médio e de 15,7% era ensino superior completo. Seis estudantes (11,8%) não preencheram as questões referentes à Pessoa 2.

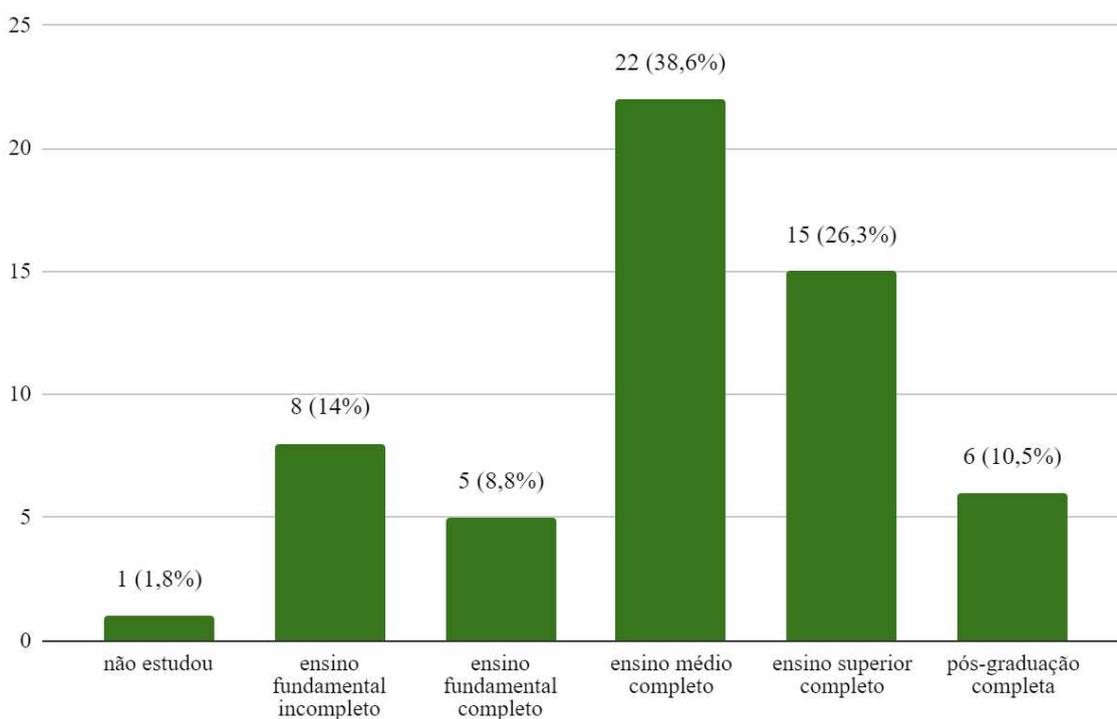
⁷¹ O resultado foi que alguns respondentes preencheram as informações sobre a Pessoa 2 se referindo a irmãos, muitas vezes mais novos.

GRÁFICO 24 – Escolaridade da mãe ou responsável dos ingressantes matriculados em Ciências Sociais Integral na UNICAMP em 2023



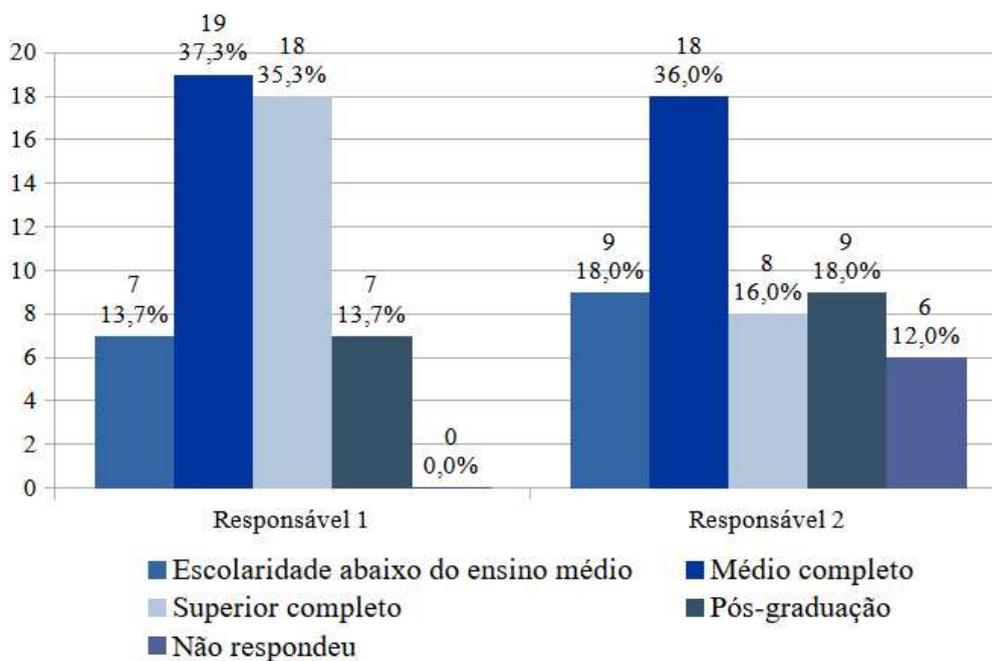
Dados Comvest 2022.

GRÁFICO 25 – Escolaridade da mãe ou responsável dos ingressantes matriculados em Ciências Sociais Noturno na UNICAMP em 2023



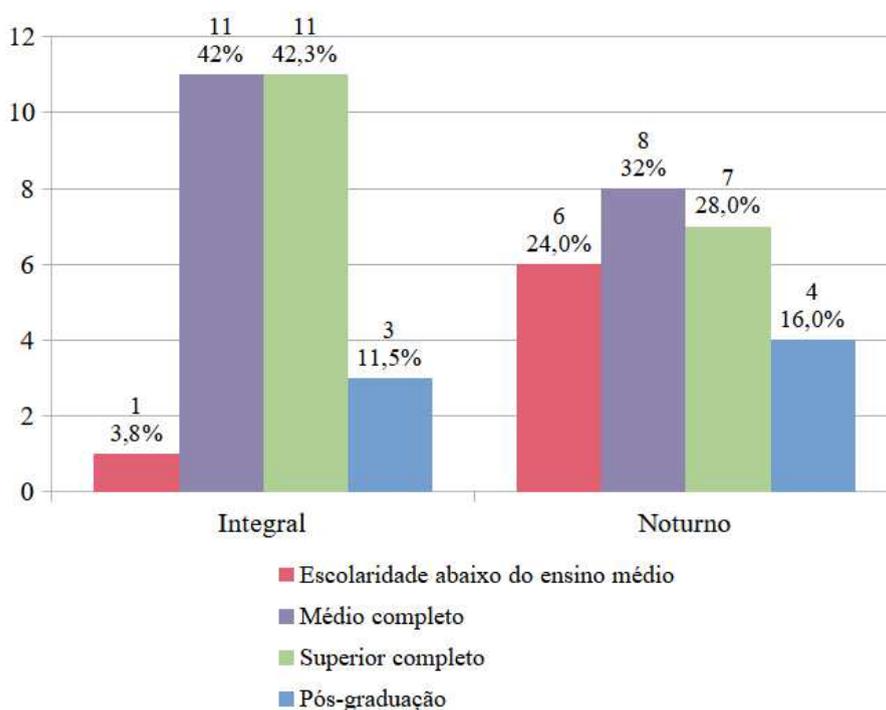
Dados Comvest 2022.

GRÁFICO 26 – Escolaridade do responsável 1 e 2 dos respondentes



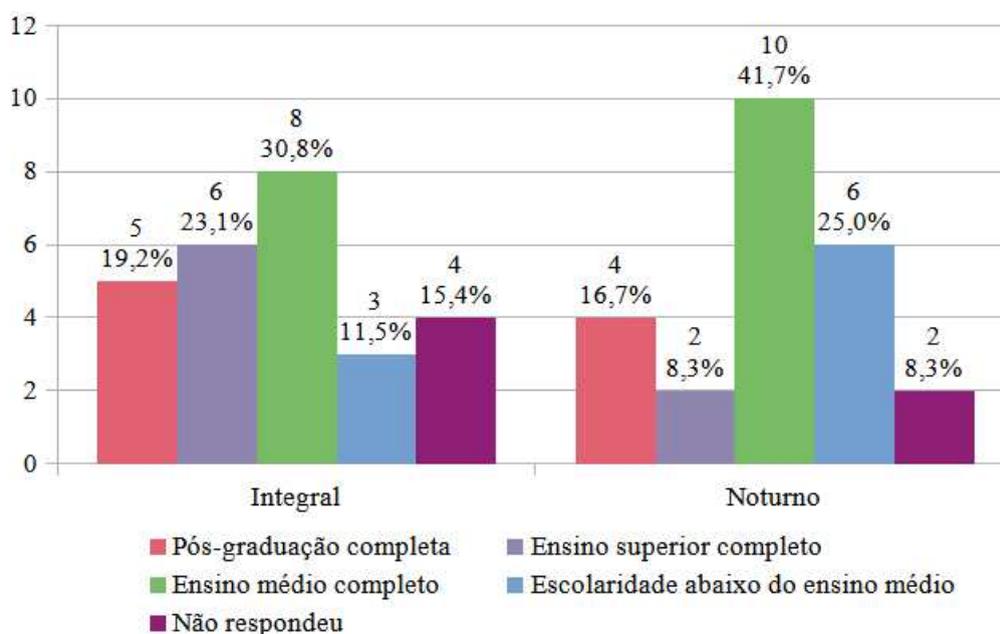
Dados Pesquisa Atual.

GRÁFICO 27 – Escolaridade do responsável 1 dos respondentes divididos por turma



Dados Pesquisa Atual.

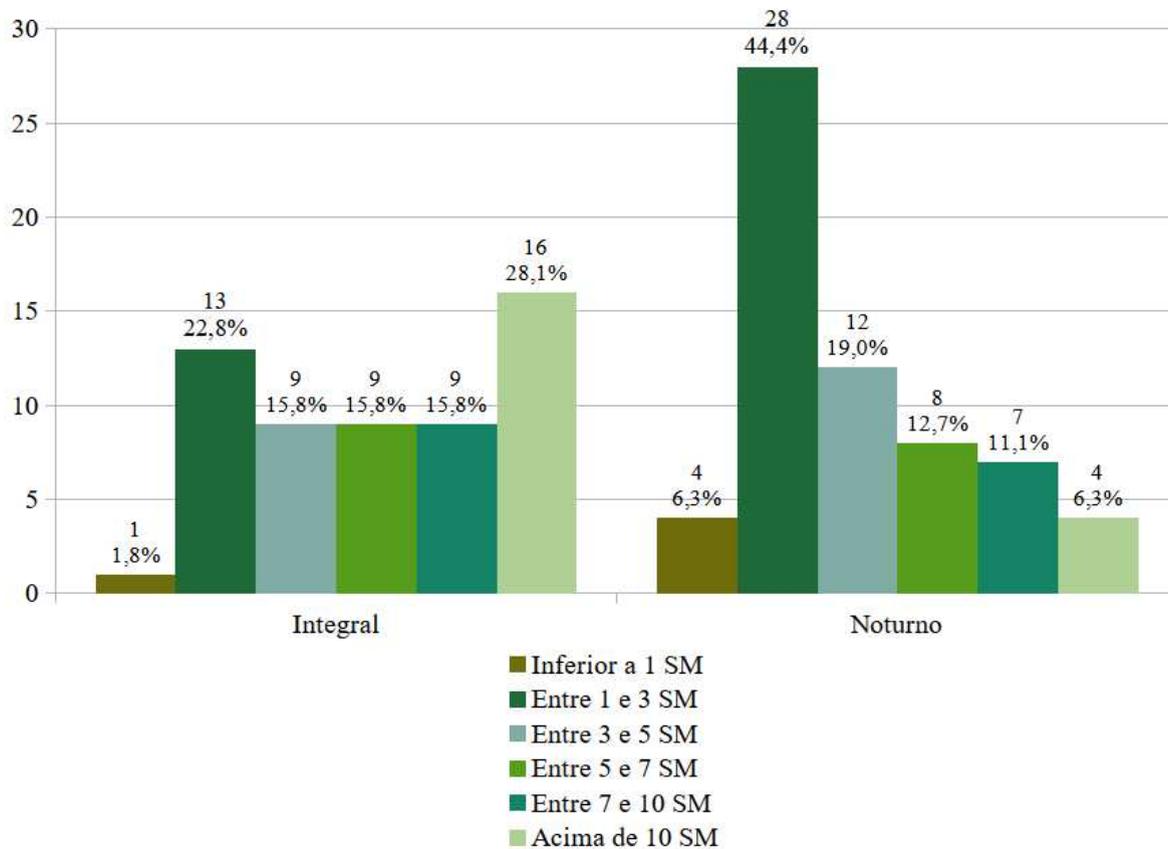
GRÁFICO 28 – Escolaridade do responsável 2 dos respondentes divididos por turma



Dados Pesquisa Atual.

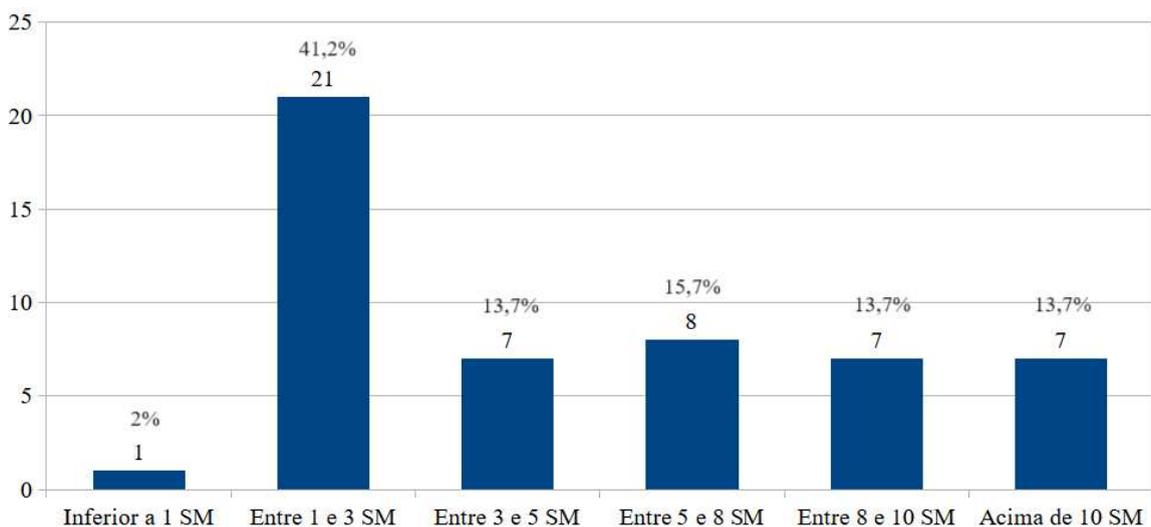
Em meu questionário, as faixas de renda propostas foram “abaixo de 1 salário mínimo”, de 1 a 3 salários mínimos, “de 3 a 5 salários mínimos”, “de 5 a 8 salários mínimos”, “de 8 a 10 salários mínimos” e “de 10 salários mínimos”. No caso deste estudo ser continuado, pretendo deixar as alternativas sobre renda com intervalos iguais aos do questionário da Comvest para as próximas aplicações, pois isso facilitará a apreensão e comparação dos resultados. Ao comparar os gráficos, tive a impressão que alguns dos respondentes do integral podem ter se empobrecido para participarem deste estudo ou, ainda, que houve mais engajamento por parte dos estudantes mais pobres para responderem a pesquisa, pois de acordo com a Comvest a faixa de 1 a 3 salários mínimos tem apenas 22,8% dos ingressantes da turma, enquanto na minha pesquisa o percentual desse intervalo foi de 42%.

GRÁFICO 29 – Renda familiar mensal total dos ingressantes matriculados em Ciências Sociais na UNICAMP em 2023



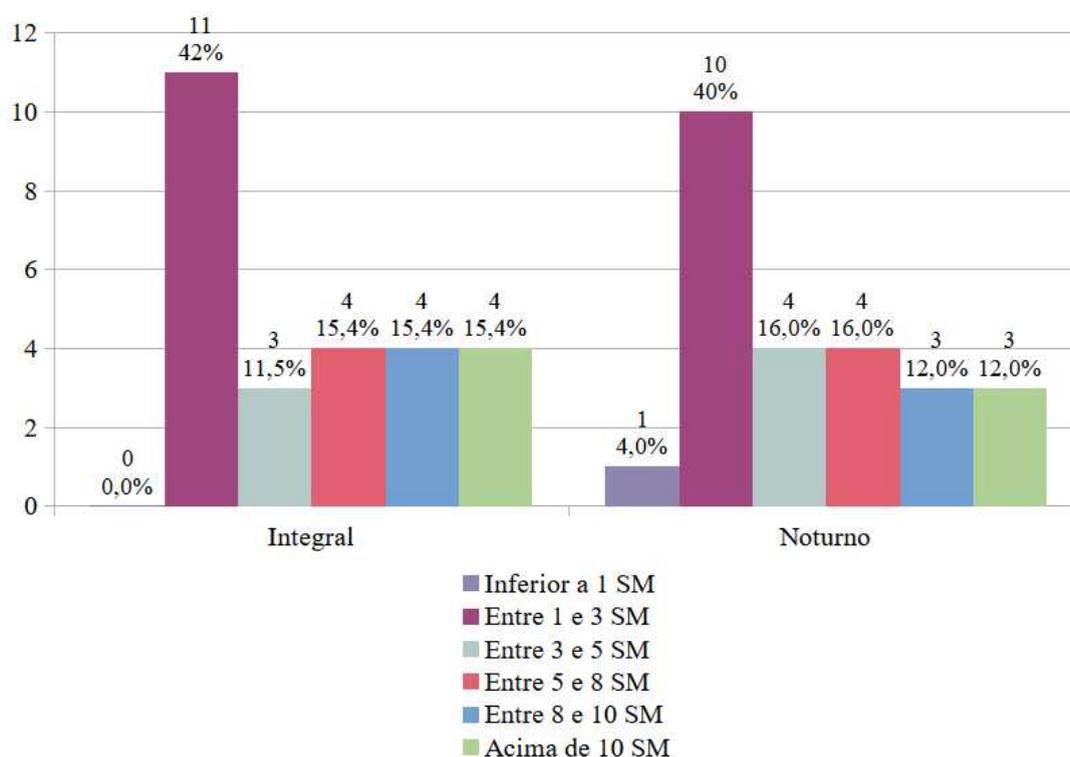
Dados Comvest 2022.

GRÁFICO 30 – Renda familiar mensal total dos respondentes



Dados Pesquisa Atual.

GRÁFICO 31 – Renda familiar mensal total dos respondentes dividida por turma



Dados Pesquisa Atual.

Novas formas de interação estão sendo estabelecidas no campo acadêmico a partir da diversificação do perfil de estudantes que acessam esse espaço por meio das políticas afirmativas. Para além de significar a expansão e democratização do ensino, isso também aponta para tensionamentos nas relações entre discentes, docentes e todas as pessoas que estão presentes na universidade. Para tratar desse tema, gostaria de mencionar duas situações específicas de alunos que responderam ao questionário e utilizaram perguntas fechadas, mas que tinham uma alternativa aberta para o caso das opções colocadas não os contemplarem, para fazerem comentários sobre a pesquisa.

Uma dessas pessoas afirmou de maneira conclusiva que “gênero não existe” na questão sobre sexualidade. Quando li isso, logo me perguntei de onde poderia vir essa constatação, pois gênero não só é uma categoria que existe, como, junto à raça, está entre os conceitos mais basilares nos estudos sobre identidade das ciências humanas. O que interpretei disso é que essa estudante já teve contato com debates sobre gênero fora da academia e se incomodou com a forma como as alternativas para tratar do tema foram colocadas. Esse fato foi bastante curioso e indica algumas coisas. Primeiro, demonstra que os estudantes, a partir do contato que tiveram com as temáticas das ciências sociais antes de ingressar no curso, possuem pré-concepções não difundidas academicamente e as manifestam de maneira

enfática. Ao mesmo tempo em que é positivo que de partida haja o interesse por discussões sociológicas, como as de gênero, há o desafio da disputa de interpretações externas à academia sendo colocadas neste espaço. Assim, docentes e pesquisadores acabam tendo o duplo trabalho de tentar desconstruir ideias prévias sobre os temas das ciências sociais sem embasamento científico/teórico e engajar os discentes na valorização do conhecimento produzido nas universidades.

A outra situação ocorreu com uma pessoa que comentou em diferentes questões, dando contexto para suas respostas e até discordando da forma como o questionário foi conduzido. Na pergunta sobre Ciências Sociais ter sido a primeira opção de curso, esse estudante deu uma explicação consideravelmente longa sobre ter preferência pelo curso de História, mas que, como não existe esta graduação no período noturno na UNICAMP, optou pelas Ciências Sociais. Ainda afirmou que já vislumbrava cursar Antropologia como segunda formação, mas acabou invertendo a ordem de seus interesses e que desde o ingresso no curso também está bastante interessado na área de Sociologia, portanto, considera realizar múltiplas graduações.

Logo de início, achei interessante a necessidade de descrever com profundidade o contexto de sua resposta, especialmente com o apontamento do curso de Ciências Sociais ser o único com opção de turma noturna do IFCH. Mais adiante, as explicações voltaram a aparecer. Na questão sobre o tipo de moradia da família, o estudante considerou a pergunta “um tanto subjetiva por não definir família nem sua relação comigo”. Ele explicou que, em sua visão, o fato da família ter casa própria não seria necessariamente relevante, pois poderia não usufruir dela. Em seguida, disse que a casa em que mora foi cedida por um familiar da pessoa com quem se relaciona e por isso não considera que a pergunta o contempla.

Outras duas questões nas quais esse estudante comentou foram sobre o que chamei no questionário de Pessoa 1 e Pessoa 2, buscando identificar um aspecto da origem social dos respondentes. Sobre a Pessoa 1, ele considerou que apesar de pensar em sua mãe para indicar na pergunta, era necessário afirmar que não recebe auxílio de familiares e que, portanto, a resposta sobre renda total familiar dizia respeito apenas a ele e a pessoa com quem mora atualmente. O estudante ainda disse que “um dos erros dessas pesquisas é pressupor que a família auxilia seus membros. Na minha particularidade apenas tive apoio da minha mãe e foi até o fim do Ensino Médio, posteriormente não pude me apoiar em ninguém a não ser em mim mesmo”. A pergunta sobre a Pessoa 2, a qual o estudante entendeu que poderia responder pai, também recebeu comentários, pois, para ele, o fato de seu pai não ter

colaborado em sentidos além dos materiais em sua criação, o deixaram incomodado em considerá-lo seu responsável junto de sua mãe.

Achei bem intrigante esses comentários e contestações acerca do questionário. Quando pergunto sobre a origem social, nesta pesquisa, estava buscando compreender especificamente aspectos materiais da criação dos estudantes investigados e não aspectos mais subjetivos como as relações particulares com a família. Talvez esses incômodos gerados no estudante apontem para a necessidade de que eu, enquanto pesquisadora, explique melhor o objetivo das perguntas presentes no questionário antes de aplicá-lo novamente em pesquisas futuras. Independentemente dos ingressantes não dependerem atualmente da renda familiar, interessava saber em que contexto socioeconômico cresceram e quais impactos isso teve nas trajetórias que desenvolveram posteriormente.

Sobre ambos os casos, tenho a hipótese de que haja relação com a diversificação do perfil estudantil mencionada anteriormente, para além do acesso mais facilitado às discussões de temas das ciências sociais. Esses estudantes não se sentiram contemplados com as alternativas oferecidas e explicitaram isso de diferentes maneiras em suas respostas. Os dois têm perfis parecidos em relação a serem parte da primeira geração da família nuclear a ingressar no ensino superior, o que torna as reações discordantes à pesquisa ainda mais interessantes e indica a importância de repensar o processo de aplicação desse questionário, o que voltarei a comentar nas considerações finais.

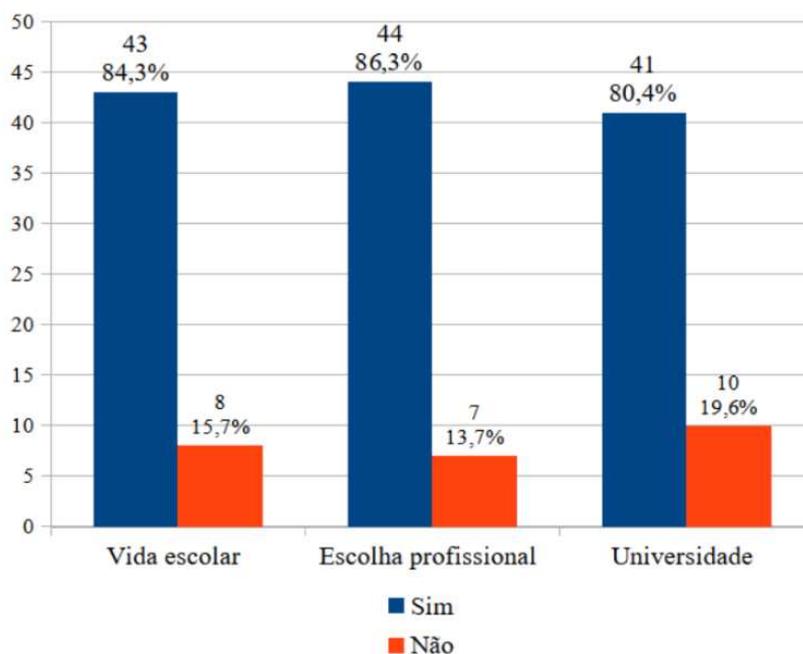
2.3 Conhecimento dos estudantes sobre o campo das ciências sociais

Considerando a abrangência de definições que as ciências sociais podem ter, interessa saber quais os pontos de contato com o campo foram estabelecidos antes do ingresso na universidade para os estudantes decidirem por esse curso. Assim, neste tópico abordarei especificamente as questões que envolviam a relação dos ingressantes com a educação e o conhecimento prévio que tinham sobre a área, verificando fatores institucionais (como a presença da disciplina de Sociologia no currículo escolar), pessoais (envolvendo familiares e amigos ligados ao campo) e externos em um sentido mais geral (a partir de redes sociais, livros etc.).

Primeiro, foi perguntado se em reuniões familiares e no ambiente doméstico era comum que se conversasse sobre três temas: vida escolar, escolha profissional e universidade. Nesta amostra, a maioria dos estudantes respondeu que havia diálogo sobre esses tópicos e

apenas 3 estudantes (5,9%) responderam que não havia diálogo sobre nenhum deles. Também foi perguntado se o núcleo familiar tinha expectativa que o aluno ingressasse no ensino superior, ao que 47 (92,2%) responderam que sim e 4 responderam que não. Ainda sobre o assunto, no caso dos que responderam **afirmativamente**, foi perguntado para qual tipo de universidade era a expectativa de ingresso; 30 deles (63,8%) responderam “pública” e 17 (36,2%) “tanto faz”.

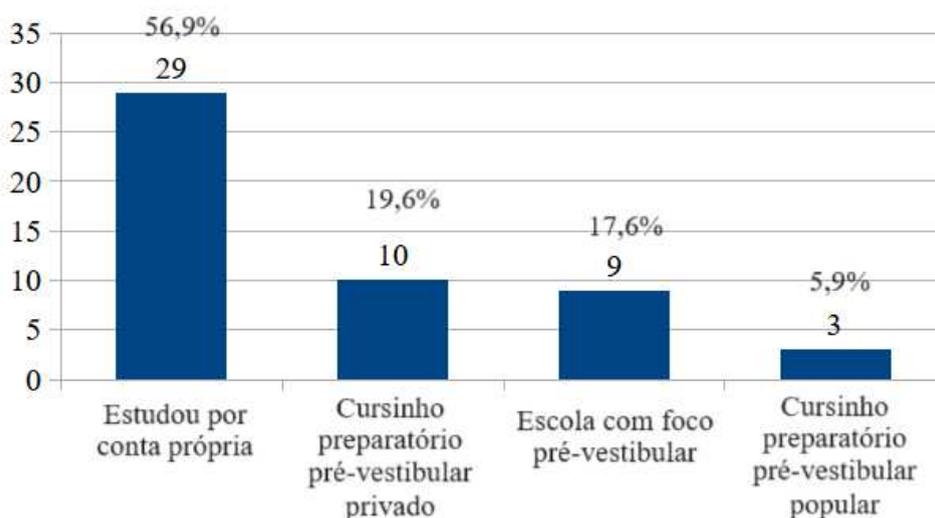
GRÁFICO 32 – Respostas para as perguntas sobre ser comum conversar sobre vida escolar, escolha profissional e universidade



Dados Pesquisa Atual.

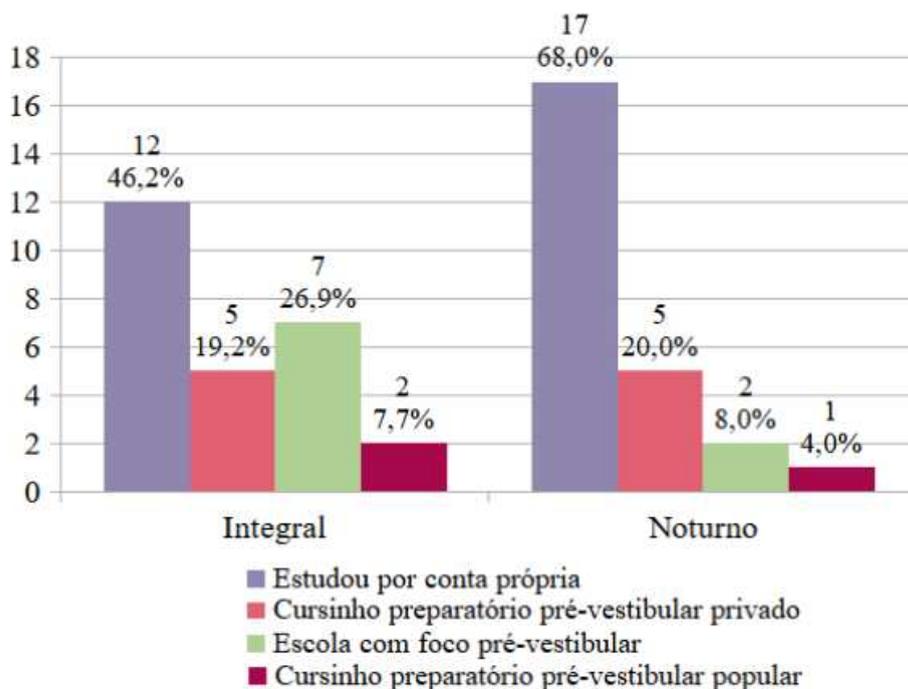
As Ciências Sociais foram a primeira opção de curso na UNICAMP de 40 dos estudantes (78,4%), mas 6 (11,8%) tinham como primeira opção Midialogia, 2 (3,9%) História, 2 (3,9%) Psicologia (em outras universidades) e 1 (2%) tinha como primeira opção Letras. Em relação à preparação para o ingresso na UNICAMP, 29 respondentes (56,9%) estudaram por conta própria, 10 (19,6%) fizeram cursinho preparatório pré-vestibular privado, 9 (17,6%) estudaram em escola com foco pré-vestibular e 3 (5,9%) fizeram cursinho preparatório pré-vestibular popular.

GRÁFICO 33 – Preparação dos respondentes para o ingresso na UNICAMP



Dados Pesquisa Atual.

GRÁFICO 34 – Preparação dos respondentes para o ingresso na UNICAMP dividida por turma



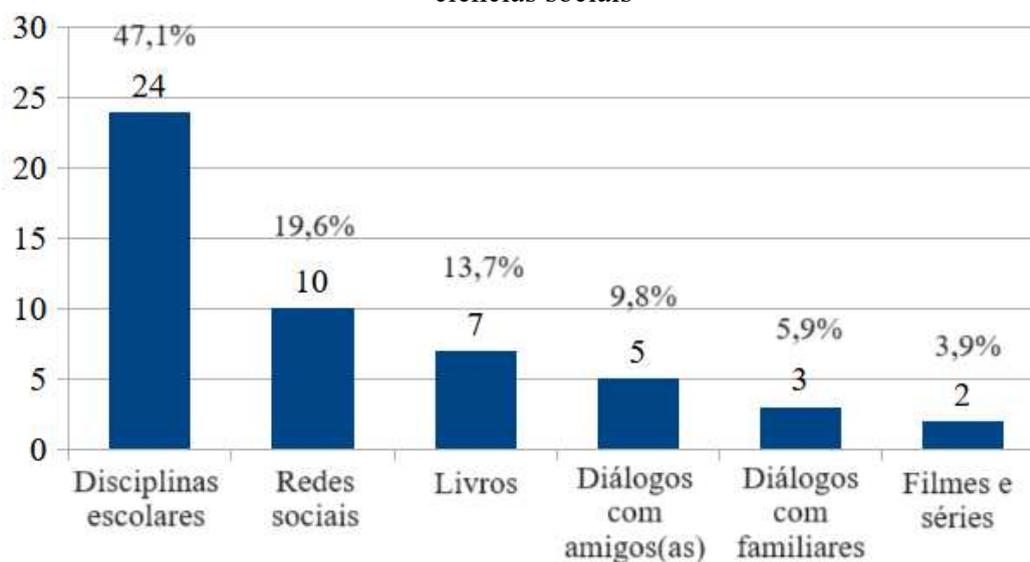
Dados Pesquisa Atual.

A maioria dos respondentes, 44 (86,3%), afirmou não ter alguém do convívio pessoal formado em Ciências Sociais, o que informa que possivelmente um dos primeiros contatos dos estudantes com a área ocorreu através da disciplina de Sociologia no ensino médio. Na questão sobre convivência com cientistas sociais, alguns chegaram a responder sobre

professores da escola, mas busquei limitar as possibilidades de respostas para “não”, “amigo” e “parente”, portanto “professor” não entrou nesse quesito⁷². Assim, apenas 3 respondentes (5,9%) afirmaram ter um amigo ou amiga que se graduou em Ciências Sociais e 4 (7,8%) afirmaram ter um parente da área.

Foi questionado qual meio os estudantes tiveram o maior contato com temáticas das ciências sociais, ao que a maioria respondeu disciplinas escolares, seguida de redes sociais. Em seguida, foi perguntado qual o segundo meio pelo qual tiveram o maior contato e redes sociais, seguida de disciplinas escolares, foram as respostas mais frequentes. Assim, se confirmou que a escola é o meio pelo qual os respondentes mais estabeleceram contato com as ciências sociais antes do ingresso no curso, mas também as redes sociais se mostraram relevantes nesse aspecto.

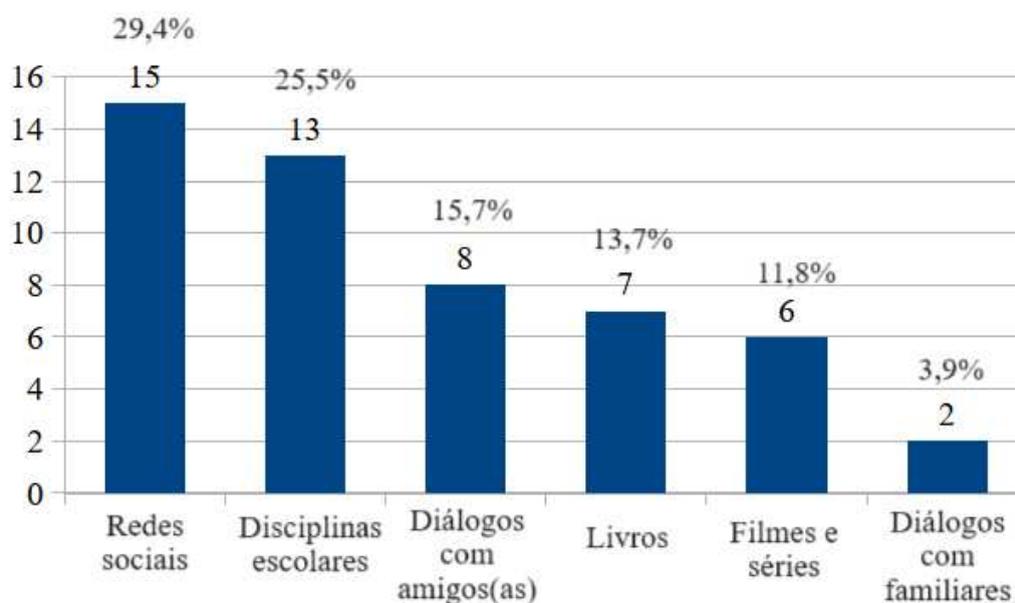
GRÁFICO 35 – Meio pelo qual os respondentes tiveram maior contato com as temáticas das ciências sociais



Dados Pesquisa Atual.

⁷² Essa escolha foi feita porque, apesar de um professor da educação básica estar presente na vida escolar dos estudantes semanalmente durante anos, o que estou chamando de convívio pessoal remete ao círculo social e familiar que não está mediado pela profissão docente.

GRÁFICO 36 – Segundo meio pelo qual os respondentes tiveram maior contato com as temáticas das ciências sociais



Dados Pesquisa Atual.

Interessava saber em que nível as ciências sociais estavam presentes de maneira institucionalizada na vida dos estudantes. De acordo com as respostas para a pergunta sobre aulas de Sociologia, 35 dos respondentes (68,6%) tiveram a disciplina nos três anos de ensino médio, 12 (23,5%) tiveram em apenas uma parte do ensino médio, 3 (5,9%) tiveram Sociologia somente como conteúdo transversal abordado em outras disciplinas e 1 (2%) não teve. No atual contexto de reforma do ensino médio, ainda precisamos acompanhar quais impactos a mudança nos currículos básicos está causando e causará a longo prazo, principalmente se não for revogada.

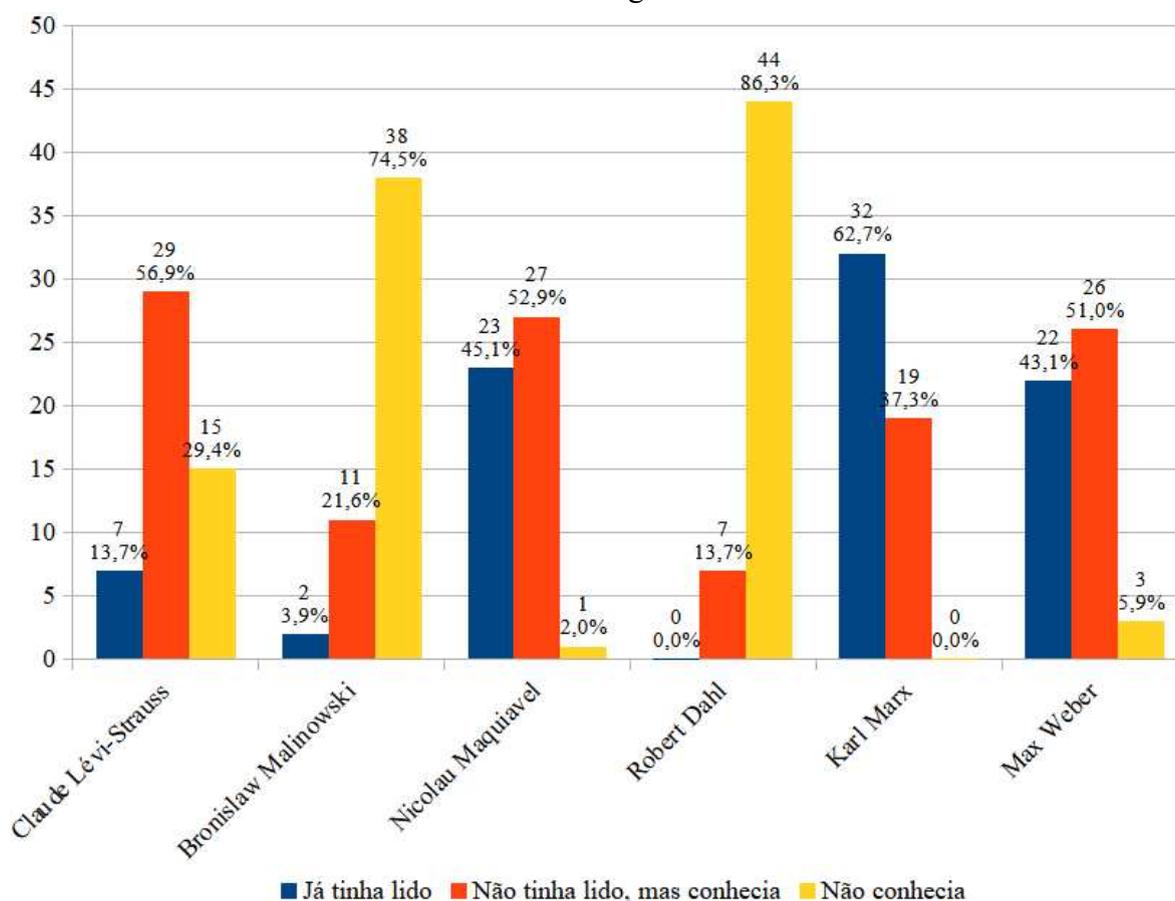
Em relação aos autores específicos do curso de Ciências Sociais na UNICAMP, iniciando pela Ciência Política, Robert Dahl foi o autor menos conhecido pelos estudantes e nenhum dos respondentes havia lido os textos desse cientista político norte-americano antes do ingresso na universidade. Nicolau Maquiavel, importante intelectual também estudado nas disciplinas, não era conhecido por apenas 1 estudante (2%), sendo o segundo autor mais conhecido e o terceiro mais lido pela amostra, ficando atrás apenas de Karl Marx (que ficou em primeiro nos dois casos) e Max Weber que foi o segundo autor mais lido pelos estudantes.

Dos autores escolhidos, os da Sociologia estavam entre os mais conhecidos e lidos pela amostra. Karl Marx foi unanimidade, todos os estudantes responderam que pelo menos conheciam o intelectual antes do ingresso nas Ciências Sociais. Marx está presente tanto dentro da universidade quanto fora, sendo leitura indicada em diversos movimentos e

organizações sociais, além de ser um dos nomes mais mencionados também em críticas aos cursos de Humanidades. Max Weber, considerado um dos fundadores da disciplina de Sociologia e intelectual incontornável na grade curricular das ciências sociais, além de ter sido o segundo autor mais lido, foi o terceiro mais conhecido pelos estudantes.

Claude Lévi-Strauss, antropólogo francês sempre presente no currículo de Ciências Sociais da UNICAMP, era conhecido por 36 respondentes do questionário, dos quais apenas 7 já o haviam lido. Ainda na Antropologia, Bronislaw Malinowski, também parte da bibliografia obrigatória básica do curso, foi o terceiro autor menos conhecido pelos ingressantes.

GRÁFICO 37 – Contato que os respondentes tiveram com os autores da bibliografia do curso antes do ingresso



Dados Pesquisa Atual.

Um apontamento relevante sobre os dados obtidos nesta pesquisa é que a área que parece ter presença mais significativa fora da universidade é a sociologia, além de ser usada como sinônimo para “ciências sociais”. Seus intelectuais são mais conhecidos e a disciplina escolar que cientistas sociais licenciados ministram (quando contratados para exercer sua

formação) leva o nome Sociologia. Ainda assim, na pergunta sobre por qual área dentro das ciências sociais os ingressantes têm maior interesse, 20 (39,2%) responderam ciência política, 16 (31,4%) responderam antropologia, 8 (15,7%) disseram não saber ou não possuíam predileção e apenas 7 (13,7%) responderam sociologia. O campo da demografia não chegou a ser apontado por nenhum dos estudantes.

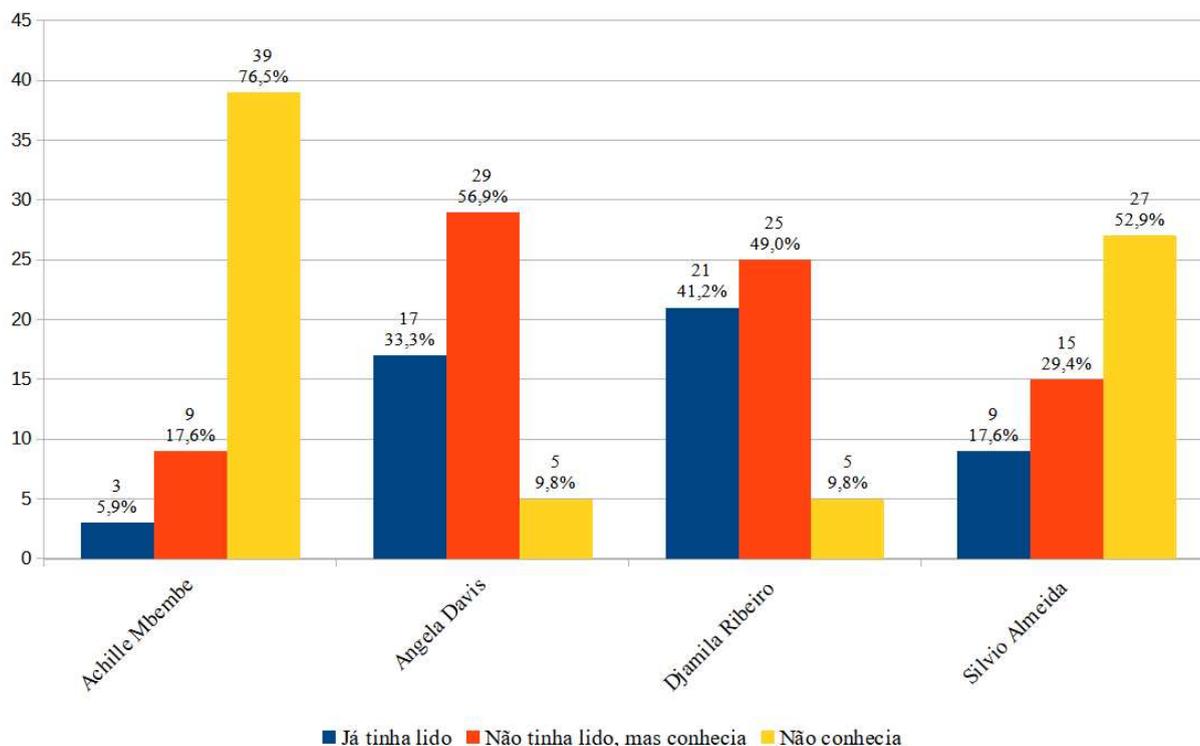
Além da disciplina de Sociologia no ensino médio e dos autores que fazem parte da bibliografia do curso, também foi importante levar em consideração outros meios pelos quais os alunos pudessem ter contato com os temas vinculados às ciências sociais, como o mercado editorial e as redes sociais. Assim, quis investigar como os já mencionados autores contemporâneos lidos para além do contexto acadêmico e produtores de conteúdo aparecem nas percepções dos ingressantes sobre a área. Sobre este aspecto, incluí no questionário alguns nomes para que os estudantes dissessem se conheciam ou não, mas também fiz uma pergunta aberta para verificar quais referências do campo (ou não) eles trariam além das alternativas colocadas.

A seleção de autores e autoras contemporâneas lidas fora da academia foi feita pensando na incidência de seus escritos em movimentos sociais, especialmente os movimentos negros, e nas redes sociais. De acordo com a amostra, Angela Davis e Djamila Ribeiro são mais conhecidas do que Achille Mbembe e Silvio Almeida, ainda que as quatro personalidades abordem temáticas de cunho racial e possam se inserir em discussões relativamente próximas. Entretanto, talvez Davis e Ribeiro, por discutirem também o feminismo, possivelmente apresentam maior capilaridade em outros debates que abordam por exemplo a questão de gênero, sendo autoras reivindicadas no que tange a interseccionalidade. Atualmente, Almeida é ministro do Governo Federal, portanto, as buscas por seu nome após a nomeação no início do ano aumentaram significativamente.

Achille Mbembe, escolhido por ser um autor contemporâneo bastante influenciado por Michel Foucault e que permeia o espaço acadêmico, mas também os movimentos negros brasileiros, foi o segundo autor menos conhecido da amostra. Angela Yvonne Davis, filósofa comunista conhecida mundialmente por sua militância nos Estados Unidos, também foi selecionada por ser frequentemente referenciada por movimentos brasileiros. Dos respondentes, apenas 9,8% não a conheciam. Djamila Ribeiro, filósofa e feminista brasileira, também não era conhecida por apenas 9,8% dos respondentes e já tinha sido lida por mais de 40% da amostra. Silvio Almeida, advogado, filósofo e atual ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania do Brasil, não era conhecido por mais da metade dos respondentes. Abaixo está

o gráfico indicando o contato que os estudantes tiveram com cada autor antes do ingresso no curso.

GRÁFICO 38 – Contato que os respondentes tiveram com os autores contemporâneos de temas das ciências sociais antes do ingresso



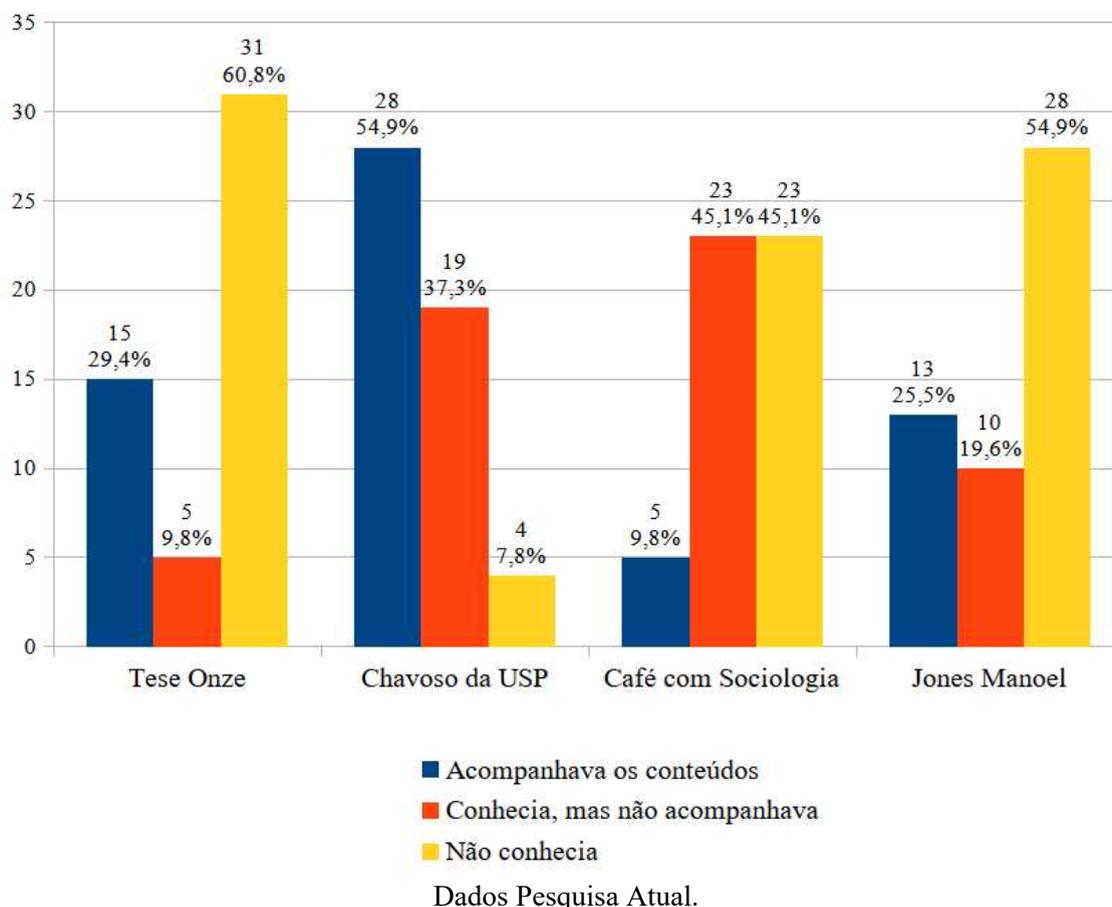
Dados Pesquisa Atual.

Sobre os criadores de conteúdo, o resultado foi que nenhum dos quatro perfis selecionados eram conhecidos por todos os estudantes. Thiago Torres, youtuber marxista e aluno de Ciências Sociais na USP, conhecido como Chavoso da USP, era acompanhado por 54,9% dos respondentes, sendo o mais acompanhado e conhecido pela amostra. Uma hipótese para que o Chavoso da USP seja o criador de conteúdo mais conhecido pela amostra é que ele é o mais novo e está mais próximo à fase de vida e formação em que os ingressantes se encontram. Também imagino que o contexto regional pese nesse sentido, pois Thiago Torres é estudante de uma importante universidade estadual paulista, assim como é o caso da UNICAMP. O perfil Café com Sociologia, conduzido por Cristiano Bodart, doutor em Sociologia e professor da Universidade Federal de Alagoas, e Roniel Sampaio Silva, mestre em Educação, era conhecido por 28 respondentes. Jones Manoel, historiador marxista e militante do PCB, era conhecido por 23 respondentes. Sabrina Fernandes, pesquisadora

doutora em Sociologia e coordenadora do projeto Tese Onze, era conhecida por 20 respondentes.

O maior perfil (no Instagram) dentre os produtores de conteúdos selecionados é o Café com Sociologia em termos de número de seguidores. Além disso, é o projeto que tem vínculo mais significativo com a universidade, pois além de ter sido fundado e ser editado por um professor universitário de sociologia, frequentemente está atrelado a publicações e eventos acadêmicos. A newsletter do blog reúne informações relevantes para quem é do campo das ciências sociais, como divulgação de concursos públicos para docentes, textos e livros sobre temas atuais, indicações de materiais didáticos e de apoio pedagógico etc. Classifico esse como o perfil menos “personalista”⁷³ dentre os selecionados.

GRÁFICO 39 – Relação que os respondentes tinham com os produtores de conteúdo sobre ciências sociais antes do ingresso



⁷³ Não faço juízo de valor ao utilizar o termo “personalista”, pois me refiro ao fato de que a “marca” Café com Sociologia visivelmente é mais conhecida do que quem está por trás dela. Apesar de o canal Tese Onze ter passado a ser apresentado por várias pessoas de diferentes nichos em seu último ano de existência, ele foi (e ainda é) fortemente associado à imagem de Sabrina Fernandes, que no início de 2023 decidiu deixar de ser o rosto principal do projeto para desempenhar a função de coordenadora de conteúdo e se dedicar majoritariamente a seu trabalho de pesquisadora acadêmica. No dia 20 de julho do mesmo ano, foi divulgado o encerramento oficial do projeto e Sabrina Fernandes afirmou que se aposentou da carreira de comunicadora.

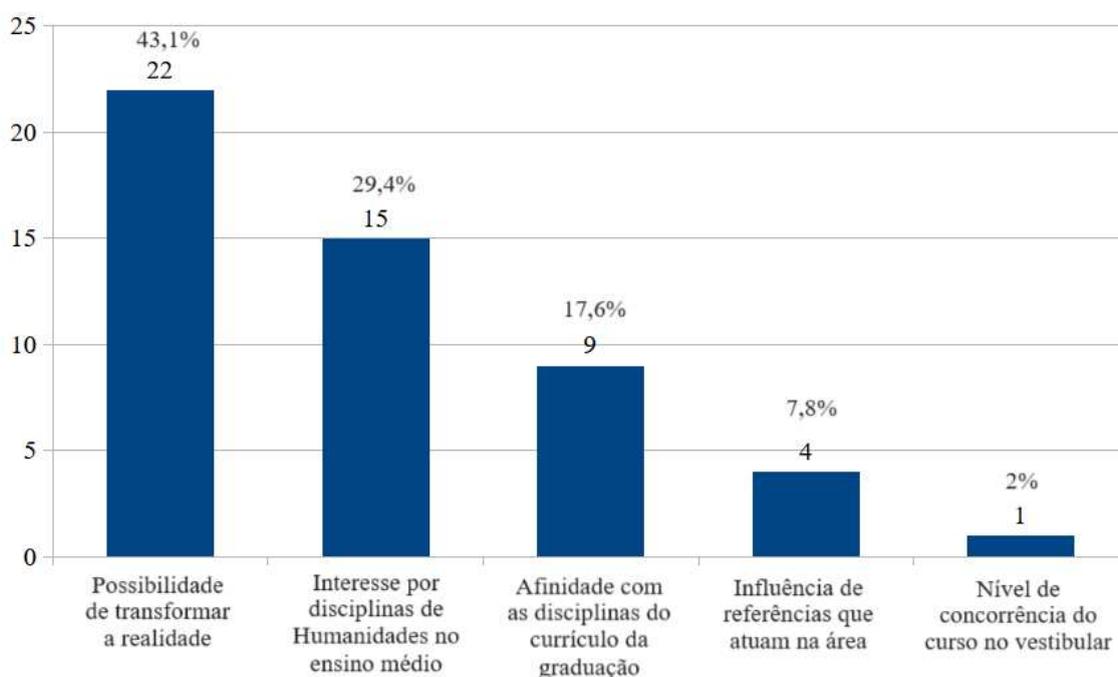
Também foi feita uma pergunta aberta sobre outras referências que os estudantes tinham das ciências sociais antes do ingresso no curso, ao que a maioria respondeu nomes de pessoas que tratam de temas da área, mas que não possuem diploma ou certificação de educação formal propriamente nela. Isso revela que indivíduos com diplomas especificamente das ciências sociais não são os maiores propagadores dos debates que tratamos na academia, pelo menos não na visão da amostra desta pesquisa. As respostas mais frequentes foram sobre criadores de conteúdo para as redes sociais, principalmente de cunho político e com formação em outros campos das ciências humanas, como História, Filosofia e Letras.

2.4 Expectativas a partir da formação

Neste tópico, abordarei aspectos fundamentais para responder a pergunta de pesquisa, além de expor dados que complementam apontamentos realizados anteriormente. No ordenamento do questionário, as questões aqui apresentadas faziam parte do segundo bloco, que buscava compreender as trajetórias formativas, rotinas e perspectivas dos ingressantes para traçar as razões da escolha do curso e as expectativas a partir disso.

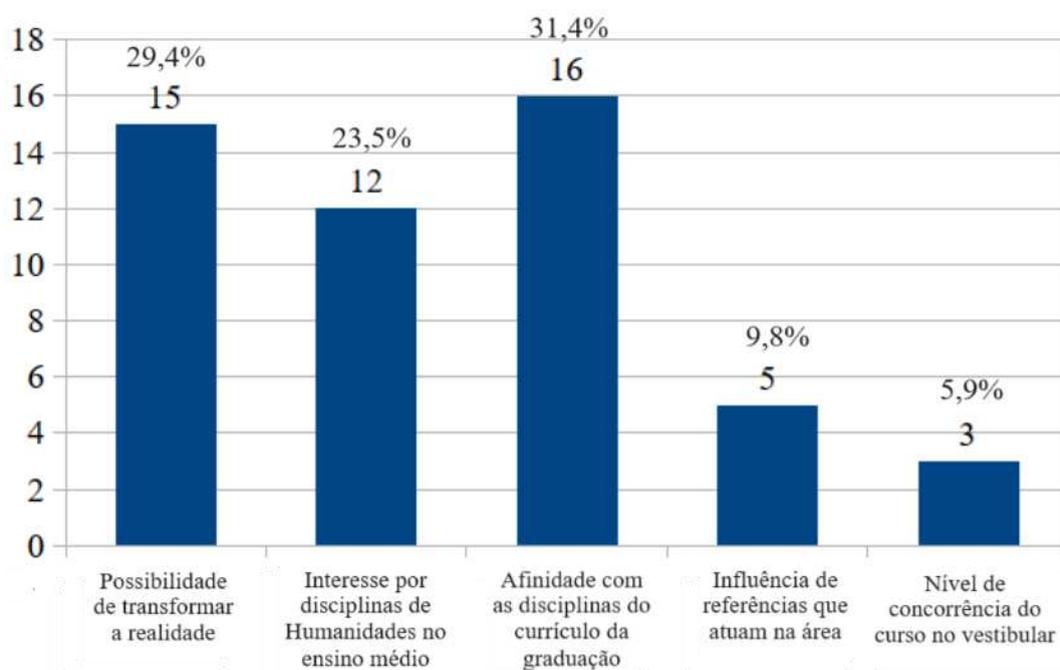
A pergunta central do questionário era referente ao motivo mais relevante para a escolha pelas Ciências Sociais, a qual a maioria respondeu “possibilidade de impactar/transformar a realidade”. O segundo motivo mais apontado foi “interesse por disciplinas de Humanidades no ensino médio”, seguido de “afinidade com as disciplinas do currículo da graduação”. Também foi perguntado qual o segundo motivo mais relevante para a escolha pelas Ciências Sociais para identificarmos se as mesmas razões continuam aparecendo como as principais, o que se confirmou. Nesta questão, “afinidade com as disciplinas do currículo da graduação” foi o fator mais relevante, seguido de “possibilidade de impactar/transformar a realidade” e “interesse por disciplinas de Humanidades no ensino médio”.

GRÁFICO 40 – Fator mais relevante para a escolha dos respondentes pelo curso



Dados Pesquisa Atual.

GRÁFICO 41 – Segundo fator mais relevante para a escolha dos respondentes pelo curso

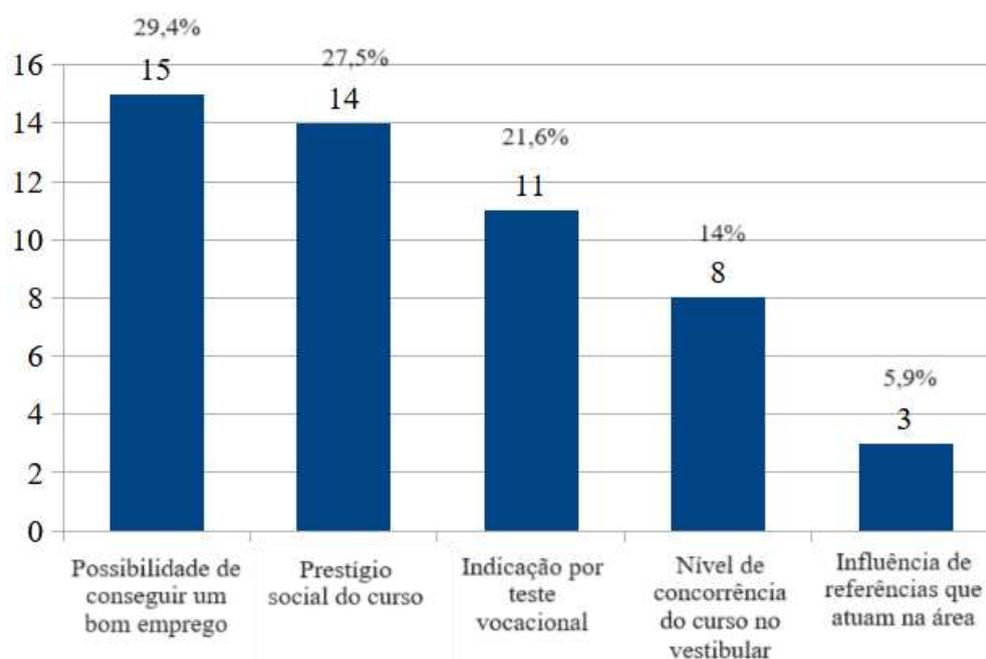


Dados Pesquisa Atual.

Como dito anteriormente, as motivações para o ingresso têm mais relação com aspectos morais e de compatibilidade com a área de ciências sociais do que aspectos econômicos. Isso fica ainda mais evidente quando observamos as respostas à pergunta sobre

qual o fator menos relevante para a escolha do curso. Ao passo que nenhum respondente afirmou como as razões principais aquelas que levavam em consideração a inserção no mercado de trabalho ou reconhecimento social do curso para escolherem as ciências sociais, quando o questionamento foi sobre o motivo **menos** relevante, 15 (29,4%) responderam “possibilidade de conseguir um bom emprego” e 14 (27,5%) responderam “prestígio social do curso”. As demais respostas foram “indicação por teste vocacional”, “nível de concorrência no vestibular” e “influência por referências (próximas ou não) que atuam na área”.

GRÁFICO 42 – Fator menos relevante para a escolha dos respondentes pelo curso

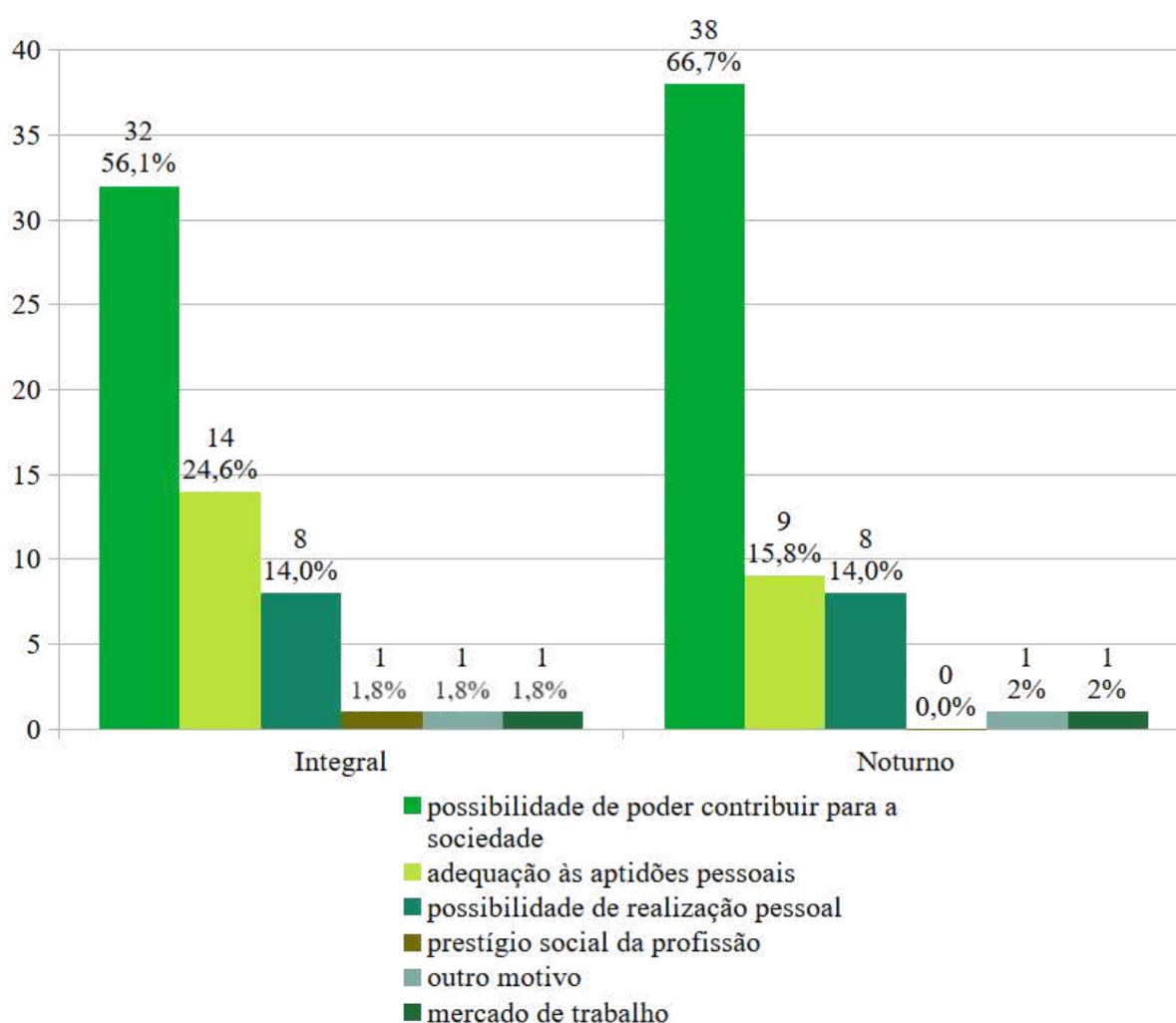


Dados Pesquisa Atual.

A Comvest pergunta algo próximo: “Qual o motivo predominante na escolha da carreira ou curso para o qual você está se inscrevendo em primeira opção?”. Entretanto, são dadas menos alternativas aos respondentes e as respostas são um pouco genéricas, já que são pensadas para que todos os vestibulandos possam respondê-las, independente do curso que estão prestando. Interessantemente, a alternativa “prestígio social da profissão” teve apenas 1 respondente no período noturno e não foi respondida por nenhum dos estudantes do período integral, se assemelhando ao resultado de meu questionário. A maioria dos estudantes, 38 (66,7%) deles no integral e 32 deles no noturno (56,1%), respondeu que a “possibilidade de poder contribuir para a sociedade” foi o motivo predominante para a escolha do curso. Apesar dessa resposta se aproximar da alternativa “possibilidade de impactar/transformar a

realidade”, que também foi a mais respondida em meu questionário, contribuir para a sociedade é muito mais amplo do que efetivamente promover uma mudança na realidade. Então podemos manter a avaliação de que valores morais impactam mais na escolha pelas ciências sociais do que valores econômicos, porém precisaríamos aprofundar nesse ponto para definirmos melhor o que ele significa. Outras respostas obtidas foram “adequação às aptidões pessoais”, “mercado de trabalho”, “possibilidade de realização pessoal” e “outro motivo”.

GRÁFICO 43 – Motivo principal da escolha dos ingressantes matriculados em Ciências Sociais pelo curso no vestibular em 2023



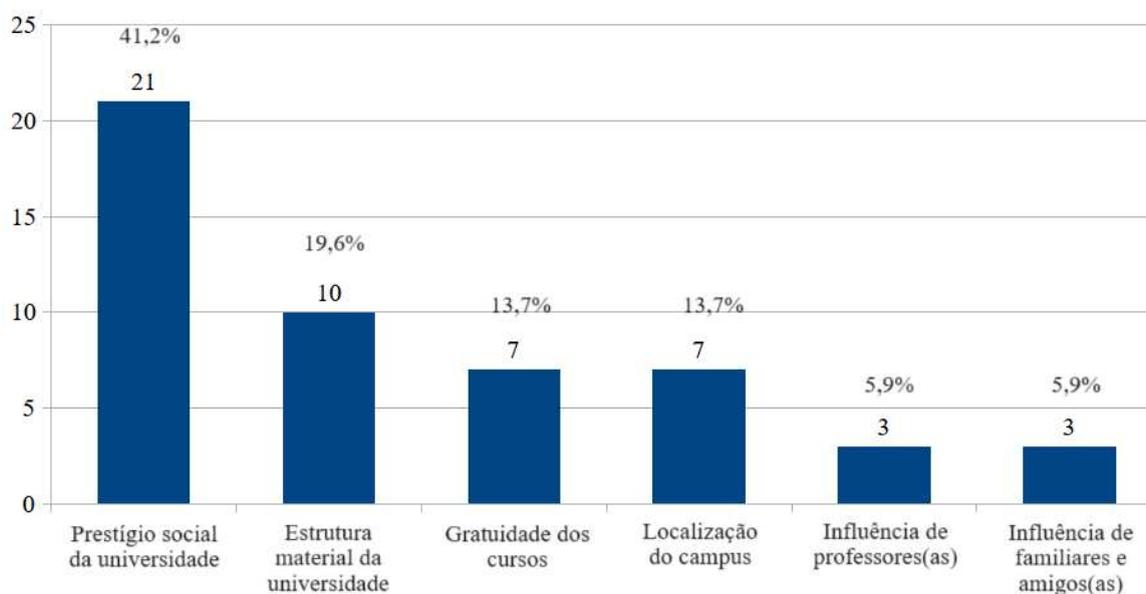
Dados Comvest 2022.

Saber também o porquê da escolha pela Universidade Estadual de Campinas era importante e, ao contrário do que ocorreu quando a questão tratava especificamente do curso, o primeiro e segundo motivo mais apontado foi “prestígio social da universidade”. Ainda que

o prestígio das ciências sociais talvez não seja considerado fator significativo na decisão de estudá-las, a UNICAMP enquanto instituição renomada se mostra bastante relevante para os respondentes. Ainda nesse tema, “estrutura material da universidade” e “gratuidade dos cursos”. Como motivo menos relevante para a escolha da UNICAMP, “localização do campus” e “influência de familiares e amigos(as)” foram as respostas mais frequentes.

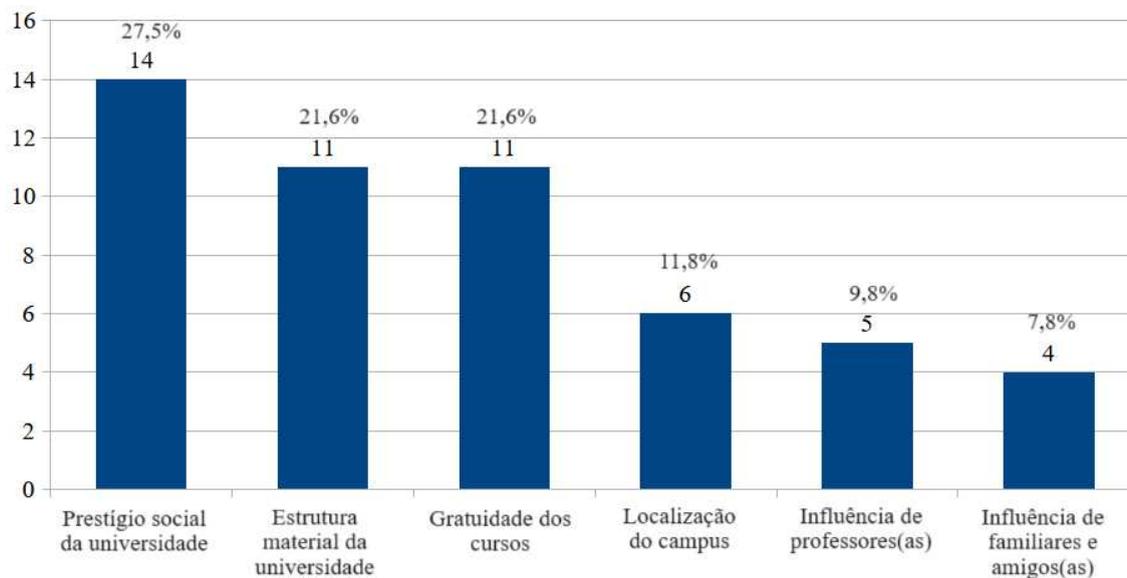
Sobre este tópico, a Comvest também perguntou algo semelhante: “Qual o motivo principal que o(a) levou a optar pela UNICAMP?”. Tanto na turma do integral quanto na do noturno, a resposta mais frequente foi “é a instituição que oferece o melhor curso de minha escolha”, com 38,6% e 22,8% respectivamente. No período noturno, porém, as respostas foram mais distribuídas do que no integral.

GRÁFICO 44 – Fator mais relevante para a escolha dos respondentes pela UNICAMP



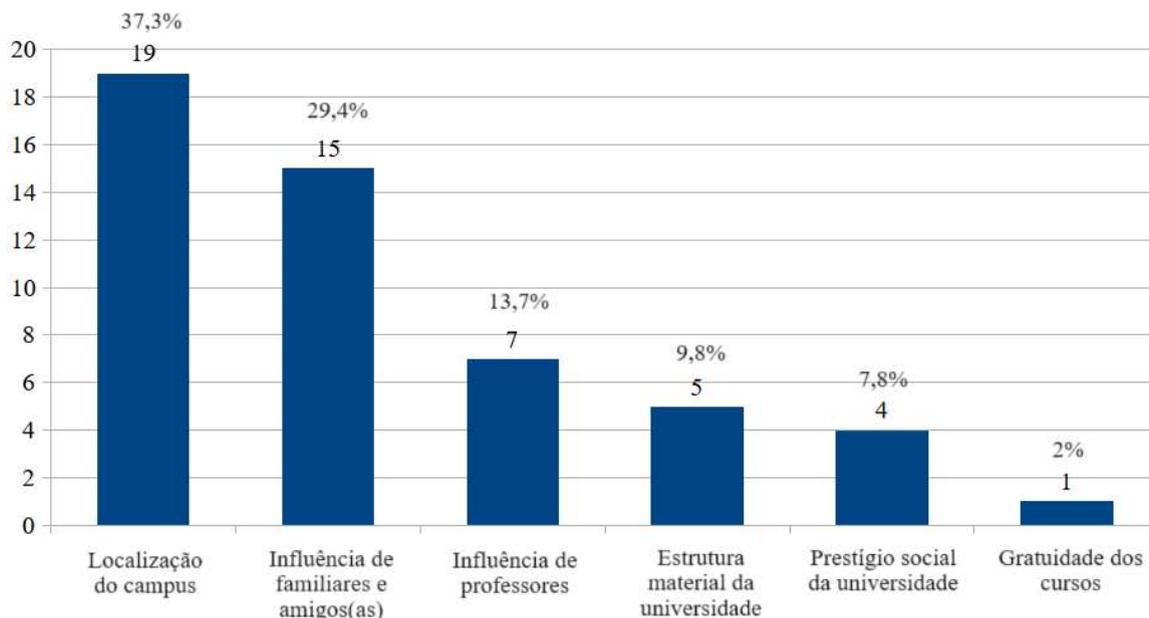
Dados Pesquisa Atual.

GRÁFICO 45 – Segundo fator mais relevante para a escolha dos respondentes pela UNICAMP



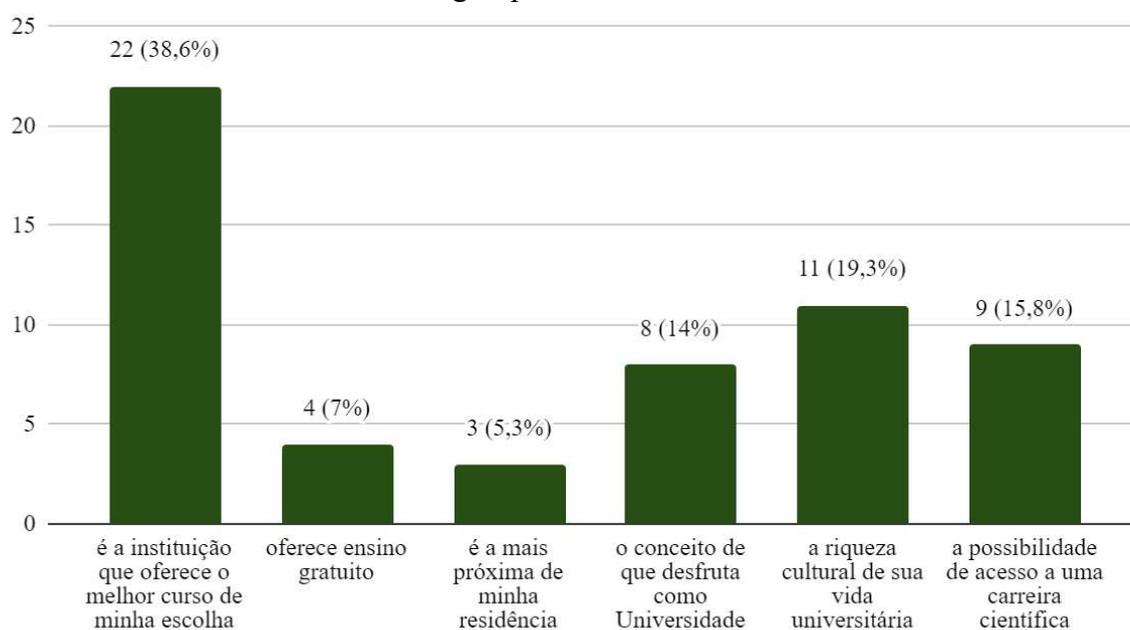
Dados Pesquisa Atual.

GRÁFICO 46 – Fator menos relevante para a escolha dos respondentes pela UNICAMP



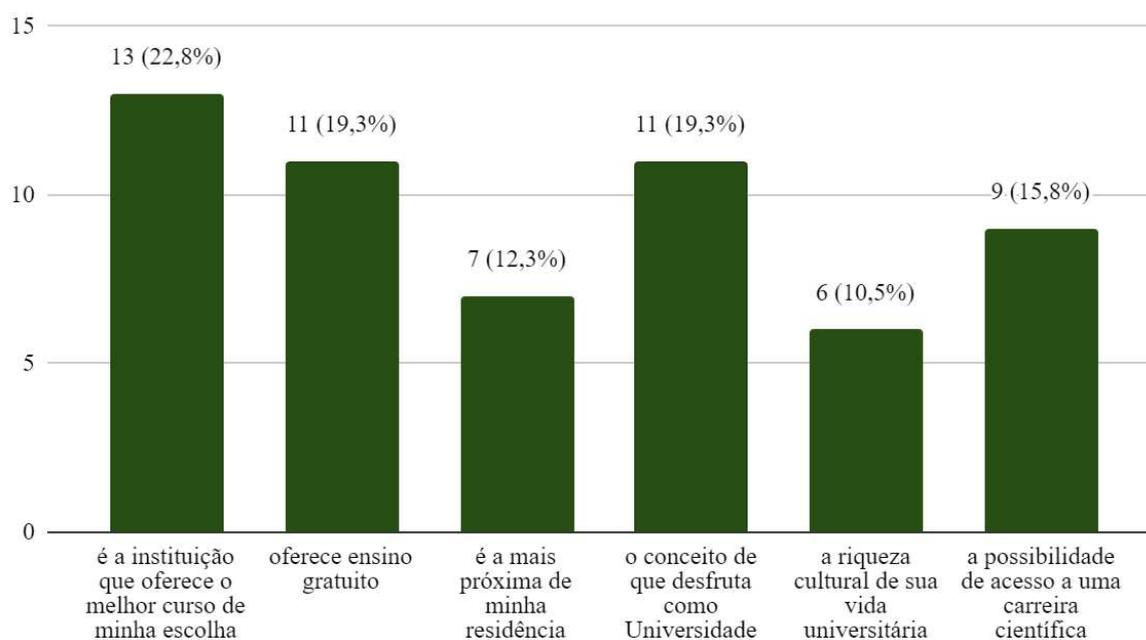
Dados Pesquisa Atual.

GRÁFICO 47 – Motivo principal da escolha dos ingressantes matriculados em Ciências Sociais Integral pela UNICAMP em 2023



Dados Comvest 2022.

GRÁFICO 48 – Motivo principal da escolha dos matriculados em Ciências Sociais Noturno pela UNICAMP em 2023



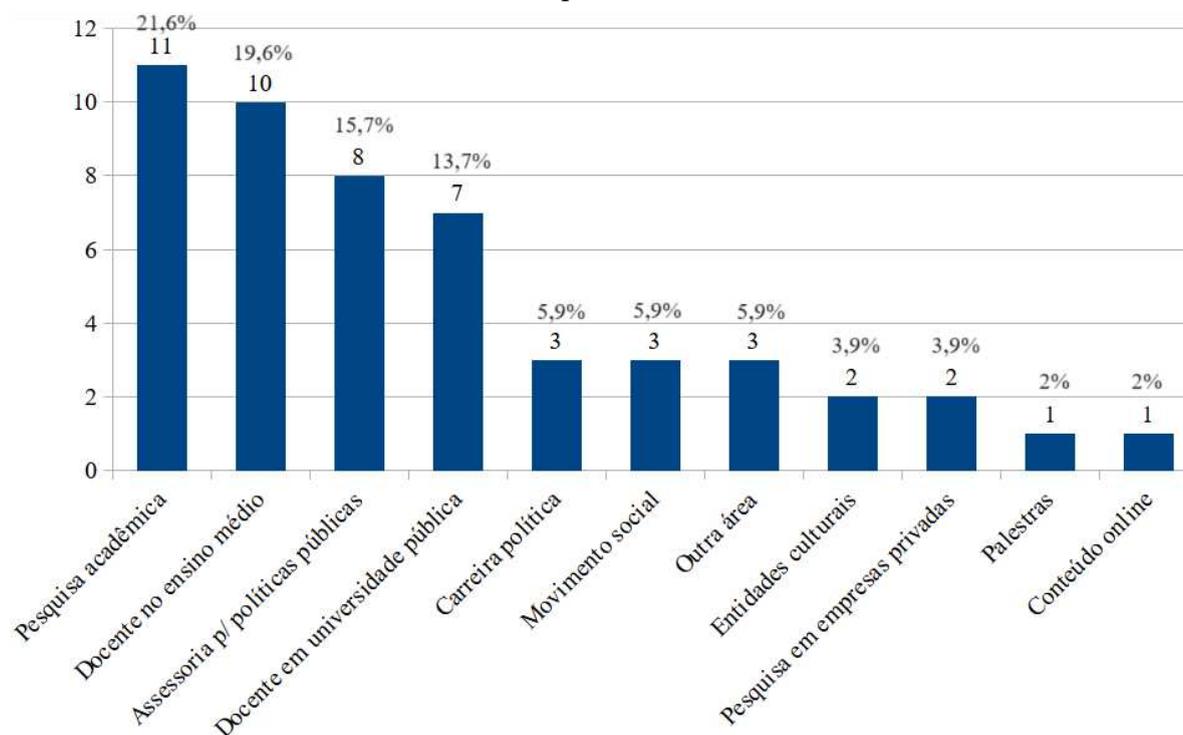
Dados Comvest 2022.

Em relação à modalidade de formação, foi perguntado se os alunos tinham a intenção de se formarem com mais de uma habilitação. Nesta questão, 22 estudantes (43,1%)

pretendem concluir a licenciatura e o bacharelado (em uma ou mais ênfases), 11 (21,6%) disseram não saber, 10 (19,6%) pretendem se formar em mais de uma ênfase de bacharelado e 8 (15,7%) responderam que pretendem se formar em apenas uma modalidade (ou licenciatura ou bacharelado). Como já pontuado anteriormente, o campo de maior interesse dos alunos é o da Ciência Política, seguido da Antropologia.

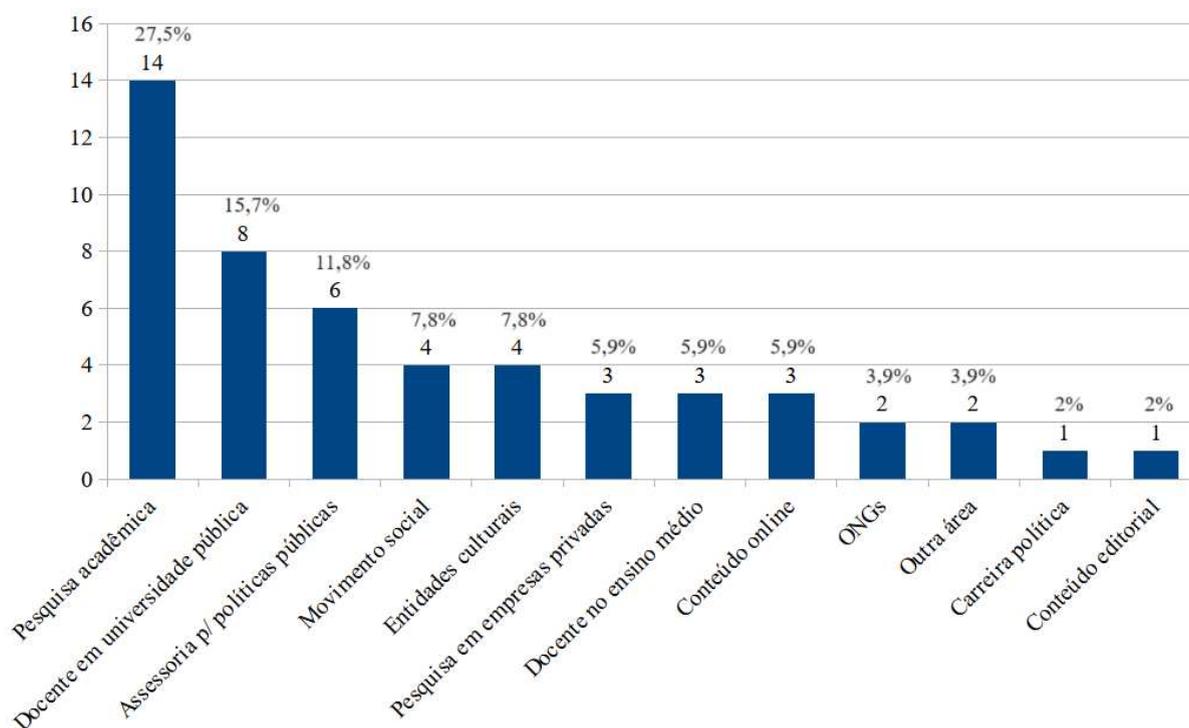
As últimas perguntas desse bloco remeteram à atuação profissional pretendida pelos ingressantes. “pesquisa acadêmica” e “ensino básico como docente no ensino médio” foram as respostas mais frequentes na pergunta sobre qual seria a área de maior interesse, enquanto na pergunta sobre a área de segundo maior interesse, “pesquisa acadêmica” e “ensino superior como docente em universidade pública” foram as respostas mais frequentes. Na questão sobre qual área eles tinham menos interesse para atuar profissionalmente, “carreira política (como candidato/a)” foi a resposta mais frequente, seguida de “ensino básico como docente no ensino médio”.

GRÁFICO 49 – Área de maior interesse para atuar profissionalmente de acordo com os respondentes



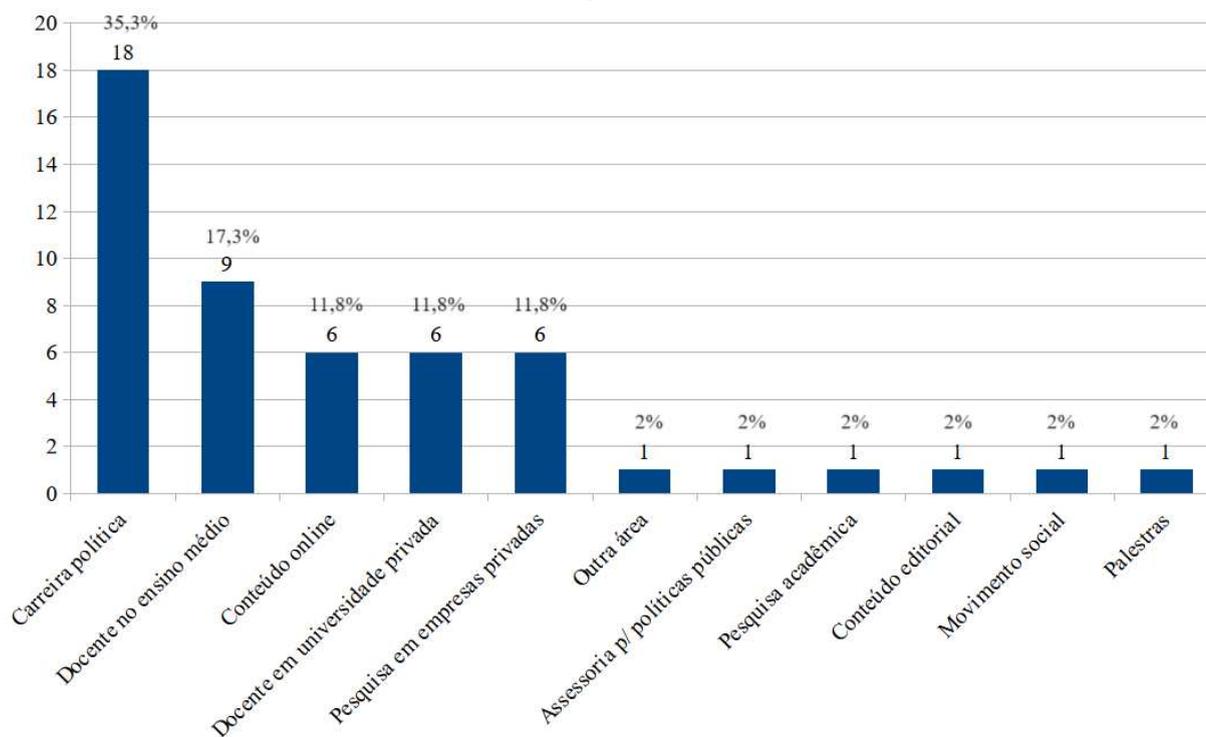
Dados Pesquisa Atual.

GRÁFICO 50 – Área de segundo maior interesse para atuar profissionalmente de acordo com os respondentes



Dados Pesquisa Atual.

GRÁFICO 51 – Área de menor interesse para atuar profissionalmente de acordo com os respondentes



Dados Pesquisa Atual.

A carreira mais pretendida pelos estudantes da amostra está de acordo com a formação oferecida pelo currículo de graduação em Ciências Sociais na UNICAMP, pois o curso e a própria estrutura da universidade enfatiza o desenvolvimento de pesquisadores. A segunda área mais apontada como principal interesse de atuação é a educação básica, o que condiz com o fato de que o ingresso na UNICAMP é feito na modalidade de licenciatura, podendo ser modificada ou ter outras habilitações incluídas a pedido do próprio aluno que tenha interesse em se diplomar em diferentes ênfases. Entretanto, como segunda área pretendida para atuação profissional, a educação básica não apresentou tanta expressividade e entre as áreas menos pretendidas foi a segunda mais apontada.

CAPÍTULO 3: Interesses, expectativas e desigualdades sociais

Objetivando analisar de maneira mais aprofundada os aspectos que compõem a população aqui estudada, realizei alguns cruzamentos de dados junto ao meu orientador para tentar identificar a relação dos interesses e expectativas dos estudantes com suas origens e características sociodemográficas. Para isso, elegemos a análise de correspondência múltipla (ACM), que se refere a uma técnica de construção de espaços relacionais utilizada para “descrever, explorar, sumarizar e visualizar informações contidas em uma tabela de dados de N indivíduos descritos por Q variáveis categóricas” (Husson; Josse, 2014, p. 165 *apud* Bertoncelo, 2022, p. 11)⁷⁴. Esta técnica, comumente atrelada a pesquisas que utilizam questionários, dispõe de ferramentas visuais, que neste caso são as nuvens de pontos.

A ACM faz parte do grupo de técnicas de análise geométrica de dados (AGD) e tem como um de seus princípios que os resultados sejam estatísticas descritivas, não dependendo do tamanho da base de dados utilizada (Le Roux; Rouanet, 2010, p. 14 *apud* Bertoncelo, 2022, p. 14). De acordo com Bertoncelo (2022, p. 16), a AGD comumente está ligada à uma abordagem indutiva, em que, partindo “da observação das posições relativas das modalidades e indivíduos nas nuvens de pontos (daí, espaços relacionais) que são apreendidas as principais dimensões que estruturam as afinidades e contrastes entre práticas dos agentes e suas propriedades”. O distanciamento entre dois sujeitos na nuvem se dá pelas diferentes categorias de respostas que eles escolheram para cada questão, o que significa que “quanto mais dissimilares forem os perfis de respostas de dois indivíduos (ou seja, escolherem categorias diferentes em um conjunto definido de questões), maior será a distância entre eles – ou melhor, entre os pontos que os representam – na nuvem de indivíduos” (Bertoncelo, 2022, p. 31).

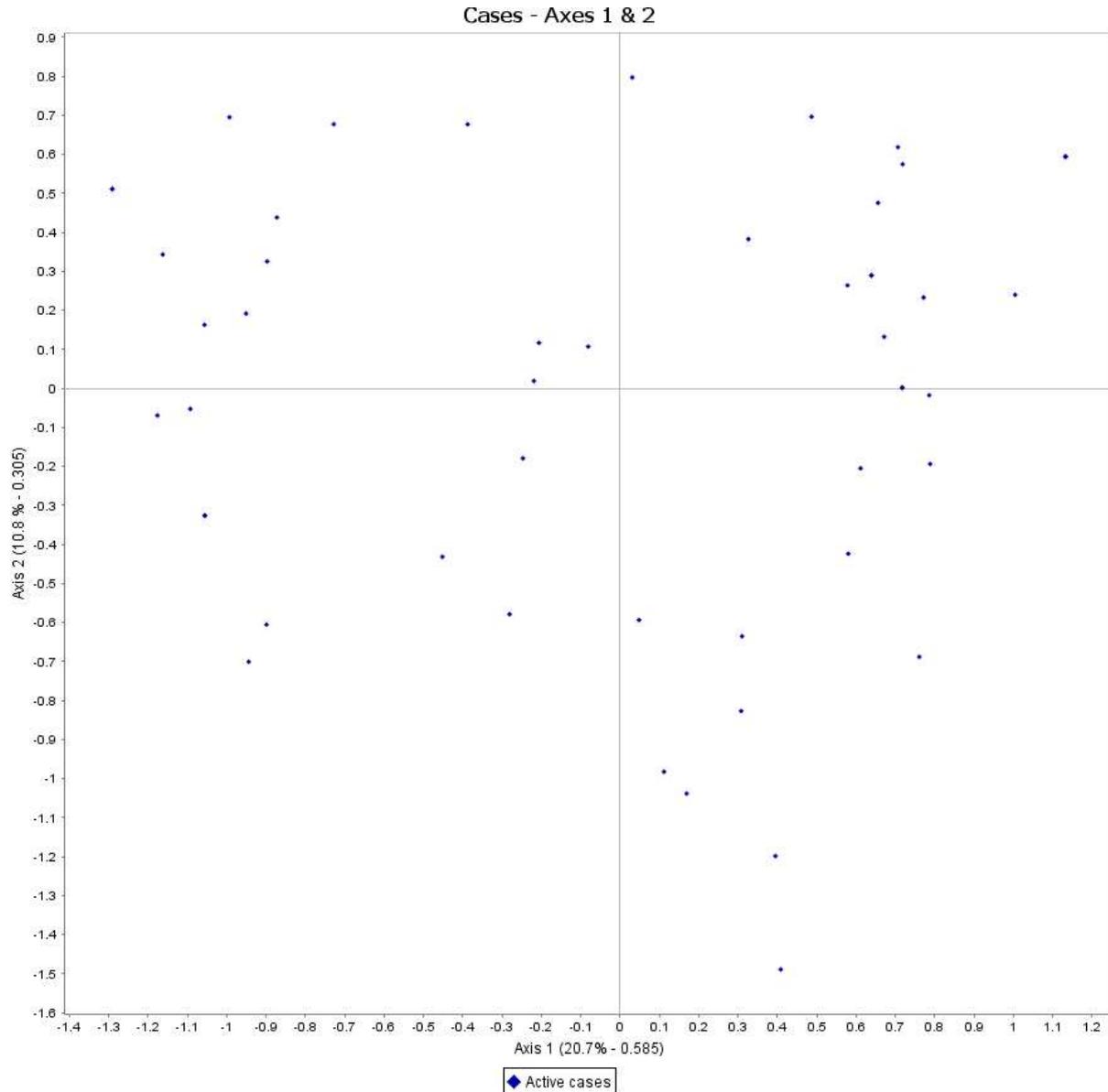
Nesta pesquisa temos 51 casos ativos, ou seja, 51 indivíduos distribuídos no espaço social representados na Figura 1, que facilita a visualização das outras nuvens, principalmente porque a proximidade ou distância dos pontos no plano indica quanto os diferentes participantes da investigação responderam a diferentes perguntas de maneira semelhante ou não. É possível observar e inferir algumas relações entre as origens e trajetórias sociais dos estudantes com os aspectos que permearam suas escolhas pelas ciências sociais e seus imaginários sobre o curso, como será exposto por meio das imagens construídas⁷⁵. Dois dos

⁷⁴ Para explicações aprofundadas sobre a técnica, ver BERTONCELO, Edison. *Construindo espaços relacionais com a análise de correspondências múltiplas: aplicações nas ciências sociais*. Brasília: Enap, 2022.

⁷⁵ O software utilizado para construir as visualizações dos dados no formato de nuvens de pontos foi o Analytics SPAD. Alguns desses dados foram agrupados de modo a não distorcerem tanto o espaço social pela baixa incidência de respostas. Um exemplo é em relação à pergunta sobre atuação profissional, pois nos casos em que

elementos que aparecem localizados mais próximos são, por exemplo, os responsáveis 1 mais escolarizados e os responsáveis 2 mais escolarizados, o que demonstra que quando um dos responsáveis do estudante tem alta escolaridade, a tendência é que o outro também tenha; o contrário também é verdadeiro.

FIGURA 1 – Distribuição dos indivíduos respondentes do questionário no espaço social



Dados Pesquisa Atual.

uma resposta foi indicada como primeira opção por apenas um respondente, busquei verificar se a segunda opção de maior interesse tinha maior recorrência e, em caso afirmativo, considerei a segunda opção para a análise.

O espaço social desta pesquisa, que serve de base para a análise através dos pontos, foi construído por meio de 23 categorias ativas provenientes de 6 variáveis a serem explanadas no item 3.1. Também nesse item, trato das categorias suplementares, que ajudam a compreender o arranjo dos pontos nas imagens produzidas. A disposição das respostas específicas ao questionário que analisamos a partir desse espaço social estão nos itens 3.2 e 3.3. Conforme será demonstrado a seguir, as nuvens de pontos são formadas pela matriz de dados dos indivíduos (respondentes do questionário) e as variáveis selecionadas para a análise, sendo possível visualizar a proximidade ou distância de diferentes respostas obtidas no questionário espalhadas em um plano cartesiano de duas dimensões. Subtraindo das 23 categorias ativas as 6 variáveis utilizadas, temos como resultado a formação de 17 eixos. Entretanto, um deles, que corresponde ao eixo horizontal das figuras aqui apresentadas, representa mais de 81% do peso para a construção da nuvem e outro, referente ao eixo vertical, representa 9%, sendo possível afirmar que esses dois eixos somam mais de 90% da contribuição para a disposição dos pontos e, portanto, podem ser selecionados de maneira satisfatória para a análise proposta.

3.1 Construindo o espaço social da análise

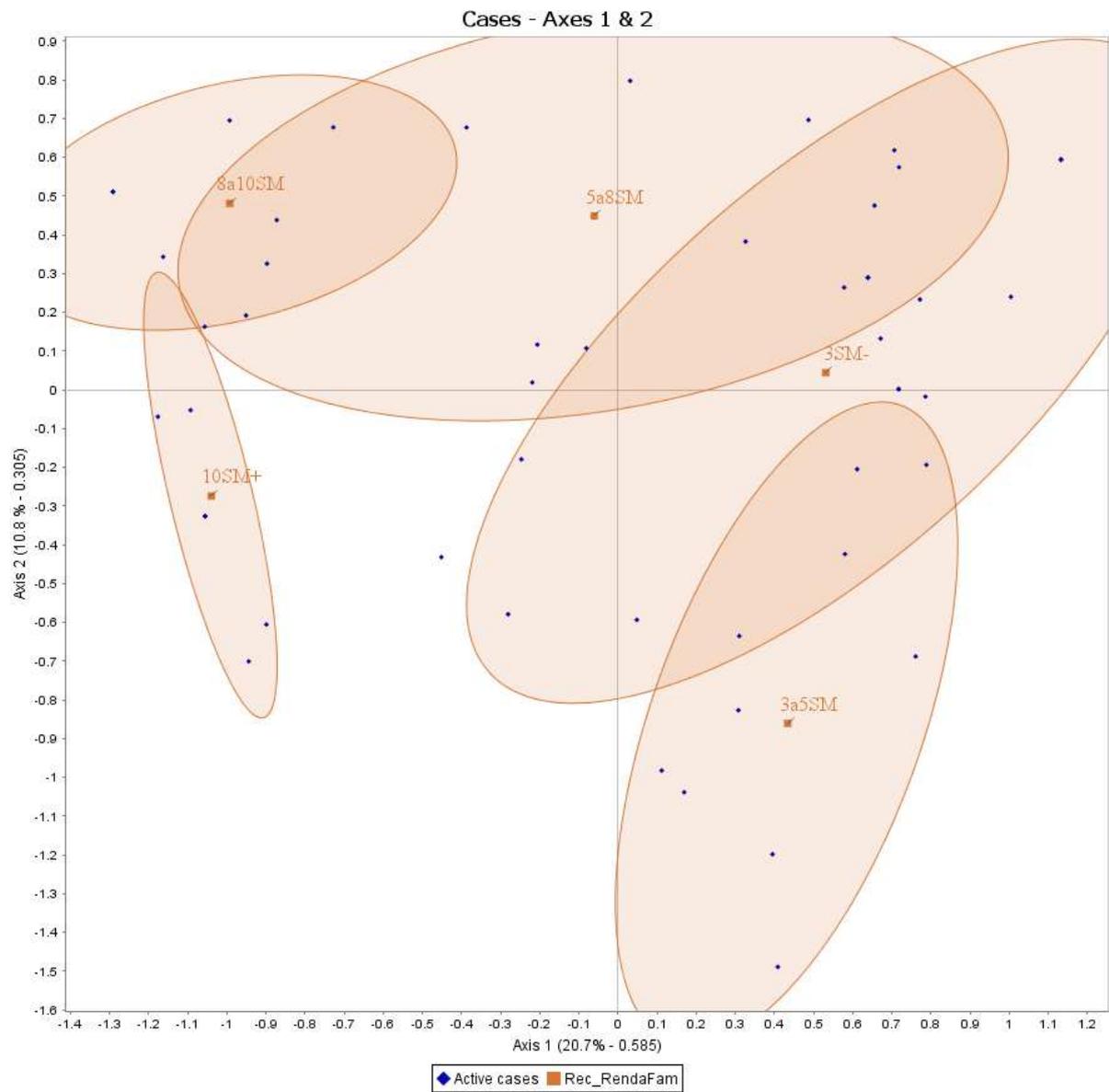
As distâncias entre os pontos na nuvem são produzidas pelas 23 categorias ativas, que foram escolhidas por meio das 6 variáveis que consideramos mais relevantes para uma descrição socioeconômica, sendo que seu princípio é relacional. As variáveis selecionadas para a construção do espaço social da análise sobre os respondentes do questionário foram: tipo de escola em que o estudante cursou o ensino fundamental, tipo de escola em que o estudante cursou o ensino médio, renda familiar, escolaridade do responsável 1, escolaridade do responsável 2 e exercício de atividade remunerada anterior ao ingresso no curso. Essas variáveis escolhidas como categorias ativas representam um conjunto de características que servem de base para pensarmos os perfis dos estudantes a partir de sua origem socioeconômica, pensando em capital econômico e cultural (Bourdieu, 1974).

O eixo horizontal (1) é o mais relevante para a análise, pois ele representa mais de 81% da construção do espaço, por isso é o que escolhi para me debruçar neste capítulo, enquanto o eixo vertical (2) representa aproximadamente 9% do espalhamento dos pontos. A distribuição das categorias ativas resultou em um espaço social em que se localizam do lado esquerdo principalmente os indivíduos que estudaram em escolas privadas no ensino

fundamental e médio, com maior renda familiar (marcadamente de 8 a 10 SM e acima de 10 SM, mas também de 5 a 8 SM perto do eixo central), com responsáveis de maior escolaridade e que não exerceram atividade remunerada anteriormente ou, mais próximo do centro, que exerceram atividade remunerada informal anteriormente. No lado direito, portanto, se encontram de modo geral aqueles indivíduos que estudaram em escolas públicas (técnicas ou não), com menor renda familiar (até 3 SM e de 3 a 5 SM), com responsáveis de menor escolaridade e que exerceram atividade remunerada formal anteriormente.

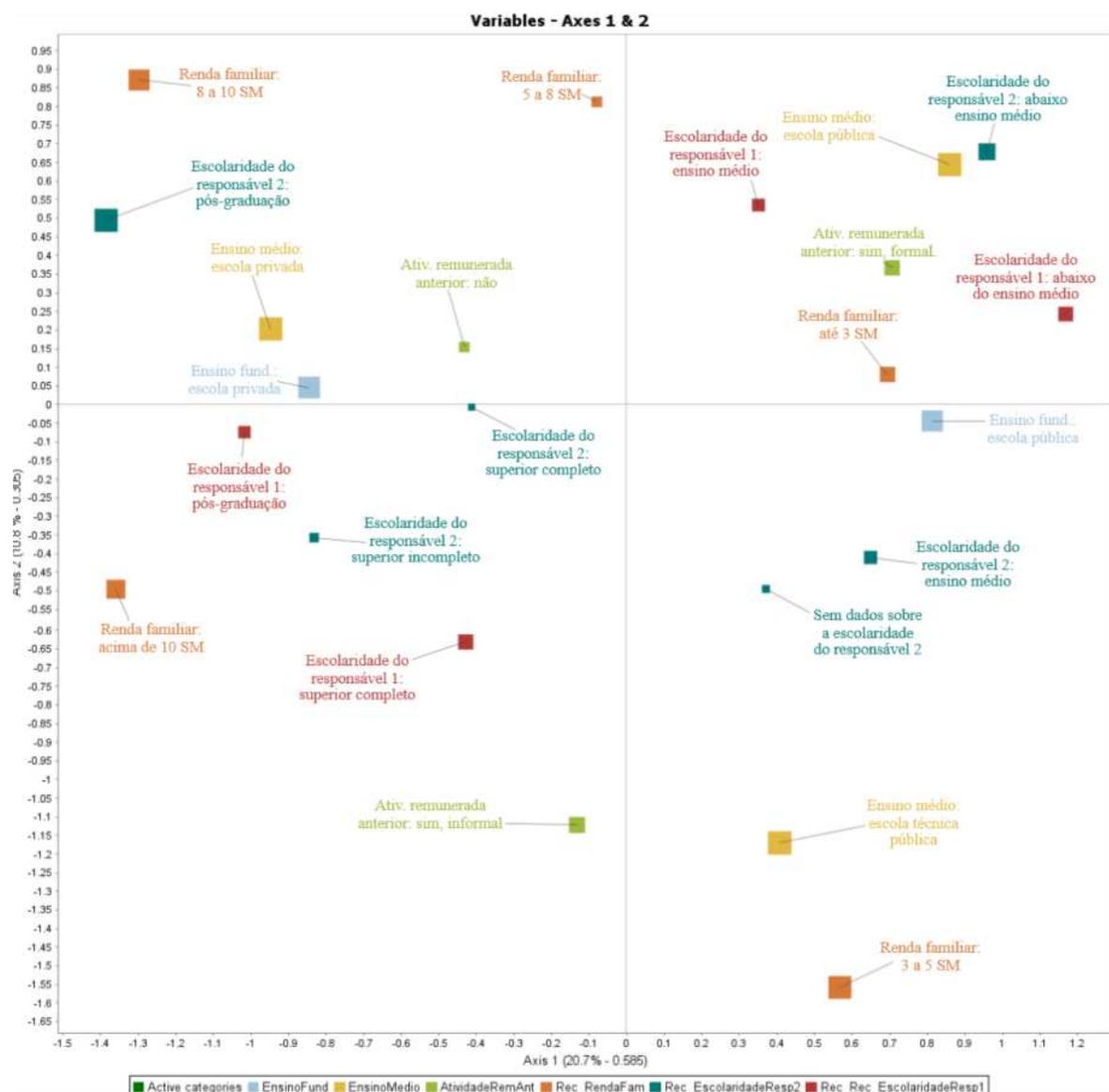
O nível de contribuição das categorias ativas para a construção do espaço social, indicado também pelo tamanho dos pontos (na forma de quadrados) na figura 3, foi, em ordem decrescente: renda familiar (21%), seguida de escolaridade do responsável 2 (20,7%), tipo de escola em que o estudante cursou o ensino fundamental (19,6%), tipo de escola em que o estudante cursou o ensino médio (18,7%), escolaridade do responsável 1 (12,5%) e exercício de atividade remunerada anterior ao ingresso no curso (7,4%). Na Figura 2 é possível observar a formação de elipses ao redor dos indivíduos de acordo com sua renda familiar. Apesar de renda familiar ser a categoria com maior contribuição para a construção do espaço social, é importante considerar que escolaridade do responsável 2, tipo de escola em que o estudante cursou o ensino fundamental e tipo de escola em que o estudante cursou o ensino médio também são categorias com bastante relevância e, portanto, interferem na distribuição dos indivíduos pelo plano cartesiano apresentado na imagem.

FIGURA 2 – Elipses formadas a partir dos conjuntos de rendas dos respondentes



Dados Pesquisa Atual.

FIGURA 3 - Categorias ativas utilizadas na construção do espaço social

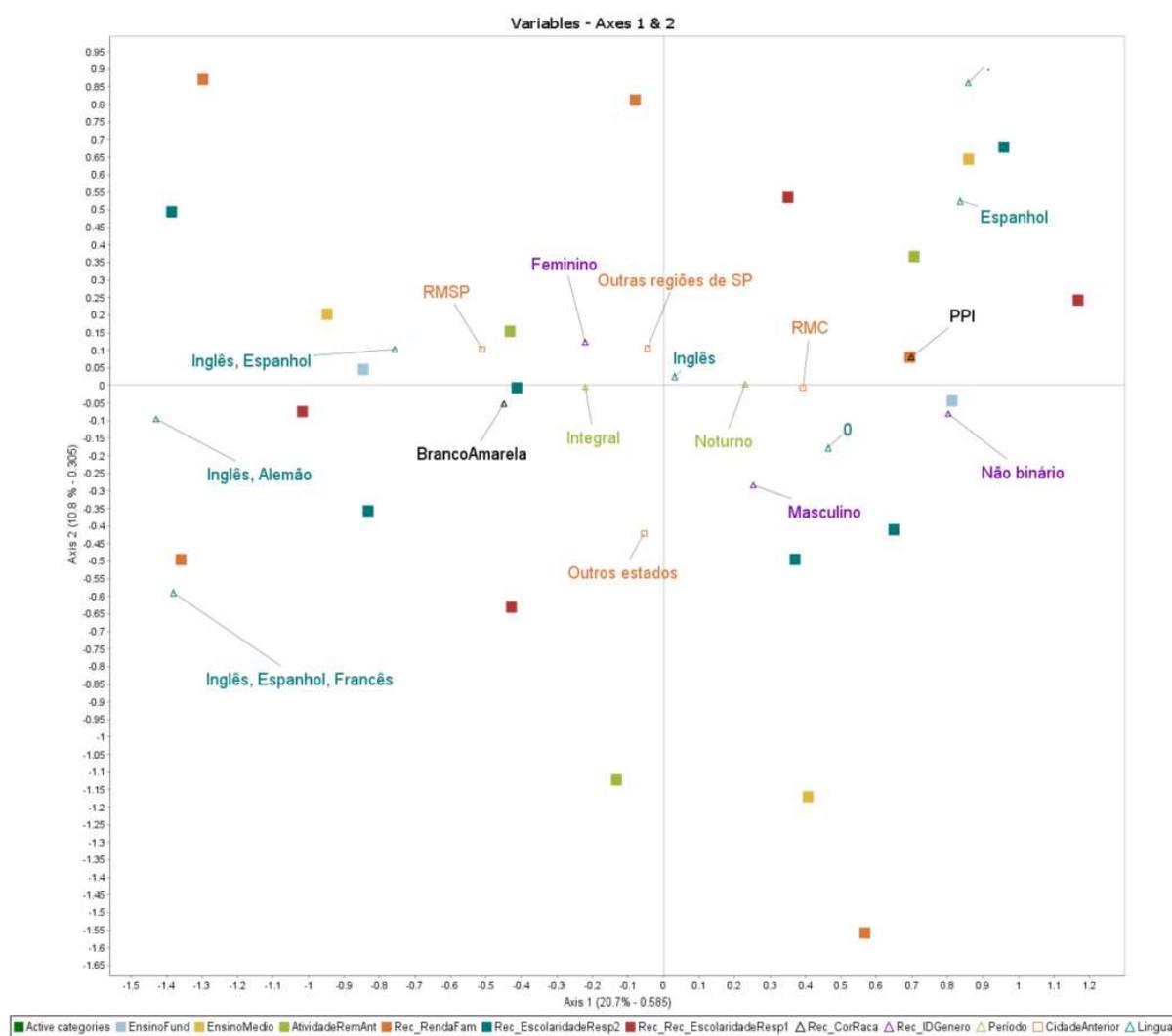


A função das categorias suplementares na ACM é explicar as distâncias entre as categorias ativas e auxiliar na compreensão do espaço social construído. Em princípio, as categorias suplementares utilizadas na análise do espaço social foram gênero, raça/cor, cidade anterior, período da turma em que o estudante está matriculado e qual idioma fala além do português. Elas se distribuíram no plano cartesiano do lado esquerdo com indivíduos principalmente brancos/amarelos, do gênero feminino, do período integral, que falam mais de uma língua⁷⁶ e vindos de cidades anteriores que fossem da região metropolitana de São Paulo,

⁷⁶ Em relação ao idioma que falam além da língua materna, inglês aparece bem próximo ao eixo central. Entretanto, quando são incluídos outros idiomas junto ao inglês, como alemão, espanhol e francês, os pontos na nuvem se deslocam bastante para mais próximo das rendas mais altas.

de outras regiões de São Paulo ou de outros estados. Do lado direito, são identificados principalmente os indivíduos pretos/pardos/indígenas, do gênero masculino ou não binário, do período noturno, que falam apenas uma segunda língua (inglês ou espanhol) ou somente o português e vindos da região metropolitana de Campinas. Neste sentido, observamos uma correspondência entre as categorias ativas, pensando que os alunos com maior renda são aqueles que têm responsáveis com escolaridade mais alta, por exemplo, mas também em relação às categorias suplementares, já que esses mesmos alunos são em sua maioria brancos e falantes de pelo menos três idiomas.

FIGURA 4 – Categorias suplementares do espaço social

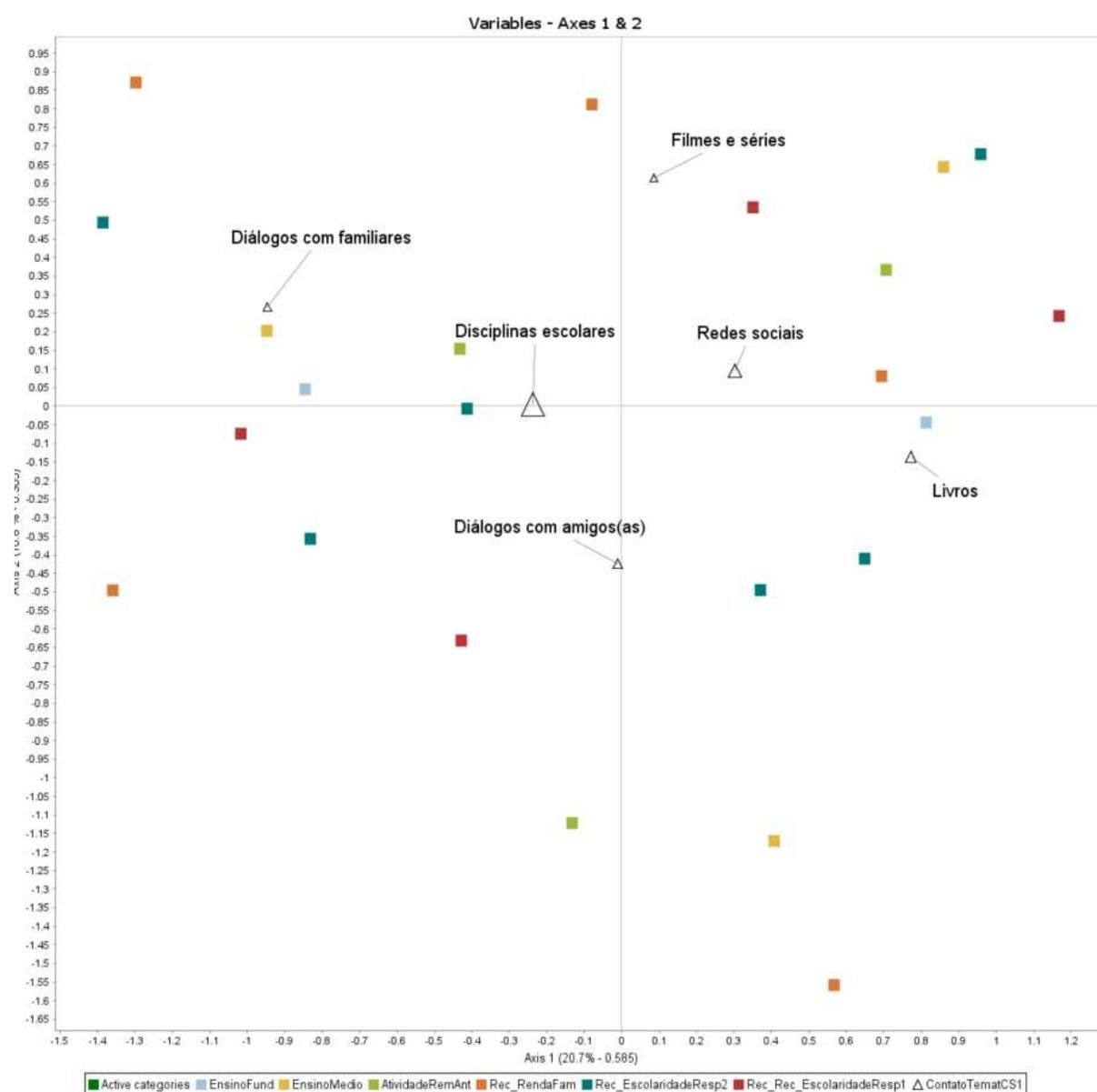


Dados Pesquisa Atual.

3.2 Contato prévio com as ciências sociais, motivação da escolha e o espaço social

Como demonstrado no item 2.3, o principal meio de contato dos estudantes com as ciências sociais foram as disciplinas escolares, seguido das redes sociais. Ao verificarmos como isso se distribui por meio das nuvens de pontos, temos que redes sociais e livros estão no lado direito do espaço social desta pesquisa, enquanto disciplinas escolares e diálogos com familiares estão no lado esquerdo; o meio “diálogos com amigos” aparece quase totalmente centralizado. “Livros” enquanto meio de contato principal aparece bem próximo do ponto que indica ensino fundamental cursado em escola pública, ao passo que “diálogos com familiares” está bem próximo do ponto que indica ensino médio em escola privada.

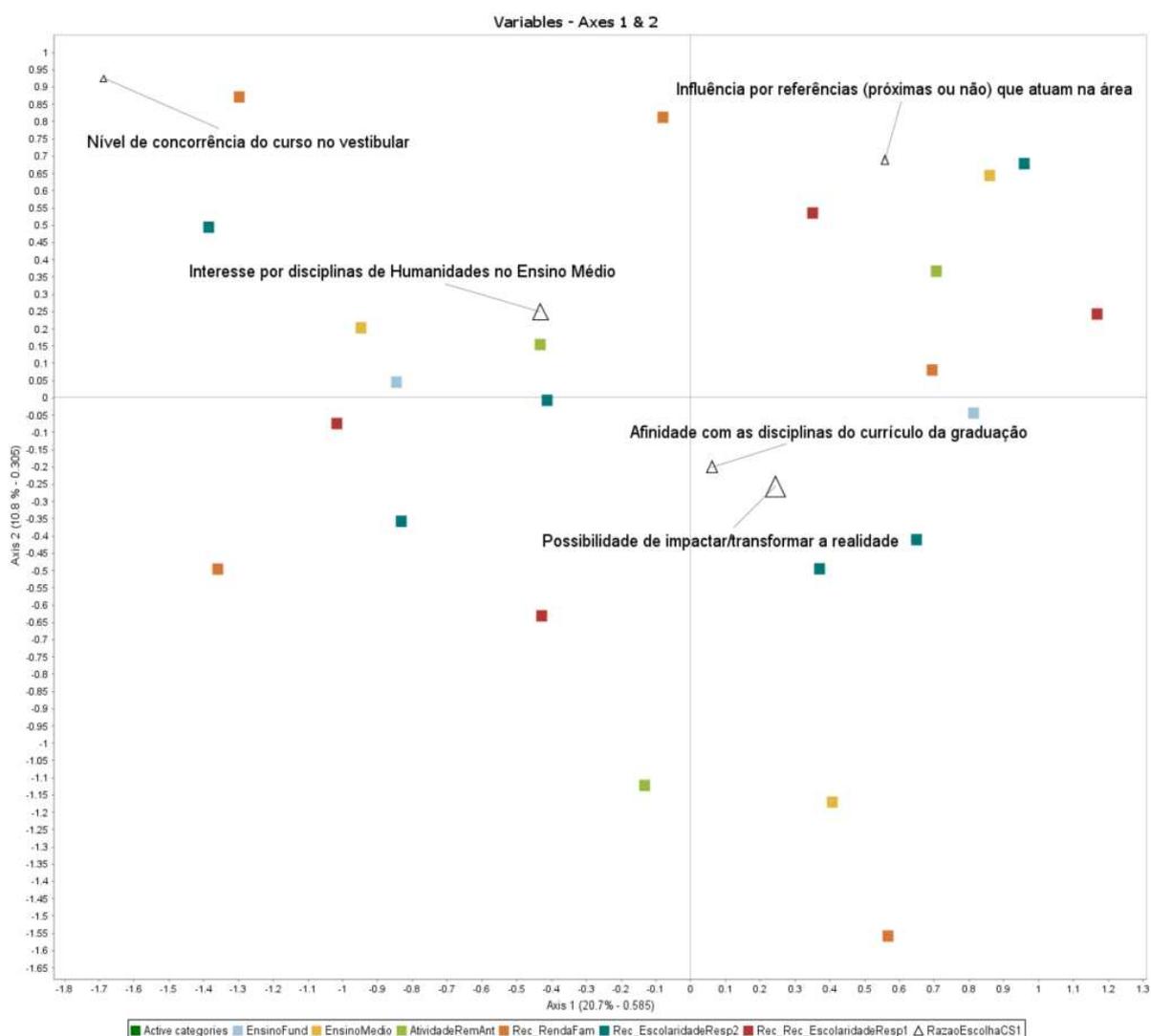
FIGURA 5 – Meio principal de contato dos estudantes com as ciências sociais



Dados Pesquisa Atual.

Em relação ao motivo pelo qual os estudantes escolheram cursar Ciências Sociais, os principais se distribuem pela nuvem de pontos da seguinte maneira: do lado esquerdo, temos “interesse por disciplinas de Humanidades no ensino médio” e “nível de concorrência no vestibular” (respondido por apenas 1 pessoa como primeiro motivo para realizar o curso e, por isso, bastante distanciado do centro); do lado direito estão “possibilidade de impactar/transformar a realidade”, “influência por referências que atuam na área” e “afinidade com as disciplinas do currículo da graduação”, que se encontra mais próximo do eixo vertical central.

FIGURA 6 – Motivo pelo qual os estudantes escolheram cursar Ciências Sociais

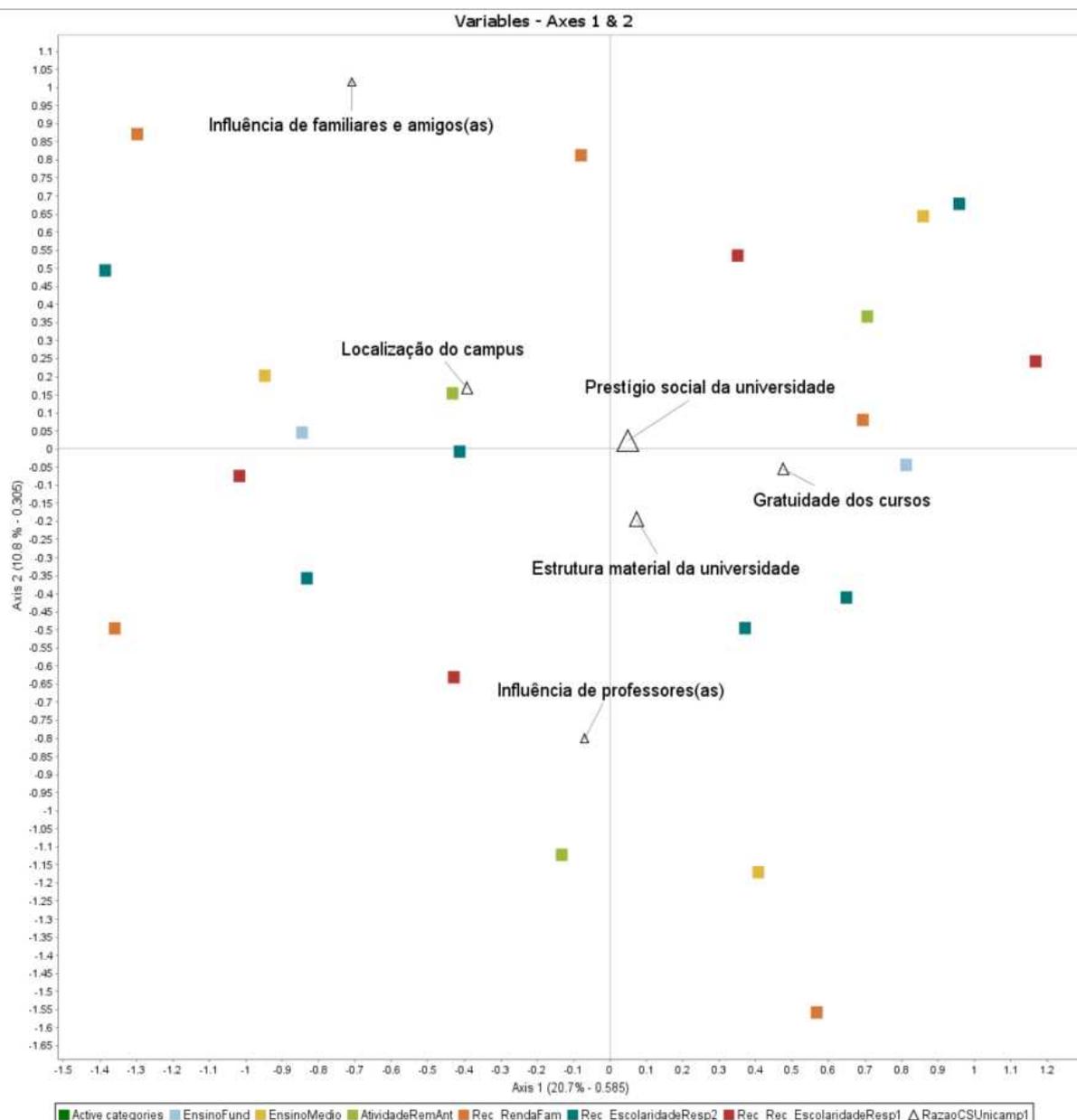


Dados Pesquisa Atual.

Em relação ao motivo pelo qual o estudante escolheu estudar na UNICAMP, do lado esquerdo temos “influência de familiares e amigos(as)”, “localização do campus” e

“influência de professores(as)”. Do lado direito aparece “gratuidade dos cursos”, “estrutura material da universidade” e, mais centralizado, “prestígio social da universidade”. Além disso, também aparece como motivação pela UNICAMP a localização do campus, o que, analisando a cidade anterior dos estudantes, nos indica a proximidade dos pontos com aqueles indivíduos que vieram da região metropolitana de São Paulo e de outras cidades de São Paulo, mais até do que os da região metropolitana de Campinas, pelo menos nesse primeiro momento.

FIGURA 7 –Motivo pelo qual o estudante escolheu estudar na UNICAMP



Dados Pesquisa Atual.

A partir dessas nuvens de pontos, podemos inferir que os indivíduos com diferentes origens e trajetórias sociais tiveram diferentes meios principais de contato com as ciências sociais e motivações para escolherem este curso e esta universidade. Os alunos respondentes com responsáveis mais escolarizados, renda familiar mais alta e que estudaram em escolas particulares relacionam-se mais com os fatores ligados à escola (principalmente por meio de disciplinas, mas também de professores) e aos familiares para o conhecimento e interesse pelas ciências sociais e pela UNICAMP. Isso significa que o ensino formal das ciências sociais e o contato prévio de pessoas próximas com o curso está mais presente para esse grupo do que para o outro, demonstrando o papel da família e da escola para a reprodução social.

No caso dos alunos com responsáveis menos escolarizados, renda familiar mais baixa e que estudaram em escolas públicas, as redes sociais e os livros representam a maior tendência, o que pode ser um indicativo de que esses meios estão mais presentes do que as disciplinas escolares e as referências próximas para esse grupo. Também há aqui a relação com a motivação pelas ciências sociais a partir da ideia de que o curso poderia ter um impacto significativo na sociedade, enquanto a motivação pela UNICAMP desses respondentes teve a tendência de estar mais ligada ao prestígio social da universidade (que também está próximo do centro da nuvem), estrutura material e gratuidade dos cursos.

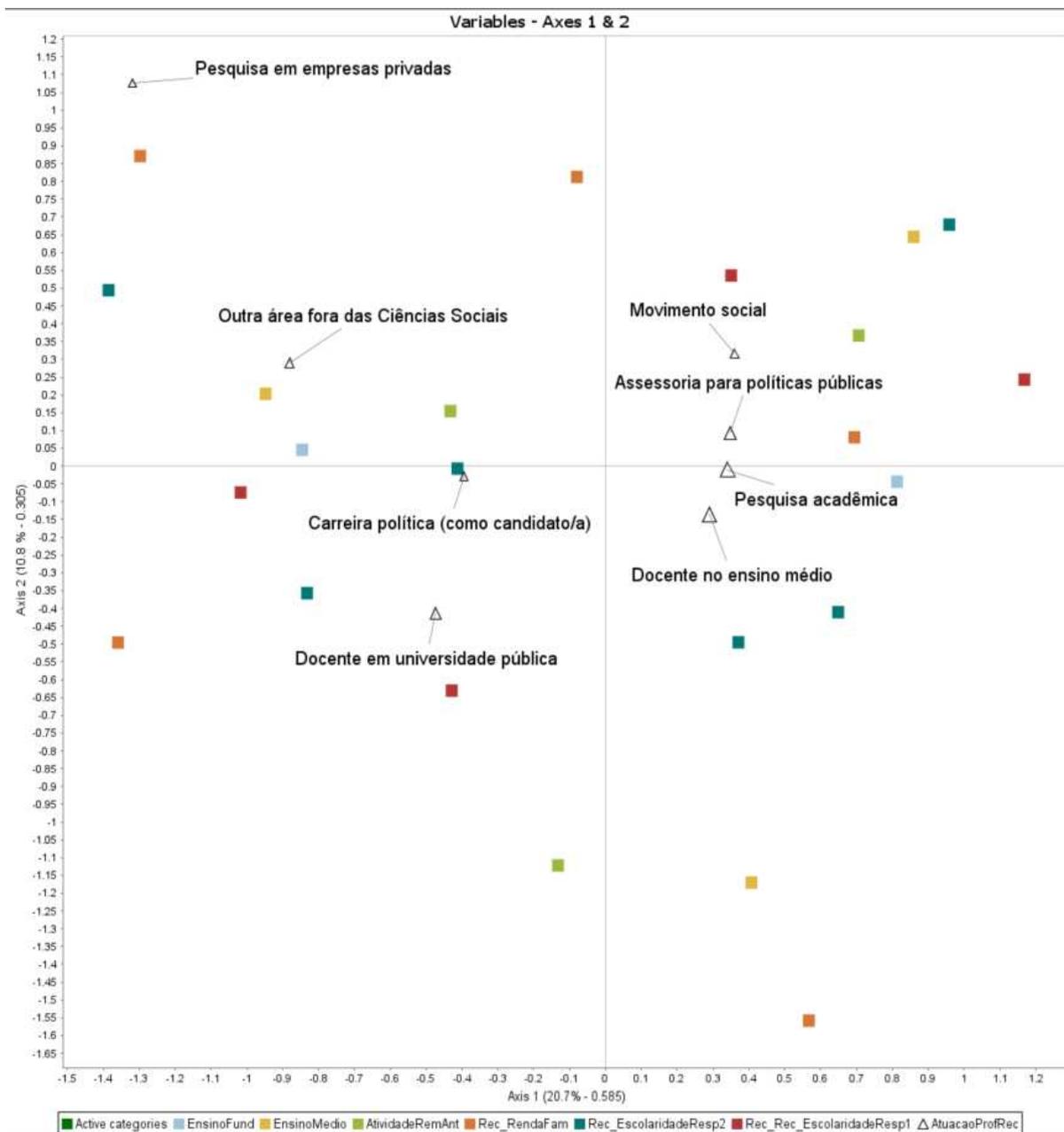
3.3 Relação entre interesses, expectativas profissionais e espaço social

As áreas de atuação profissional mais pretendidas pelos respondentes do questionário se distribuíram no espaço social aqui construído da seguinte forma: do lado esquerdo se encontram pesquisa em empresas privadas, outra área fora das ciências sociais, carreira política e docência em universidade pública; do lado direito aparecem movimento social, assessoria para políticas públicas, pesquisa acadêmica e docência no ensino médio, que, além de ter sido mais respondida pelos alunos com pais menos escolarizados e vindos de escolas públicas, na nuvem se encontra próxima de onde se localiza a motivação pelo curso “Possibilidade de transformar/impactar o mundo”.

Os estudantes que vieram de escolas privadas, que têm pais mais escolarizados e renda familiar maior têm tendência de considerar carreira na política institucional como candidatos, enquanto os estudantes com maior tendência a considerar atuar com assessoria para políticas públicas são aqueles com renda familiar menor e vindos de escolas públicas. Também entre os mais ricos, vindos de escolas privadas e com pais mais escolarizados,

observamos a proximidade dos pontos na nuvem que indicam o trabalho em empresas privadas – que ainda não é um caminho tão difundido nos cursos de graduação, como tentei demonstrar no primeiro capítulo desta dissertação – e em áreas fora das ciências sociais, o que demonstra que, possivelmente, esse grupo não vê no ensino superior o pré-estabelecimento para a atuação profissional necessariamente conectada à formação.

FIGURA 8 – Área de maior interesse para atuar profissionalmente



Dados Pesquisa Atual.

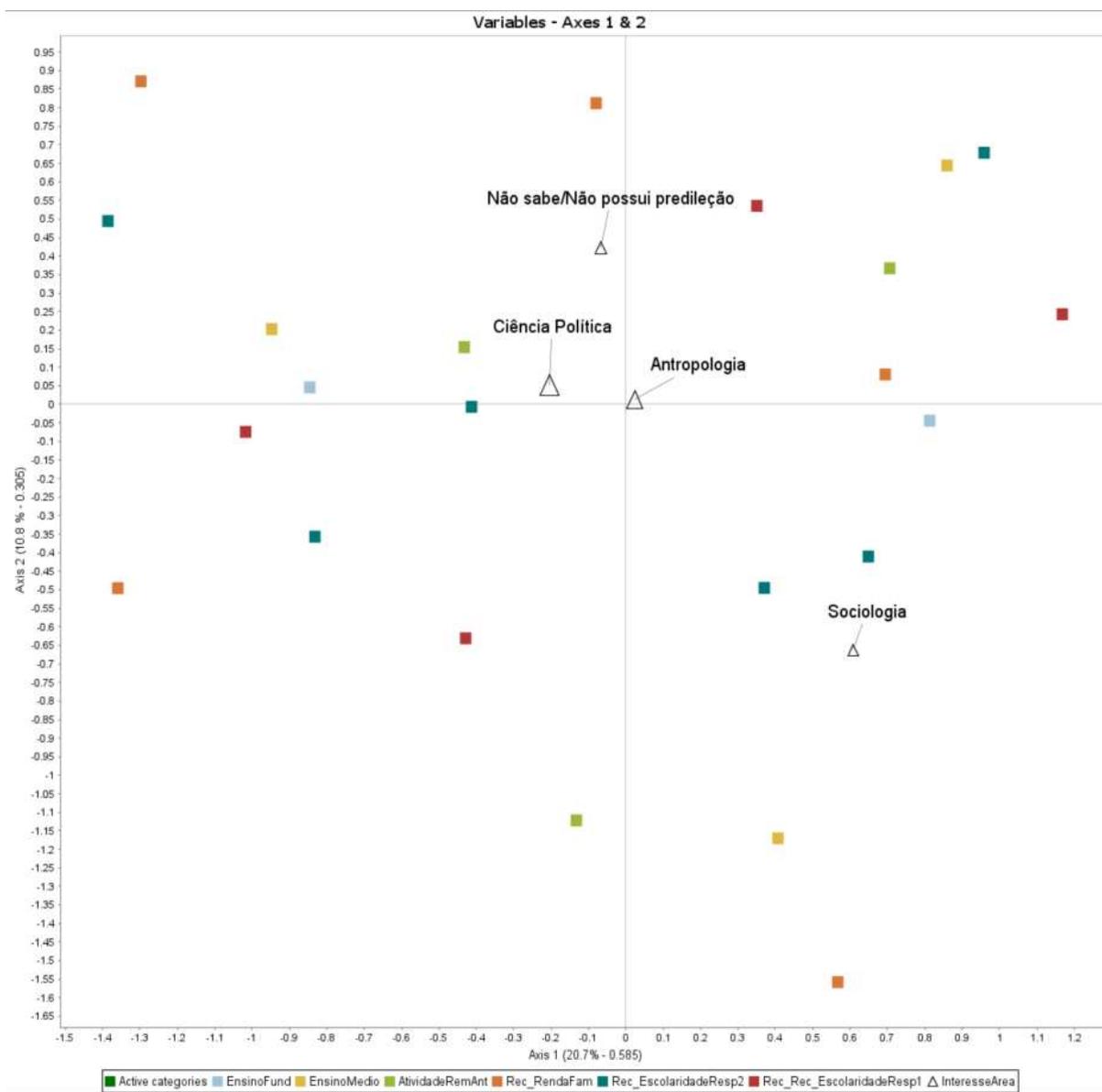
Ainda observei que, apesar de docência no ensino superior público e pesquisa acadêmica se referirem a um mesmo tipo de trabalho, parece existir uma diferenciação na compreensão dos próprios estudantes do que seria o trabalho principal em ambas as áreas. Ou seja, alunos mais ricos, que vieram de escolas privadas e que têm pais mais escolarizados almejam atuarem como professores no ensino superior em instituições públicas, ao passo que os mais pobres, que vieram de escolas públicas e que têm pais menos escolarizados tendem a responder uma resposta mais “genérica”, como pesquisa acadêmica, que pode tanto significar atuar com pesquisa em diferentes posições dentro de uma universidade, quanto simplesmente dar seguimento na formação a nível de pós-graduação.

Considerando as mudanças significativas no mercado de trabalho já abordadas anteriormente e os caminhos que as ciências sociais brasileiras têm percorrido, penso que essa pergunta sobre atuação profissional na verdade capta apenas percepções muito iniciais dos estudantes. Assim, as respostas não são exatamente as expectativas, mas os interesses prévios que os ingressantes apresentam e que talvez nem estejam totalmente cientes das possibilidades de trabalho que existem a partir do curso, nem considerem que a graduação em Ciências Sociais é ao mesmo tempo muito ampla e pouco profissionalizante em essência.

Por fim, dentre as três áreas principais em que se dividem as ciências sociais, a que os respondentes do questionário mais apontaram interesse foi ciência política, que na nuvem de pontos se localiza no lado esquerdo e próximo do ponto referente à carreira política. Também desse lado, mas um pouco menos respondida e mais próxima do eixo vertical central, aparece a resposta sobre não saber ou não ter predileção por nenhuma das áreas. Do lado direito aparecem sociologia e, de modo bastante centralizado, antropologia.

Considerando que os respondentes estavam ainda no primeiro semestre quando o questionário foi aplicado, é interessante observar, como mencionei no item 2.3, que sociologia foi menos respondida de modo geral, mesmo sendo a área contemplada pelo nome da disciplina escolar ministrada no ensino médio sobre ciências sociais. Na nuvem, esse ponto aparece próximo aos referentes a capitais culturais e econômicos mais baixos.

FIGURA 9 – Área de maior interesse dentro das ciências sociais



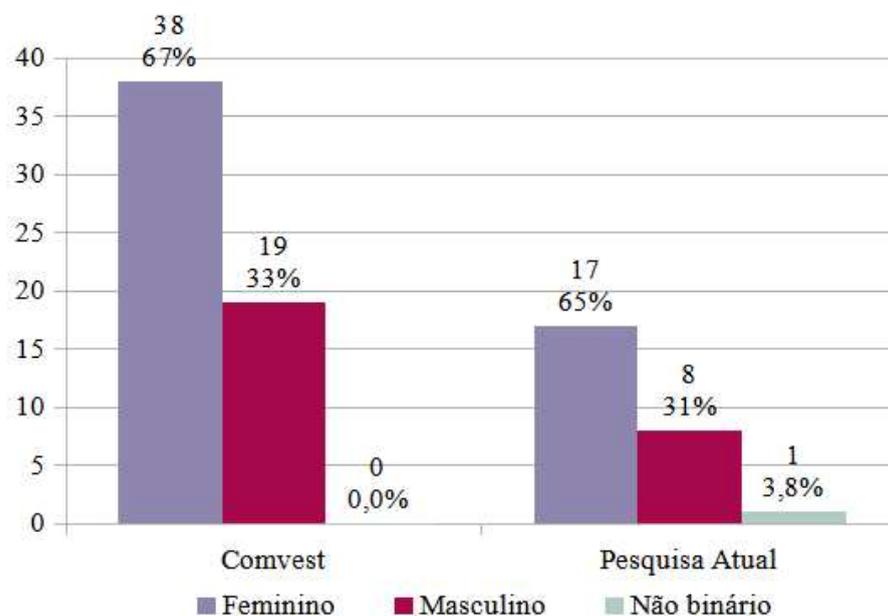
Dados Pesquisa Atual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apresentada é apenas uma investigação inicial acerca do perfil dos estudantes de ciências sociais da Universidade Estadual de Campinas, especificamente dos ingressantes de 2023, mas que abre caminho para um futuro aprofundamento acerca do tema em meu doutorado já iniciado. Minha tentativa até o momento tem sido dialogar com estudos prévios sobre formação e mercado de trabalho nas ciências sociais a partir do objetivo central da última versão do projeto de mestrado, que era conhecer os imaginários que os alunos do IFCH possuem sobre a área por meio do questionário aplicado. Nesse sentido, os dados disponibilizados pela Comvest também foram bastante importantes para ampliar a análise.

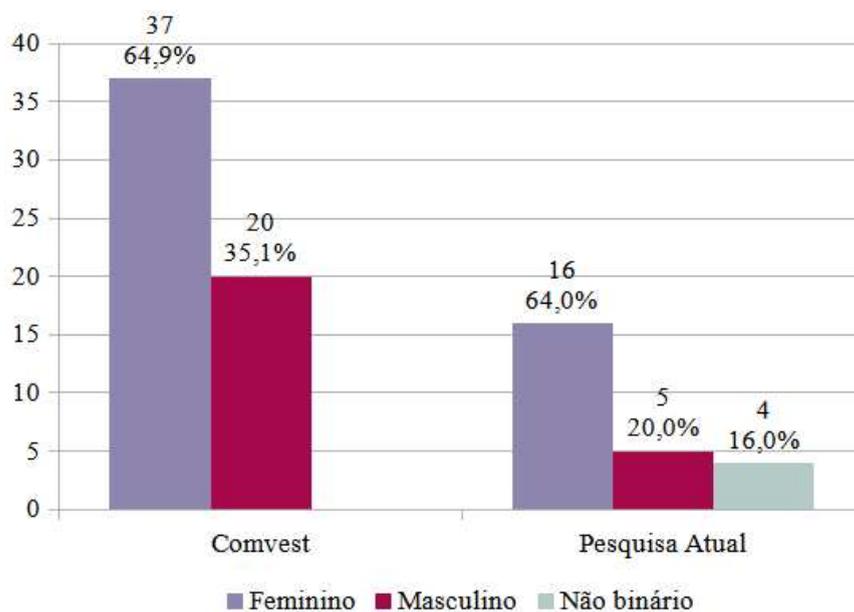
Retomando de maneira geral o que foi exposto, temos que a proporção de alunos respondentes do meu questionário se mostra um pouco mais diversa em termos sociodemográficos, já que, apesar de acompanhar de maneira próxima os percentuais da Comvest, em minha pesquisa os números ficam um pouco mais diluídos. Um exemplo disso é o fato de que, tanto na Comvest quanto no meu questionário, a maioria dos estudantes se autodeclara do sexo ou gênero feminino e branca, mas no caso da Comvest, 66,7% se declarou do sexo feminino na turma integral e 64,9% na noturna, enquanto em meu questionário 64,7% se declarou do gênero feminino (65,4% no período integral e 64% no noturno), além dos estudantes que se declaram não binários (3,8% no período integral e 16% no noturno). Os percentuais de estudantes autodeclarados brancos na Comvest são de 68,4% na turma do integral e 71,9% do noturno, enquanto em meu questionário 58,8% estudantes se autodeclararam brancos (65,4% no período integral e 52% no noturno). Esse resultado também me fez refletir bastante sobre a resistência dos estudantes em colaborar com a pesquisa, que mencionei na introdução, não só pela dificuldade em alcançar uma quantidade mínima de participação, mas também porque alguns grupos engajaram menos que outros, como foi o caso dos estudantes brancos da turma noturna, por exemplo.

GRÁFICO 52 – Comparação entre os dados da Comvest e da Pesquisa Atual sobre sexo/gênero dos ingressantes de Ciências Sociais de 2023 do período integral



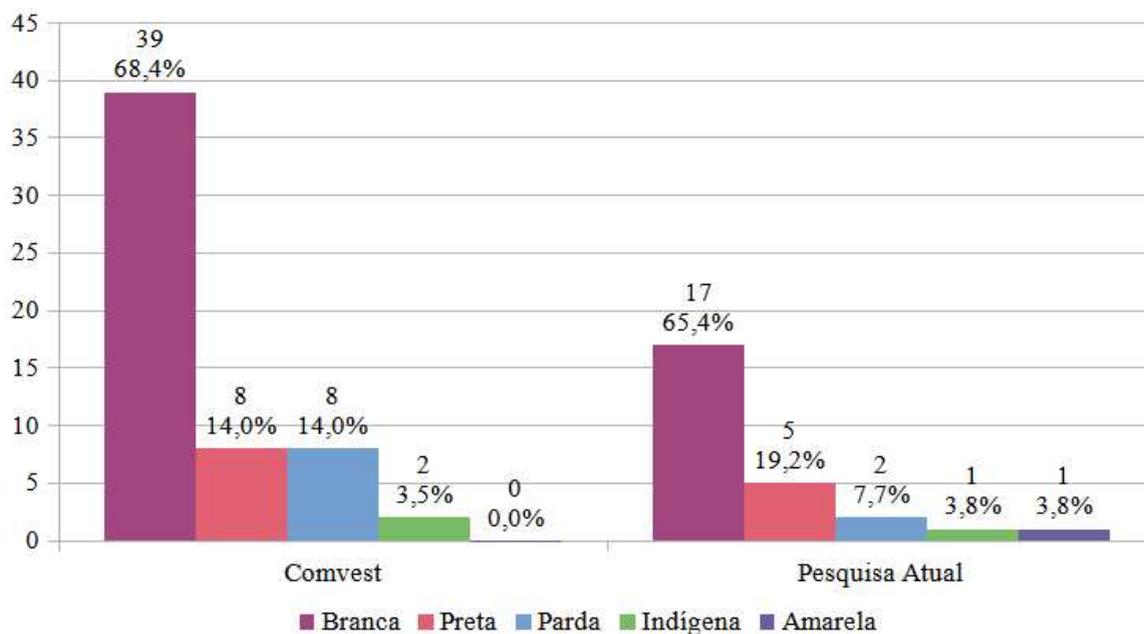
Dados Comvest e Pesquisa Atual.

GRÁFICO 53 – Comparação entre os dados da Comvest e da Pesquisa Atual sobre sexo/gênero dos ingressantes de Ciências Sociais de 2023 do período noturno



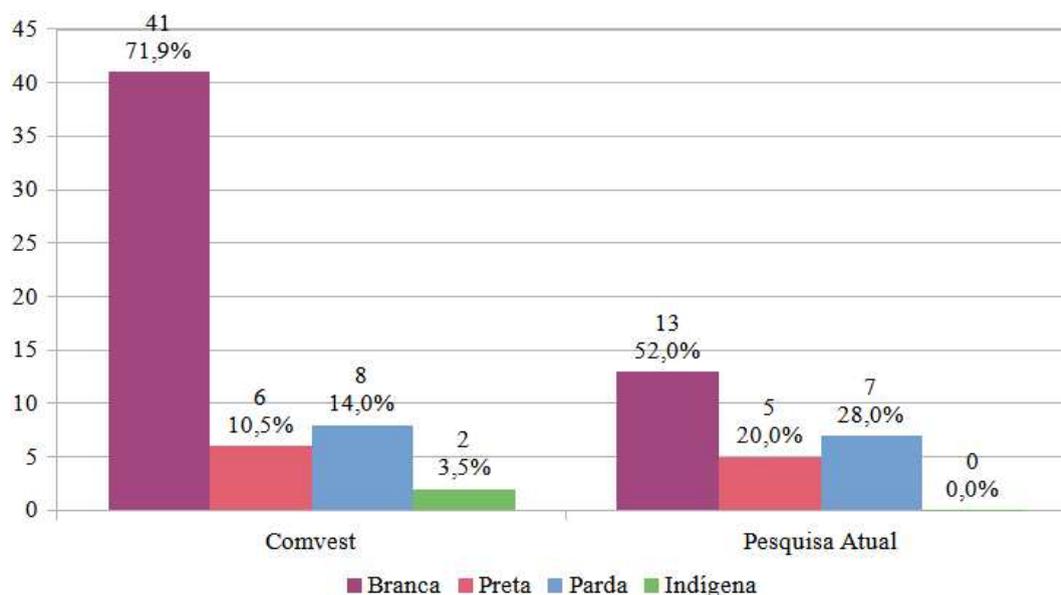
Dados Comvest e Pesquisa Atual.

GRÁFICO 54 – Comparação entre os dados da Comvest e da Pesquisa Atual sobre raça/cor dos ingressantes de Ciências Sociais de 2023 do período integral



Dados Comvest e Pesquisa Atual.

GRÁFICO 55 – Comparação entre os dados da Comvest e da Pesquisa Atual sobre raça/cor dos ingressantes de Ciências Sociais de 2023 do período noturno



Dados Comvest e Pesquisa Atual.

Além das diferenças entre os dados da Comvest e os desta pesquisa, também podemos observar que existem algumas diferenças entre os alunos do período integral e do noturno,

tanto em meu questionário quanto na Comvest⁷⁷, mostrando que as turmas possuem composições de perfis distintos. Um exemplo disso é que a turma noturna é composta por mais estudantes trabalhadores, mais velhos e vindos do ensino médio em escola pública, ao mesmo tempo em que a integral possui alunos mais novos, vindos de ensino médio em escolas privadas e também com mais variedade de regiões de origem.

Em relação à origem familiar, como fiz a correspondência do que chamei de responsável 1 com o que a Comvest chama de “mãe ou responsável”, temos que, de acordo com a Comvest, a maioria dos estudantes tem esse responsável com ensino superior completo (31,6%), pós-graduação completa (22,8%) e ensino médio completo (19,3%), enquanto em meu questionário o mais respondido também foi ensino superior completo (42,3%), mas as respostas mais frequentes seguintes são ensino médio completo (38,6%) e pós-graduação completa (11,5%). No noturno, segundo a Comvest, a maioria respondeu que a mãe ou responsável têm ensino médio completo (33,3%), seguido de ensino superior completo (26,3%) e ensino fundamental incompleto (14%), enquanto em meu questionário a maior parte disse que o responsável 1 tem ensino superior completo (28%), seguido de ensino médio completo (24%) e pós-graduação completa (16%).

Para o que chamei de responsável 2, a correspondência foi feita com o que a Comvest chama de “pai ou responsável”, em que em ambos os conjuntos de dados aconteceu de não ser respondido por parte dos estudantes (11,8% em meu questionário). De acordo com a Comvest, na turma do integral, a escolaridade do pai ou responsável era majoritariamente ensino superior completo (27,3%), seguida de ensino médio completo (23,6%) e pós-graduação completa (23,6%) e na turma noturna a maioria disse que a escolaridade do pai ou responsável era ensino médio completo (37,5%), ensino superior completo (21,4%) e pós-graduação completa (16,1%). No meu questionário, a maioria dos alunos respondeu que a escolaridade do responsável 2 era ensino médio completo (36%), seguida de abaixo do ensino médio (18%), pós-graduação (18%) e ensino superior completo (16%).

As perguntas sobre origem social geraram as reações mencionadas no item 2.2, que me fizeram refletir sobre como as perguntas foram escritas para montar o questionário. Ao criarmos uma ferramenta de pesquisa como essa, selecionamos uma série de aspectos a serem analisados com uma linguagem pré-definida. Assim, temos ganhos em relação à objetividade

⁷⁷ As desigualdades entre as turmas integral e noturna de Ciências Sociais do IFCH não se dão apenas em relação à composição sociodemográfica dos estudantes, mas também em relação ao tipo de formação a que os alunos têm acesso em termos de disciplinas oferecidas. Sobre isso, ver SANTOS, Isolda Santiago. Mercado de trabalho e currículo: perfil dos estudantes de Ciências Sociais e o processo de formação no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP. *SciELO Preprints*, 2023. DOI: 10.1590/SciELOPreprints.6888. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/6888>.

do estudo, já que os respondentes têm na maioria dos casos alternativas fechadas para escolherem, mas também limitamos as possibilidades de respostas. Nesse sentido, meu olhar enquanto pesquisadora precisa estar atento às prováveis interpretações dos participantes sobre o que leem, não só por causa dos questionamentos que eles possam vir a fazer, mas também pelo tipo de informação que estamos tentando captar aqui. Por um lado, há o fato de que os debates das ciências sociais extrapolam os muros das universidades e são apreendidos de maneiras diversas, por outro, a forma como as questões são colocadas também precisa ser revisada minimizando as disparidades de significado.

Um número razoável de estudantes afirmou ter lido autores acadêmicos considerados clássicos das ciências sociais antes do ingresso, como Weber (43,1%) e Maquiavel (45,1%), o que me gerou a indagação sobre que tipo de leitura podem ter feito e como eu poderia ser mais específica nessa pergunta. Será que os alunos que afirmaram terem lido esses pensadores tiveram acesso a trechos de textos ou realmente leram obras completas? Ou ainda, consideraram que os leram apenas por terem assistido aulas ou vídeos sobre conceitos mobilizados por esses autores antes do ingresso na universidade? Me questiono porque eu mesma e vários dos meus colegas antes da entrada no ensino superior nunca tínhamos lido a maior parte do que é indicado na bibliografia estudada no curso, principalmente pensando em referências consagradas e tidas como clássicas das ciências sociais.

Outro exemplo que pode ter dado margem a diferentes interpretações é o caso da alternativa “possibilidade de impactar/transformar a realidade”, respondida por 43,1% dos estudantes, na questão que tratava da principal motivação pela escolha do curso de Ciências Sociais. As palavras “impacto”, “transformação” e “realidade” podem fazer referência a noções e definições distintas, podendo para alguns ter um sentido de afetação mais localizada por meio do desempenho de um bom trabalho e para outros ter um sentido mais amplo, pensando em reformas sociais ou até mesmo em uma revolução. Talvez valha a pena cogitar algum descritivo para esses termos bastante abrangentes no questionário ou ainda disponibilizar um espaço para que os alunos escrevam o que entendem por impacto/transformação da realidade.

Em termos de renda familiar, como demonstrado, existiu uma pequena divergência entre as faixas selecionadas no meu questionário e na Comvest; porém, para além disso, notei também que no período integral uma porcentagem bem maior de alunos (42%) respondeu estar na segunda faixa de renda mais baixa, de 1 a 3 salários mínimos, quase o dobro do percentual na Comvest (22,8%). Isso tanto pode ser porque os estudantes com essa renda familiar se interessaram mais em participar da minha pesquisa, quanto porque os

respondentes afirmaram ter uma renda diferente da que afirmaram para a Comvest. Caso a segunda opção tenha ocorrido, não temos como saber com certeza se ocorreu uma mudança no rendimento familiar ou simplesmente os alunos decidiram responder de modo diferente.

Acerca do capítulo 3, em que apresento os cruzamentos de dados realizados, ainda falta bastante para ser desenvolvido em análise e argumentação, pois foi a parte da pesquisa que tive menos tempo para me debruçar e refletir sobre os achados, apesar de ser também, em minha percepção, a mais interessante deste trabalho. A partir da construção de um espaço social com os sujeitos da pesquisa que leva em consideração aspectos socioeconômicos, temos algumas diferenciações entre os interesses e os acessos que os ingressantes possuem sobre as ciências sociais.

Alunos detentores de maior capital econômico e cultural tiveram tendência a apresentarem as disciplinas escolares, os professores e a família como os principais meios de contato com as ciências sociais e como os principais motivadores pelo curso e pela UNICAMP. São eles também que apresentaram maior disposição para o interesse em trabalhar com pesquisa em empresas privadas, docência em universidades públicas, carreira política como candidatos e atuação profissional em outra área fora das ciências sociais. Sobre os campos em que as ciências sociais se dividem, esses respondentes estão mais ligados ao interesse pela ciência política, mas também na nuvem aparece próximo deles o ponto que indica a resposta de não saber ou não ter predileção por nenhuma das áreas.

Alunos com menor capital econômico e cultural ficaram mais perto dos pontos referentes às redes sociais e livros como principais meios de contato com as ciências sociais, além da primeira motivação pelo curso ser tendencialmente a possibilidade de impactar/transformar a realidade, a influência de referências próximas ou não e a afinidade com o currículo da graduação. Sobre as motivações pela UNICAMP, esse grupo está mais perto dos pontos de prestígio social da universidade, estrutura material e gratuidade dos cursos. Em relação à atuação profissional, esses respondentes estão mais próximos dos pontos que indicam assessoria para políticas públicas, docência no ensino médio, movimento social e pesquisa acadêmica. Na nuvem, do lado em que se localizam os indivíduos com menor capital cultural e econômico também estão os pontos das áreas sociologia e antropologia.

Considerando as informações coletadas e algumas das reflexões que consegui indicar até o momento, esta pesquisa se insere em um contexto de estudos bastante abrangentes sobre a formação e atuação dos cientistas sociais, pensando tanto no aspecto educacional quanto profissional. A motivação do meu trabalho partiu de indagações pessoais e coletivas que foram sendo construídas ao longo da minha trajetória acadêmica em diálogo com colegas e

professores interessados em pensar sobre o que significa estudar e trabalhar no campo das ciências sociais. Desse modo, tenho tentado contribuir com algumas respostas e várias perguntas sobre quem são e o que imaginam os estudantes desse curso na Universidade Estadual de Campinas, focando nessa primeira investigação aqueles que ingressaram na graduação em 2023. Pretendo ainda destrinchar as descobertas em outras produções e dar continuidade à investigação sobre as percepções e expectativas dos discentes desta área, acompanhando agora como a universidade afeta esses imaginários.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES FILHO, Manuel. Em decisão histórica, UNICAMP aprova cotas étnico-raciais e Vestibular Indígena. *UNICAMP*. Campinas, 21 de novembro de 2017. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2017/11/22/em-decisao-historica-unicamp-aprova-cotas-etnico-raciais-e-vestibular>. Acesso em: 2 dez. 2022.
- ANDRADE, Rodrigo. Ciência à míngua: Sucessivos cortes no orçamento fragilizam a capacidade de financiamento à pesquisa no Brasil. *Revista Pesquisa Fapesp*, Edição 304, jun. 2021. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/ciencia-a-mingua/>. Acesso em: 25 jan. 2024.
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUANDOS (ANPG). 18 M – 7 anos sem reajuste, não dá! Recomposição e reajuste das bolsas já! *Associação Nacional de Pós-Graduandos*. Notícias. 20 fev. 2020. Disponível em: <http://www.anpg.org.br/20/02/2020/18-m-7-anos-sem-reajuste-nao-da-recomposicao-e-reajuste-das-bolsas-ja/>. Acesso em: 10 set. 2023.
- _____. Mobilização pelo reajuste das bolsas ganha as redes e pressiona agências. *Associação Nacional de Pós-Graduandos*. Notícias. 14 fev. 2022. Disponível em: <https://www.anpg.org.br/14/02/2022/mobilizacao-pelo-reajuste-das-bolsas-ganha-as-redes-e-pressiona-agencias/>. Acesso em 14 fev. 2023.
- BALTAR, Ronaldo. SIQUEIRA BALTAR, Claudia. A Sociologia como profissão. *Revista Brasileira de Sociologia*, v. 5, n. 10, maio/ago., 2017.
- BARONE, Isabelle. Caso Decotelli, a corrida por títulos e o Brasil que forma doutores para o desemprego. *Gazeta do Povo*. Brasília, 06 jul. 2020. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/caso-decotelli-corrída-titulos-desemprego-doutores-brasil/>. Acesso em: 22 dez. 2023.
- BARROS, Alerrandre. Em pesquisa inédita do IBGE, 2,9 milhões de adultos se declararam homossexuais ou bissexuais em 2019. *Agência de Notícias*. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/33785-em-pesquisa-inedita-do-ibge-2-9-milhoes-de-adultos-se-declararam-homossexuais-ou-bissexuais-em-2019>. Acesso em: 03 fev. 2024.
- BERTONCELO, Edison. *Construindo espaços relacionais com a análise de correspondências múltiplas: aplicações nas ciências sociais*. Brasília: Enap, 2022.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- _____. *Homo academicus*. 2ª edição, 2ª reimpressão. Editora UFSC. 2019.
- _____. *Sociologia geral: lutas de classificação*. Curso no Collège de France (1981-1982). Petrópolis: Vozes, 2020.
- _____. *Sociologia geral Vol. 2: habitus e campo*. Curso no Collège de France (1982-1983). Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.
- _____. *Sociologia geral Vol. 3: as formas do capital*. Curso no Collège de France (1983-1984). São Paulo: Vozes, 2023.

BRASIL. *Classificação Brasileira de Ocupações: CBO*. Livro 1. Ministério do Trabalho e Emprego. 3a ed. Brasília: MTE, SPPE, 2010.

_____. *Lei nº 9.394/1996*. Estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Brasília: DF, 20 dez. 1996.

_____. *Lei nº 10.172/2001*. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. Brasília: DF, 09 jan. 2001.

_____. *Lei nº 11.684/2008*. Inclui a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio. Brasília: DF, 02 jun. 2008.

_____. *Lei 12.711/2012*. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília: DF, 29 ago. 2012.

_____. *Lei nº 13.005/2014*. Aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. Brasília: DF, 25 jun. 2014.

_____. *Lei nº 13.415/2017*. Institui a reforma do ensino médio. Modifica a LDB, o FUNDEB, e institui a educação de tempo integral. Brasília: DF, 16 fev. 2017.

_____. Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações. Portaria n. 1.122, de 19 de março de 2020. *Diário Oficial da União*. Brasília, 24 mar. 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-1.122-de-19-de-marco-de-2020-249437397>. Acesso em: 01 dez. 2023.

_____. Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações. Portaria n. 1.329, de 27 de março de 2020. *Diário Oficial da União*. Brasília, 30 mar. 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-1.329-de-27-de-marco-de-2020-250263672>. Acesso em: 01 set. 2023.

_____. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

_____. Governo Federal. Ministério da Educação. *Novo Ensino Médio*. Perguntas e Respostas. Brasília, 18 jun. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/novo-ensino-medio/perguntas-e-respostas>. Acesso em 12 fev. 2022.

_____. Governo Federal anuncia reajuste de bolsas do CNPq e da CAPES. *Ciência e Tecnologia*. Notícias. Brasília, 16 fev. 2023. Disponível em <https://www.gov.br/cnpq/pt-br/assuntos/noticias/cnpq-em-acao/governo-federal-anuncia-reajuste-de-bolsas-do-cnpq-e-da-capes>. Acesso em: 01 dez. 2023.

BROCH, Caroline. BRESCHILIARE, Fabiane Castilho Teixeira. BARBOSA-RINALDI, Ieda Parra. A expansão da educação superior no Brasil: notas sobre os desafios do trabalho docente. *Avaliação*, Campinas; Sorocaba, SP, v. 25, n. 2, p. 257-274, jul. 2020.

CANDIDO, Antonio. A sociologia no Brasil. *Tempo Social*, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 271-301, 2006.

CAMPOS, Fábio Guimarães. *O lugar da Sociologia no Novo Ensino Médio: os impactos da BNCC para o ensino, currículo e integração curricular*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Vale do São Francisco, Juazeiro, 2020.

CHAGURI, Mariana. et. al. *Futures of work in Social Sciences: research report*. SciELO Preprints, 2023. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/6128>. Acesso em: 30 jun. 2023.

COC FIOCRUZ. “A sociedade ainda não descobriu os cientistas sociais”, diz Werneck Vianna no Encontro às Quintas. *Casa de Oswaldo Cruz*, 30 abr. 2013. Disponível em: <https://www.coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/512-a-sociedade-ainda-nao-descobriu-os-cientistas-sociais-diz-werneck-vianna-no-encontro-as-quintas>.

COLL, Liana. Ranking THE mantém UNICAMP como a segunda melhor universidade do Brasil. *UNICAMP*. Notícias. 13 out. 2022. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2022/10/13/ranking-mantem-unicamp-como-segunda-melhor-universidade-do-brasil>. Acesso em: 30 set. 2023.

COMISSÃO PERMANENTE PARA OS VESTIBULARES DA UNICAMP (COMVEST). *Estatísticas*. Disponível em: <https://www.comvest.unicamp.br/estatisticas-comvest/>. Acesso em: 15 ago. 2023.

CRAVO, Gustavo. MEDINA, Fabio. Reflexões sobre o mercado de trabalho para cientistas sociais e pressões por mudanças curriculares. *Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais*, v. 1, n. 1, p. 92-108, jan./jun. 2017.

CUNHA, Carolina. Por que cai o interesse nos cursos de ciências sociais e filosofia? Educação. *UOL*. Educação. Notícias. 17 dez. 2019. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2019/12/17/por-que-cai-o-interesse-nos-cursos-de-ciencias-sociais-e-filosofia.htm>. Acesso em: 14 abr. 2024.

CUNHA, Luiz Antônio. A educação na Sociologia: um objeto rejeitado?. *Cadernos Cedes*. São Paulo: Papyrus, 27, p. 9-22, 1992.

D’ALÉCIO, Gabrielle Cotrim. *Análise dos desenhos curriculares de cursos superiores de formação de professores em Ciências Sociais*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martin Claret, 2001.

FERRASOLI, Dante. Demanda por cursos de filosofia e ciências sociais despensa no país. RUF 2019. Ranking Universitário Folha. *Folha de S. Paulo*. Disponível em: <https://ruf.folha.uol.com.br/2019/noticias/demanda-por-cursos-de-filosofia-e-ciencias-sociais-despenca-no-pais.shtml>. Acesso em: 26 jul. 2023.

FERRETI, Celso João. SILVA, Monica Ribeiro. Reforma do Ensino Médio no contexto da Medida Provisória nº 746/2016: Estado, currículo e disputas por hegemonia. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 38, nº. 139, p.385-404, abr.-jun., 2017.

FIORELLI SILVA, Ileizi. ALVES NETO, Henrique. O processo de elaboração da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no Brasil e a Sociologia (2014 a 2018). *Revista Espaço do Currículo*, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 262–283, 2020.

FONTE, Eliane Maria Monteiro. *Perfil social, aspirações e motivações profissionais de estudantes de graduação em Ciências Sociais da UFPE*. Curitiba: Editora CRV, 2021.

FREITAS, Luiz Carlos. Os reformadores empresariais da educação: da desmoralização do magistério à destruição do sistema público de educação. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 33, n. 119, p. 379-404, abr.-jun. 2012

G1. Bolsonaro diz que MEC estuda 'descentralizar' investimento em cursos de filosofia e sociologia. *Portal G1*. 26 abr. 2019. Educação. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/04/26/bolsonaro-diz-que-mec-estuda-descentralizar-investimento-em-cursos-de-filosofia-e-sociologia.ghtml>. Acesso em: 03 set. 2021.

GARCIA, Mariana. UNICAMP fica entre as 200 melhores universidades do mundo em ranking da consultoria britânica QS. *UNICAMP*. Notícias. 22 mar. 2023. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2023/03/22/unicamp-fica-entre-200-melhores-universidades-do-mundo-em-ranking-da>.

GIDDENS, Anthony. O que é sociologia? In: GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. 6. ed. Porto Alegre: Penso, 2012.

HERNANDES, Paulo Romualdo. A reforma do Ensino Médio e a produção de desigualdades na educação escolar. *Educação*, [S. l.], v. 44, p. e58/ 1–19, 2019.

HORN, Geraldo Balduino; MACHADO, Alexsander. A reforma do ensino médio no discurso neoliberal da liberdade e da qualidade da educação. *Jornal de Políticas Educacionais*. V. 12, n. 24., nov. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). *Sinopse Estatística da Educação Superior 2021*. Brasília: Inep, 2022. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/basica-censo-escolar-sinopse-sinopse>. Acesso em: 13 jun. 2023.

_____. Relatório Síntese de Área Ciências Sociais (Bacharelado/Licenciatura). Sinaes. *ENADE 2017*. Brasília: Inep, 2017.

LIMA, Mariana Martinelli de Barros. *A experiência dos não-herdeiros: relações entre herança simbólica e a cultura acadêmica*. 2020. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1640157>. Acesso em: 12 jan. 2024.

LOPES, Ricardo Cortez. Quem ensina Sociologia no YouTube? Uma análise quantitativa do perfil dos edutubers. *Teoria e Prática da Educação*, v. 24, n. 2, p. 105-121, 27 ago. 2021.

MACIEL, Carina Elisabeth. et al. A produção científica sobre permanência e evasão na educação superior no Brasil. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 45, e198669, 2019.

MAIA, Heribaldo. *Neoliberalismo e sofrimento psíquico: o mal-estar nas universidades*. Recife: Ruptura, 2022.

MARÉS, Chico. Principal alvo de Weintraub, ciências sociais e humanas recebem um quarto das bolsas de pesquisas do país. *UOL*. Lupa. São Paulo, 17 mai. 2019. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2019/05/17/dados-universidades-pesquisa/>. Acesso em 12 set. 2022.

MARPICA, Natália. *Entre a obrigatoriedade e as reformas curriculares: professores e professoras de sociologia do ensino médio paulista*. Tese de Doutorado. USP, São Paulo, 2018.

MATEUS, Felipe. Excelência em pesquisa e ensino faz da UNICAMP a terceira melhor universidade da América Latina. *UNICAMP*. Atualidades. 4 jul. 2023. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2023/07/04/excelencia-em-pesquisa-e-ensino-faz-da-unicamp-terceira-melhor-universidade-da>

MICELI, Sérgio. Condicionantes do desenvolvimento das Ciências Sociais. *História da Ciências Sociais no Brasil*. Tradução. São Paulo: Editora Sumaré, 2001. Disponível em: https://biblio.fflch.usp.br/Miceli_S_27_1265110_CondicionantesDoDesenvolvimentoDasCienciasSociais.pdf. Acesso em: 19 jun. 2023.

MIGLIEVICH, Adelia. A Sociologia quando sai da Universidade: ilustrações para um debate. *Cadernos CERU*, 10, 173-186, 1999.

MORAES, Amaury Cesar. Curso de Ciências Sociais: currículo, mercado e formação docente. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 35, n. 1, p. 17-32, jan./mar. 2017.

_____. Curso de Ciências Sociais: currículo, mercado de trabalho e formação docente. *Perspectiva*, [S. l.], v. 35, n. 1, p. 17-32, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2017v35n1p17>. Acesso em: 29 ago. 2023.

O GLOBO. Após reforma do ensino médio, alunos têm aulas de 'O que rola por aí', 'RPG' e 'Brigadeiro caseiro'. *O Globo*, Brasil, 13 fev. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2023/02/aula-de-rpg-ou-de-cuidados-com-o-pet-professores-e-pais-criticam-disciplinas-inusitadas-do-novo-ensino-medio.ghtml>. Acesso em 28 jun. 2023.

OLIVEIRA, Amurabi. Revisitando a história do ensino de Sociologia na Educação Básica. *Acta Scientiarum. Education*, Maringá, v. 35, n. 2, p. 179-189, 15 jul., 2013.

_____. A história, a formação e o ensino das Ciências Sociais como tema de pesquisa. *Política & Sociedade*. Florianópolis, vol. 18, n. 41, jan./abr. 2019.

ORTIZ, Renato. Notas sobre as ciências sociais brasileiras. *Novos Estudos*, , 1990.

PACÍFICO, Fernando. UNICAMP registra 61 mil inscritos no vestibular 2023 e menor índice de candidatos da rede pública em 6 anos; veja cursos mais concorridos. *G1*. Campinas e Região, 23 set. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/educacao/noticia/2022/09/23/unicamp-registra-61-mil-inscritos-no-vestibular-2023-e-menor-indice-de-candidatos-da-rede-publica-em-6-anos-veja-cursos-mais-concorridos.ghtml>. Acesso em 20 jun. 2023.

PRATES, Antonio Augusto Pereira. BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira. A expansão e as possibilidades de democratização do Ensino Superior no Brasil. *Caderno CRH*, Salvador, v. 28, n. 74, p. 327-339, maio/ago. 2015.

- RIANI, Juliana de Lucena Ruas. GOLGHER, André Braz. Indicadores educacionais confeccionados a partir da base de dados do IBGE. In: RIOS NETO, E. L. G.; RIANI, J. L. R. (Org.). *Introdução à demografia da educação*. Campinas: Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 2004. p. 87-129.
- ROCHA, Camila. Direitas em rede: think tanks de direita na América Latina. In: CRUZ, S. KAYSEL, A. CODAS, G. (org.). *Direita, Volver!* São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015.
- ROCHA, Everardo; FRID, Marina (orgs.). *Os antropólogos: de Edward Tylor a Pierre Clastres*. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Vozes, 2015.
- TELLES, Sarah Silva; OLIVEIRA, Solange Luçan de (orgs.). *Os sociólogos: de Auguste Comte a Gilles Lipovetsky*. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Ed. PUC, 2018.
- RODRIGUES, Eduardo. RODRIGUES, Lorena. Contratação por concurso é a menor em 10 anos; governo usa temporários. *Estadão*. Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,contratacao-por-concurso-e-a-menor-em-10-a-nos-governo-usa-temporarios,70003543621#cap-70003543621>. Acesso em 15 mai. 2023.
- RODRIGUES, Lidiane Soares. Uma revolução conservadora dos intelectuais (Brasil/2002-2016). *Política & Sociedade*. Florianópolis, vol. 17, n. 39, mai./ago. 2018.
- SANGION, Juliana. Vestibular UNICAMP bate recorde de inscritos. Notícias. *UNICAMP*, Campinas, 12 set. 2017. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2017/09/12/vestibular-unicamp-bate-recorde-de-inscritos>. Acesso em: 12 jan. 2024.
- _____. Vestibular UNICAMP 2022 tem 63 mil inscritos. Atualidades. Imprensa Comvest. UNICAMP, Campinas, 29 set. 2021. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2021/09/28/vestibular-unicamp-2022-tem-63-mil-inscritos>. Acesso em: 8 jan. 2022.
- SANTIAGO, Henrique. Desemprego: ‘uma empresa me recusou porque tenho doutorado’. *UOL*. São Paulo, 12 set. 2022. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2022/09/12/desempregados-curriculo-qualificad-o-mestrado-doutorado.htm>
- SANTOS, Isolda Santiago. RABELO, Thaís. Formação e trabalho nas Ciências Sociais: análise e reflexões sobre as perspectivas e experiências acadêmicas compartilhadas. In: *Encontro Anual da ANPOCS*, n. XLVI, 2022.
- SAVIANI, Dermeval. Florestan Fernandes e a Educação. *Estudos Avançados*, v.10, nº 26, São Paulo, jan./abr. 1996.
- SCHWARTZMAN, Simon. As ciências sociais nos anos 90. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, ANPOCS, n. 16, jul. 1991.
- _____. Os Estudantes de Ciências Sociais, NUPES /USP, Projeto sobre a Trajetória Profissional dos Alunos da USP, documento AP5/62, 21 pp, 1992.
- SEGATTO, José; BARIANI, Edison. As ciências sociais no Brasil: trajetória, história e institucionalização. *Revista Em Pauta*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 25, p. 201-213, 2010.

SGUISSARDI, Valdemar. SILVA JÚNIOR, João dos Reis. *Trabalho intensificado nas federais: pós-graduação e produtivismo acadêmico*. Uberlândia, MG: Navegando Publicações, 2018.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP). *Projeto Pedagógico dos Cursos de Graduação em Ciências Sociais Integral (16) e Noturno (44) do IFCH/UNICAMP*. Campinas: Coordenadoria de Graduação, 2015.

VIANNA, Luiz Werneck. CARVALHO, Maria Alice. MELO, Manuel Palacios. *Cientistas Sociais e Vida Pública: Estudantes de Graduação em Ciências Sociais. Dados*, vol. 37, n. 3, Rio de Janeiro, 1994.

WANDERMUREM, Isadora. Influencer negro aparece em banco de fotos de reconhecimento da polícia. *Terra*. Nós. 21 dez. 2022. Disponível em: <https://www.terra.com.br/nos/influencer-negro-aparece-em-banco-de-fotos-de-reconhecimento-da-policia,e5dc929ebef30c84d30211f76d09deaf10e6b5i0.html>. Acesso em: 17 mai. 2023.

WEBER, Max. *Metodologia das ciências sociais*. São Paulo: Cortez Editora, 1973.

APÊNDICES

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO APLICADO AOS INGRESSANTES DE 2023 DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UNICAMP

Bloco 1: Conhecimento prévio acerca da universidade e curso

1. Em reuniões familiares e no ambiente doméstico, era comum que se conversasse sobre a **vida escolar**?

Alternativas: Sim; Não.

2. Em reuniões familiares e no ambiente doméstico, era comum que se conversasse sobre a **escolha profissional**?

Alternativas: Sim; Não.

3. Em reuniões familiares e no ambiente doméstico, era comum que se conversasse sobre **universidade**?

Alternativas: Sim; Não.

4. Quando você estava no ensino médio, seu núcleo familiar tinha expectativa que você ingressasse no Ensino Superior?

Alternativas: Sim; Não.

5. Em caso de resposta afirmativa para a questão anterior, a expectativa era para qual tipo de universidade?

Alternativas: Privada, Pública, Tanto faz.

6. Alguém de seu convívio pessoal **estudou Ciências Sociais no Ensino Superior**?

Alternativas: Sim; Não.

7. Em caso de resposta afirmativa para a questão anterior, quem é(são) essa(s) pessoa(s)?
Especifique.

Pergunta aberta.

8. Dos itens a seguir, selecione o meio pelo qual você teve **maior contato** com as temáticas das Ciências Sociais.

Alternativas: Disciplinas escolares; Diálogos com familiares; Diálogos com amigos(as); Redes sociais; Livros; Filmes e séries.

9. Dos itens a seguir, selecione o **segundo meio** pelo qual você teve **maior contato** com as temáticas das Ciências Sociais

Alternativas: Disciplinas escolares; Diálogos com familiares; Diálogos com amigos(as); Redes sociais; Livros; Filmes e séries.

10. Você teve aulas de Sociologia no ensino médio?

Alternativas: Sim, durante os 3 anos; Apenas em parte do ensino médio; Apenas como conteúdo transversal (abordado em outras disciplinas); Não.

11. Sobre os/as seguintes autores/as, **antes de ingressar na universidade**, você:

Lista de autores: Achille Mbembe, Claude Lévi-Strauss, Bronislaw Malinowski, Angela Davis, Nicolau Maquiavel, Robert Dahl, Silvio Almeida, Karl Marx, Max Weber, Djamila Ribeiro.

Alternativas para cada autor: Já tinha lido; Não tinha lido, mas já tinha ouvido falar; Não conhecia.

12. **Antes de ingressar no curso de Ciências Sociais**, indique sua relação com os/as seguintes produtores/as de conteúdo:

Lista de produtores: Tese Onze (Sabrina Fernandes); Jones Manoel; Chavoso da USP (Thiago Torres); Café com Sociologia (Cristiano Bodart e Roniel Sampaio-Silva).

Alternativas para cada produtor: Conhecia e acompanhava; Conhecia, mas não acompanhava; Não conhecia.

13. Para além dos(as) autores(as) e produtores(as) de conteúdo mencionados anteriormente, cite outra **referência das Ciências Sociais que você teve antes do ingresso no curso**, se houver.

Pergunta aberta.

Bloco 2: Trajetória formativa, rotina e perspectivas

14. Como foi sua preparação para o ingresso na UNICAMP?

Alternativas: Escola com foco pré-vestibular; Cursinho preparatório pré-vestibular privado; Cursinho preparatório pré-vestibular popular; Estudou por conta própria.

15. No vestibular da UNICAMP, Ciências Sociais foi sua primeira opção?

Alternativas: Sim; Não.

16. Em caso de resposta negativa para a questão anterior, qual era sua primeira opção?

Pergunta aberta.

17. Em qual período do curso você está matriculado(a)?

Alternativas: Integral; Noturno.

18. Dentre os itens a seguir, responda qual deles foi **o mais relevante** para a sua escolha de realizar o curso de Ciências Sociais:

Alternativas: Interesse por disciplinas de Humanidades no Ensino Médio; Afinidade com as disciplinas do currículo da graduação; Possibilidade de conseguir um bom emprego; Prestígio social do curso; Influência por referências (próximas ou não) que atuam na área; Indicação por teste vocacional; Nível de concorrência do curso no vestibular; Possibilidade de impactar/transformar a realidade.

19. Dentre os itens a seguir, responda qual deles foi **o segundo mais relevante** para a sua escolha de realizar o curso de Ciências Sociais:

Alternativas: Interesse por disciplinas de Humanidades no Ensino Médio; Afinidade com as disciplinas do currículo da graduação; Possibilidade de conseguir um bom emprego; Prestígio social do curso; Influência por referências (próximas ou não) que atuam na área; Indicação por teste vocacional; Nível de concorrência do curso no vestibular; Possibilidade de impactar/transformar a realidade.

20. Dentre os itens a seguir, responda qual deles foi **o menos relevante** para a sua escolha de realizar o curso de Ciências Sociais:

Alternativas: Interesse por disciplinas de Humanidades no Ensino Médio; Afinidade com as disciplinas do currículo da graduação; Possibilidade de conseguir um bom emprego; Prestígio social do curso; Influência por referências (próximas ou não) que atuam na área; Indicação por teste vocacional; Nível de concorrência do curso no vestibular; Possibilidade de impactar/transformar a realidade.

21. Dentre os itens a seguir, responda qual deles foi **o mais relevante** para a sua escolha de realizar o curso de Ciências Sociais **na Universidade Estadual de Campinas**:

Alternativas: Prestígio social da universidade; Influência de familiares e amigos(as); Influência de professores(as); Localização do campus; Gratuidade dos cursos; Estrutura material da universidade.

22. Dentre os itens a seguir, responda qual deles foi **o segundo mais relevante** para a sua escolha de realizar o curso de Ciências Sociais **na Universidade Estadual de Campinas:**

Alternativas: Prestígio social da universidade; Influência de familiares e amigos(as); Influência de professores(as); Localização do campus; Gratuidade dos cursos; Estrutura material da universidade.

23. Dentre os itens a seguir, responda qual deles foi **o menos relevante** para a sua escolha de realizar o curso de Ciências Sociais **na Universidade Estadual de Campinas:**

Alternativas: Prestígio social da universidade; Influência de familiares e amigos(as); Influência de professores(as); Localização do campus; Gratuidade dos cursos; Estrutura material da universidade.

24. Você tem a intenção de se formar com mais de uma ênfase no curso?

Alternativas: Sim, em mais de uma ênfase de bacharelado; Sim, no bacharelado (Geral ou Sociologia ou Antropologia ou Política) e na licenciatura; Não, apenas em uma modalidade (bacharelado OU licenciatura); Não sei.

25. Dentre as áreas em que se dividem as Ciências Sociais e que estão presentes na UNICAMP, por qual você tem maior interesse?

Alternativas: Ciência Política; Antropologia; Sociologia; Demografia; Não sabe / Não possui predileção por nenhuma das áreas.

26. Dentre as áreas a seguir, indique a de **maior interesse** para atuar profissionalmente:

Alternativas: Pesquisa acadêmica; Pesquisa de mercado/empresas privadas; Produção de conteúdo sobre Ciências Sociais para redes sociais e/ou portais online; Produção de conteúdo editorial sobre Ciências Sociais; Ensino básico como docente no ensino médio; Assessoria para políticas públicas; Ensino superior como docente em universidade privada; Ensino superior como docente em universidade pública; Palestras e apresentações; Carreira política (como candidato/a); ONGs; Movimento social; Entidades culturais; Outra área fora das Ciências Sociais.

27. Dentre as áreas a seguir, indique a de **segundo maior interesse** para atuar profissionalmente:

Alternativas: Pesquisa acadêmica; Pesquisa de mercado/empresas privadas; Produção de conteúdo sobre Ciências Sociais para redes sociais e/ou portais online; Produção de conteúdo editorial sobre Ciências Sociais; Ensino básico como docente no ensino médio;

Assessoria para políticas públicas; Ensino superior como docente em universidade privada; Ensino superior como docente em universidade pública; Palestras e apresentações; Carreira política (como candidato/a); ONGs; Movimento social; Entidades culturais; Outra área fora das Ciências Sociais.

28. Dentre as áreas a seguir, indique a de **menor interesse** para atuar profissionalmente:

Alternativas: Pesquisa acadêmica; Pesquisa de mercado/empresas privadas; Produção de conteúdo sobre Ciências Sociais para redes sociais e/ou portais online; Produção de conteúdo editorial sobre Ciências Sociais; Ensino básico como docente no ensino médio; Assessoria para políticas públicas; Ensino superior como docente em universidade privada; Ensino superior como docente em universidade pública; Palestras e apresentações; Carreira política (como candidato/a); ONGs; Movimento social; Entidades culturais; Outra área fora das Ciências Sociais.

29. Sobre as questões anteriores, existe alguma **outra possibilidade profissional dentro das Ciências Sociais** não citada em que você considera atuar?

Pergunta aberta.

Bloco 3:

3.1 Características sociais

30. Qual a sua idade?

Pergunta aberta.

31. Qual sua identidade de gênero?

Alternativas: Mulher cisgênero; Mulher transgênero; Homem cisgênero; Homem transgênero; Não binário; Prefiro não responder; Não sei responder.

32. Qual sua orientação sexual?

Alternativas: Heterossexual; Homossexual; Bissexual; Prefiro não responder; Outra.

33. Cor/raça (segundo a classificação do IBGE)

Alternativas: Preta; Parda; Amarela; Indígena; Branca.

34. Qual o tipo de moradia da família?

Alternativas: Imóvel próprio; Imóvel alugado; Imóvel cedido; Outro.

35. Quantos banheiros há em seu domicílio de uso exclusivo seu e de seus familiares?

Alternativas: 1; 2; 3; 4; Mais de 4.

36. Quantas pessoas, incluindo você, residem em seu domicílio (familiar)?

Alternativas: 1; 2; 3; 4 ou mais.

37. Em qual cidade morava antes de ingressar na UNICAMP?

Pergunta aberta.

38. Precisou mudar de cidade para ingressar na UNICAMP?

Alternativas: Sim; Não.

39. Qual o tipo **atual** de moradia?

Alternativas: República; Moradia estudantil; Kitnet/apartamento; Casa da família; Casa (não república, nem com a família).

40. Qual o meio de transporte **mais utilizado** para o deslocamento da casa atual até a UNICAMP?

Alternativas: Carro próprio; Ônibus; Ônibus estudantil; A pé; Bicicleta; Carro por aplicativo ou táxi; Carona; Outro.

3.2 Escolaridade

41. Você cursou a maior parte do **ensino fundamental** em:

Alternativas: Escola pública; Escola privada; Escola técnica pública; Escola técnica privada.

42. Você cursou a maior parte do **ensino médio** em:

Alternativas: Escola pública; Escola privada; Escola técnica pública; Escola técnica privada.

43. Exerceu atividade remunerada antes de ingressar na UNICAMP?

Alternativas: Sim, como trabalhador(a) formal; Sim, como trabalhador(a) informal; Não.

44. Caso a resposta anterior seja afirmativa, especifique o cargo que exerceu.

Pergunta aberta.

45. Você realizou cursos fora da escola antes de entrar na universidade?

Alternativas: Sim, durante a maior parte da infância e/ou adolescência; Sim, por algum período da infância e/ou adolescência; Não, nunca realizou cursos extracurriculares.

46. No caso da resposta anterior ter sido afirmativa, especifique o(s) curso(s) realizado(s). Cite todos os que lembrar.

Pergunta aberta.

47. Você fala uma segunda língua?

Alternativas: Sim; Não.

48. Caso a resposta anterior tenha sido afirmativa, qual idioma? (Selecione todos que se aplicarem)

Alternativas: Inglês; Espanhol; Alemão; Francês; Mandarim.

3.3 Origem Familiar: Responda as questões a seguir com base na(s) pessoa(s) com a(s) qual(is) morou a maior parte do tempo.

49. Pessoa 1

Alternativas: Mãe; Pai; Avó; Avô; Madrasta; Padrasto; Tia; Tio; Outra.

50. Qual a idade da Pessoa 1?

Pergunta aberta.

51. Qual o grau de escolarização da Pessoa 1?

Alternativas: Sem instrução; Alfabetização de adultos; Fundamental - primário incompleto (até 5ª série / 6º ano); Fundamental - primário completo (até 5ª série / 6º ano); Fundamental - ginásio incompleto / 1º grau incompleto (até 8ª série / 9º ano); Fundamental - ginásio incompleto / 1º grau completo (até 8ª série / 9º ano); Supletivo - (ensino fundamental ou 1º grau); Médio - colegial incompleto / 2º grau incompleto; Médio - colegial incompleto / 2º grau completo; Médio - técnico incompleto; Médio - técnico completo; Supletivo - (ensino médio ou 2º grau); Superior incompleto; Superior completo; Tecnólogo incompleto (nível superior incompleto); Tecnólogo completo (nível superior completo); Pós graduação / mestrado / doutorado; Não sei.

52. Qual o tipo de instituição em que a Pessoa 1 cursou a maior parte do **ensino básico**?

Alternativas: Escola pública; Escola privada; Outra.

53. No caso da Pessoa 1 ter cursado o **ensino superior**, citar o(s) nome(s) da(s) instituição(ões) e curso realizado.

Pergunta aberta.

54. Qual a ocupação da Pessoa 1?

Alternativas: Trabalha de forma remunerada; Trabalha de forma não remunerada; Está desempregado(a); Dono(a) de casa; Aposentado(a) ou pensionista.

55. Caso trabalhe, no **trabalho principal** (aquele que gera mais rendimentos e/ou demanda mais horas de dedicação) a Pessoa 1 é:

Alternativas: Empregada do setor público; Empregada do setor privado com carteira assinada; Empregada do setor privado sem carteira assinada; Autônoma; Empregadora.

56. Pessoa 2

Alternativas: Mãe; Pai; Avó; Avô; Madrasta; Padrasto; Tia; Tio; Outra.

57. Qual a idade da Pessoa 2?

Pergunta aberta.

58. Qual o grau de escolarização da Pessoa 2?

Alternativas: Sem instrução; Alfabetização de adultos; Fundamental - primário incompleto (até 5ª série / 6º ano); Fundamental - primário completo (até 5ª série / 6º ano); Fundamental - ginásio incompleto / 1º grau incompleto (até 8ª série / 9º ano); Fundamental - ginásio incompleto / 1º grau completo (até 8ª série / 9º ano); Supletivo - (ensino fundamental ou 1º grau); Médio - colegial incompleto / 2º grau incompleto; Médio - colegial incompleto / 2º grau completo; Médio - técnico incompleto; Médio - técnico completo; Supletivo - (ensino médio ou 2º grau); Superior incompleto; Superior completo; Tecnólogo incompleto (nível superior incompleto); Tecnólogo completo (nível superior completo); Pós graduação / mestrado / doutorado; Não sei.

59. Qual o tipo de instituição em que a Pessoa 2 cursou a maior parte do **ensino básico**?

Alternativas: Escola pública; Escola privada; Outra.

60. No caso da Pessoa 2 ter cursado o **ensino superior**, citar o(s) nome(s) da(s) instituição(ões) e curso realizado.

Pergunta aberta.

61. Qual a ocupação da Pessoa 2?

Alternativas: Trabalha de forma remunerada; Trabalha de forma não remunerada; Está desempregado(a); Dono(a) de casa; Aposentado(a) ou pensionista.

62. Caso trabalhe, no **trabalho principal** (aquele que gera mais rendimentos e/ou demanda mais horas de dedicação) a Pessoa 2 é:

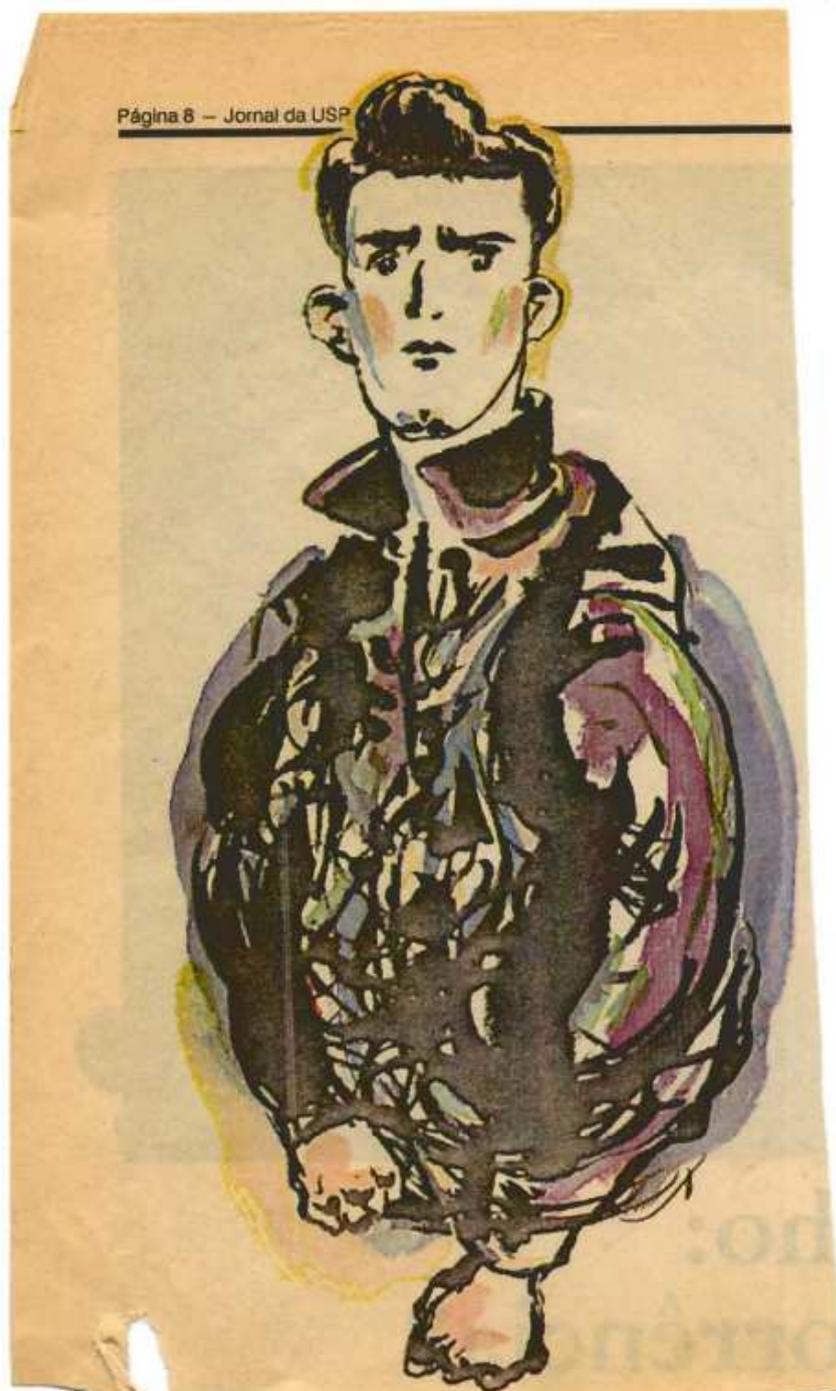
Alternativas: Empregada do setor público; Empregada do setor privado com carteira assinada; Empregada do setor privado sem carteira assinada; Autônoma; Empregadora.

63. Qual a faixa de sua renda familiar total mensal?

Alternativas: Abaixo de 1 salário mínimo (menos de R\$1.302); De 1 a 3 salários mínimos (R\$1.302 a R\$3.906); De 3 a 5 salários mínimos (R\$3.906 a R\$6.510); De 5 a 8 salários mínimos (R\$6.510 a R\$10.416); De 8 a 10 salários mínimos (R\$10.416 a R\$13.020); Acima de 10 salários mínimos (mais de R\$13.020).

ANEXOS

ANEXO A - PUBLICAÇÃO DA MATÉRIA “ALUNO DE CIÊNCIAS SOCIAIS NÃO É MAIS AQUELE”



Fonte: GOMES, Marcos. O aluno de Ciências Sociais não é mais aquele. *Jornal da USP*. Coleção Simon Schwartzman. São Paulo, 1-7 jun. 1992. Disponível em: https://archive.org/details/OAluunoDeCienciasSociaisNaoEMaisAquele/1992jusp_c_sociais/

Aluno das Ciências Sociais não é mais aquele

Pesquisa mostra que diminui o interesse pelo curso. Será que as Ciências Sociais não fazem mais a cabeça de ninguém como no tempo da ditadura? Muitos se queixam de que há muita teoria e nenhuma profissionalização. Por Marcos Gomes

Foto: Francisco Imani/Agência USP



Luis Antônio: "A crise é mundial".



Virgínia: "É preciso orientar empresas".



*Jacqueline e Kenato:
"Pesquisa não é científica".*

Crise nas Ciências Sociais? Um estudo do Nupes (Núcleo de Pesquisas sobre Ensino Superior) revelou que quase metade dos matriculados (42,5%) abandonam o curso ainda no primeiro semestre e só 25% chegam a concluí-lo. A maioria dos alunos também não dá importância às notas, pretende terminar o curso num tempo maior que o normal e reclama que é dada muita ênfase à "teoria" e que o curso não prepara para uma atividade profissional. Muitos afirmam que um dos principais atrativos das Ciências Sociais são a menor concorrência no vestibular, o fato de a USP ser gratuita, ter prestígio e oferecer cursos noturnos.

Esse trabalho, dirigido pelo professor Simon Schwartzman, faz parte do projeto "A Trajetória Acadêmica e Profissional dos Alunos da USP", que se iniciou em 1991, quando foram feitas 3 mil entrevistas com alunos de primeiro ano e também com pós-graduandos e formados dos últimos dez anos, em quatro grandes áreas da Universidade - Engenharia Elétrica, Física, Pedagogia e Ciências Sociais.

"A procura pelo curso de Ciências Sociais está diminuindo - não só na USP, mas também em outros centros de ensino, como a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), que este ano encerrou as inscrições para o curso", constata Schwartzman. Ele atribui a perda de prestígio do curso à diminuição da motivação política de transformar a sociedade, que dava às Ciências Sociais um ar de guardiãs da liberdade de pensamento nos anos de ditadura. "Afinal, foi esse curso que fez a cabeça de gente como o senador Fernando Henrique Cardoso e o deputado federal Florestan Fernandes."

Perfil dos alunos

Simon Schwartzman revela que alguns professores com quem foi discutido o trabalho sobre as Ciências Sociais atribuem a pretensa falta de empenho dos alunos ao fato de o curso ter envelhecido. "Estamos ensinando a cartilha dos 'três porquinhos' da Sociologia - Marx, Durkheim e Weber -

do mesmo jeito que nós a aprendemos, sem nenhuma mudança de metodologia", constatou a professora Maria Hermínia, por exemplo.

"Mas os próprios docentes também chamaram a atenção para as características do curso", pondera Simon Schwartzman. "Ele não garante um emprego na área para os recém-formados, como a Medicina ou a Engenharia. Por isso os índices de evasão provavelmente sempre foram altos - e devem se aproximar dos de outros cursos 'teóricos', como a Física, que pode ser considerada a 'Ciências Sociais' das Exatas." E houve também quem questionasse a própria pesquisa do Nupes: "Acho precipitado tirar conclusões a partir de um só estudo, cuja metodologia não está muito clara", preocupou-se a professora Lufza Martins.

Classes diferentes

As tabulações revelaram grandes diferenças na proporção de mulheres e nas faixas etárias nos cursos diurno e noturno. De dia, 76,1% dos alunos são mulheres, índice que cai para 40,3% à noite. Da mesma forma, a média de idade dos ingressantes no curso diurno é de 21 anos, enquanto no noturno gira em torno dos 24 anos. As classes sociais também são diferentes, como revela o fato de 83,1% dos alunos do diurno serem sustentados pelos pais e 64,5% dos do noturno trabalharem para manter-se.

A ideia de que a possibilidade de ampliar a cultura geral e o desenvolvimento intelectual motivou as pessoas a ingressarem no curso (77% das respostas do diurno e 61% do noturno) é reforçada pelo fato de 18,3% do total de formados ter outro diploma, além do de Ciências Sociais, e mais de 50% do total de ingressantes estar fazendo outro curso simultaneamente.

Mas essas informações contrastam com o fato de os ingressantes não conhecerem os professores pelo nome, não saberem que matérias irão estudar nem as carreiras oferecidas (índices superiores a 60% tanto no diurno como no noturno). "Apesar da boa fama do curso, os alunos parecem vir para ele preparados para uma 'estratégia frouxa', em que eles investem

pouco sabendo que ganharão pouco no final", analisa o professor Simon. "É o contrário dos cursos onde o custo do ingresso é mais alto e os objetivos profissionais são muito mais definidos, como as engenharias, por exemplo."

Mudanças no curso

Apenas 25% dos entrevistados acham que o curso os prepara para o mercado de trabalho e muitos se queixam do pouco apoio da Universidade para a profissionalização dos alunos. Os formados se dispersam numa grande variedade de atividades profissionais, com a maioria (43,58%) desempenhando cargos públicos: 4,67% no governo federal, 30,35% no governo estadual ou municipal e 8,56% em empresas públicas de economia mista. A atividade no magistério predomina (22%).

Com base nos dados, o professor Schwartzman traçou quatro perfis diferentes de alunos: os que fazem o curso para complementar outros cursos e interesses; os que seguem carreira acadêmica na área (pesquisa e pós-graduação); os que fazem o curso para se qualificar num mercado de trabalho que exige senso crítico; e os que cursam Ciências Sociais enquanto esperam outra oportunidade mais adequada para eles.

Diante desses perfis e da crise enfrentada pela área, Schwartzman sugere uma modificação nas Ciências Sociais, que poderiam oferecer três alternativas aos alunos. Um curso de formação científica e acadêmica mais restrito, que exigisse dedicação integral de pequenos grupos de alunos, com mecanismos bem definidos de desligamento dos que não conseguirem acompanhar o programa. Um curso voltado para os que não pretendem se profissionalizar em Ciências Sociais feito através de módulos, cujo conjunto permite obter o título de bacharel, mas que podem ser estudados em parte por interessados em assuntos específicos, como cursos de extensão. E um curso profissionalizante, voltado para necessidades específicas do mercado de trabalho, como administração e gerência, com exigências semelhantes ao primeiro.

Fonte: GOMES, Marcos. O aluno de Ciências Sociais não é mais aquele. *Jornal da USP*. Coleção Simon Schwartzman. São Paulo, 1-7 jun. 1992. Disponível em:

https://archive.org/details/OAlunoDeCienciasSociaisNaoEMaisAquele/1992jusp_c_sociais/

Estudantes rejeitam conclusões da pesquisa

A pesquisa do professor Simon não é científica. Ela dá um ar científico a uma idéia pré-estabelecida, pois as conclusões a que chegou coincidem com as idéias que tinha antes de iniciar o trabalho, critica Jacqueline Sinhoretto, aluna do segundo ano de Ciências Sociais. Ela questiona também a diminuição da procura pelo curso na USP: "Na verdade o que mudou foram os critérios da Fuvest, que há dois anos estabelecia uma cota de três alunos por vaga e agora passou para quatro por vaga". Mas ela também acha que existe uma crise. "Só que é uma crise do ensino superior como um todo, uma crise de massificação que não se restringe às Ciências Sociais. Alguma coisa precisa ser feita, mas não dá para fechar uma proposta de reformulação com base nos critérios de uma única pessoa."

Jacqueline entende que uma das causas da crise é o fato de as faculdades formarem mais pessoas que o mercado comporta — em todas as áreas. Mas prevê que o curso de Ciências Sociais começará a ser revalorizado: "Noto que, nos países do Primeiro Mundo, começa a se manifestar uma tendência de superação da especialização exagerada. As pessoas agora estão começando a fazer rodízios e alternando funções".

Renato de Lima, também estu-

dante do segundo ano, concorda com ela: "As Ciências Sociais estão mais aparelhadas para sair dessa crise geral, pois seu instrumental crítico lhes permite olhar para si próprias e encontrar saídas. A pessoa faz Ciências Sociais porque gosta; se fosse só para conseguir diploma, poderia fazer cursos mais fáceis, como Letras, por exemplo". Ele acha que deve haver reformulação curricular, mas sem elitizar o curso. "Existem pessoas que não têm condições de estudar o dia todo — e para elas seria necessário um esquema de bolsas de estudo."

Crise de paradigmas

Outro aluno, Luís Antônio de Araújo, que faz parte da diretoria do CA das Ciências Sociais, o Ceupes (Centro Universitário de Pesquisa e Estudos Sociais), aponta uma crise de paradigmas: "Com a queda do muro de Berlim, as correntes filosóficas que alimentavam as Ciências Sociais mostraram que não fornecem verdades definitivas." Ele vê a crise das Ciências Sociais como um fenômeno mundial: "É uma crise das Ciências Humanas, que estão sendo menos solicitadas que as Exatas e as atividades técnicas, como a Informática, com mais aplicativos a curto prazo". Segundo ele, os cursos teóricos, como o de Ciências Sociais,

não contam com o apoio da família e dos amigos de quem os segue. "Um jovem alemão me disse que, em seu país, as pessoas aconselham a tirar registro de taxista aos estudantes de Ciências Sociais, porque terão dificuldade de conseguir emprego."

Especialização do saber

Para Luís, a crise das Ciências Humanas reflete uma crise do Humanismo, "que tem a ver com o alto grau de especialização do saber e da tecnologia". Mas ele acha que o papel dos cientistas sociais é mais importante do que nunca. "As Ciências Sociais se voltam para o objetivo maior de qualquer ciência, que é a melhoria das condições de vida da humanidade."

Já a estudante Virgínia Canedo, que também faz parte do Ceupes, acha que a falta de oferta de emprego para os cientistas sociais decorre do desconhecimento das empresas, "que não sabem utilizar esse tipo de cientista: Nosso curso nos dá uma visão ampla da sociedade, e isso é muito útil. Conheço um cientista social que trabalha em agência de publicidade. Vejo um bom mercado para os cientistas sociais nos setores administrativos das empresas e nos departamentos de pessoal. Mas hoje em dia nós só fazemos estágio em órgãos públicos".

Fonte: GOMES, Marcos. O aluno de Ciências Sociais não é mais aquele. *Jornal da USP*. Coleção Simon Schwartzman. São Paulo, 1-7 jun. 1992. Disponível em:

https://archive.org/details/OAlunoDeCienciasSociaisNaoEMaisAquele/1992jusp_c_sociais/